




Coleção
Documentos
105

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



CIVILISMO X MILITARISMO:

A SUCESSÃO PRESIDENCIAL
DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

CIVILISMO X MILITARISMO: A
SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910
NA CONCEPÇÃO DA REVISTA *O*
MALHO





Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

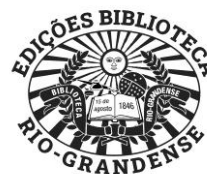
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA *O MALHO*



- 105 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2025

Ficha Técnica

Título: Civilismo X militarismo: a sucessão presidencial de 1910 na concepção da Revista *O Malho*

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 105

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: O MALHO. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Maio de 2025

ISBN – 978-65-89277-04-0

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

APRESENTAÇÃO

Ao longo da República Velha plasmou-se uma identidade política demarcada a partir de uma alternância entre paulistas e mineiros no comando do Estado Nacional Brasileiro, com acordos e conchavos entre as duas oligarquias centrais que garantiam a manutenção da Presidência da República em suas mãos. Tal realidade, entretanto, não constituiu uma realidade absoluta com o episódico aparecimento de dissidências que se lançavam em campanha contra a indicação da convenção que apontava o nome do sucessor agraciado com o apoio governamental. Tais frentes oposicionistas configuravam fissuras no sistema predominante, ficando elas normalmente circunscritas ao período eleitoral, havendo uma tendência de retorno à rotina política predominante, seja após a divulgação do resultado das urnas, ou, a médio prazo, na realização de novas eleições. As mais importantes candidaturas dissidentes foram representadas pela Campanha Civilista (1909-1910), pela Reação Republicana (1921-1922) e pela Aliança Liberal (1929-1930). A Campanha Civilista resultou das articulações do Presidente Nilo Peçanha com a maior parte das oligarquias estaduais, que levaram à convenção nacional o nome do militar Hermes da Fonseca, que se transformaria no candidato situacionista, ao passo que paulistas e baianos dissidiaram, promovendo a candidatura oposicionista que levava à frente o nome do republicano histórico Rui Barbosa. Tais candidaturas encamparam em suas atuações uma verdadeira dicotomia entre o retorno dos militares ao poder, conforme fora na inauguração da forma de governo, e a manutenção governamental em mãos dos civis, estabelecendo-se então um conflito entre militarismo e civilismo.

Assim como nas demais campanhas em que se enfrentaram governistas e dissidentes, a imprensa teria um papel essencial na divulgação das disputas, ideias e práticas de governistas e oposicionistas, havendo, inclusive, a tomada de posição de alguns periódicos ao lado de um dos lados em confronto durante o processo eleitoral. Naquela década inicial dos Novecentos, o periodismo escrito ainda exercia um papel essencial como meio de comunicação e formação de opinião, com a publicação de variados gêneros jornalísticos. Dentre eles, um que começava a cada vez mais cair no gosto do público leitor foi o das revistas, com seu formato, padrão editorial e qualidade gráfica diferenciados, além de uma atenção especial para a inserção de ilustrações, que garantiam um consumo ainda maior de suas edições¹. Dentre os tantos títulos que marcaram a publicação de magazines no contexto brasileiro, houve destaque para as revistas

¹ A respeito das revistas, observar: CAMARGO, Susana (coord.). *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.; COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)visita(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2016.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

ilustradas que tinham um segmento importante de sua pauta editorial voltado ao enfoque crítico-humorístico, mormente expresso por meio da arte caricatural².

Umas dessas revistas ilustrado-humorísticas foi *O Malho*, que surgira em 1902 e, com menos de uma década de existência, em 1910 já tinha um amplo destaque entre as publicações editadas no Rio de Janeiro. Sua popularidade ganharia tanto terreno que a distribuição viria a ampliar-se consideravelmente, vindo a circular nas mais importantes localidades brasileiras. O periódico contou com vários expoentes da intelectualidade nacional nas colaborações literário-culturais, bem como teve entre seus ilustradores alguns dos mais importantes representantes da arte caricatural brasileira. Suas páginas destinavam-se à divulgação de cenas do cotidiano, enfocando temáticas variadas como a política, a social, a econômica e a cultural, mantendo o padrão gráfico de seu gênero, com a tradicional associação entre matéria textual e o conteúdo iconográfico, com abundância na inserção de fotografias e caricaturas. Em termos políticos, nos casos de dissidências republicanas ao longo da República Velha, *O Malho* sustentou as campanhas governistas e antagonizou com as dissidentes Campanha Civilistas, Reação Republicana e Aliança Liberal. Desse modo, em 1910, considerado como o “período de ouro” das caricaturas, no

² Acerca das revistas ilustrado-humorísticas, ver: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 53-64.; e SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 290-334.

enfrentamento presidencial, o magazine ilustrado carioca se extremou no combate à candidatura Rui Barbosa, estabelecendo um embate corrosivo, irônico e violento contra o adversário³. A abordagem do confronto eleitoral entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa pelo prisma dos registros textuais, fotográficos e caricaturais realizada por *O Malho* entre janeiro e meados de março de 1910 constitui o objetivo deste livro.

³ PORTO, Walter Costa. *Eleições presidenciais no Brasil: Primeira República*. Brasília: Senado Federal, 2019. p. 162.

ÍNDICE

Registros textuais e fotográficos / 15

Expressões caricaturais / 65

REGISTROS TEXTUAIS E FOTOGRAFICOS

No processo que marcou a eleição presidencial de 1910, em suas manifestações textuais, *O Malho* adotou uma postura política altamente engajada, participando ativamente na luta pelo poder, uma vez que a política consiste um dos lugares no qual o discurso exerce privilegiadamente alguns de seus mais temíveis poderes, já que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que e pelo que se luta, o poder do qual os grupos querem se apoderar⁴. Nesse quadro, o objetivo do discurso político consiste em vencer a luta através do jogo da desconstrução e reconstrução de significados, interpelando através da construção articulada de uma visão de mundo”, refletindo-se assim, por meio das palavras, as ideias e atitudes⁵. Em tal contexto, o jornalismo exerce um papel fundamental em redimensionar o discurso político, criando inclusive novos polos de polêmica, pautando temas e comportamentos⁶.

Assim a revista ilustrada e humorística atou na formação de um enfrentamento discursivo, o qual expressa uma contradição marcada pela promoção de uma situação de argumentação dialógica, com a gênese das oportunidades para o incremento às figuras que se opõem entre si⁷. Tal conflito

⁴ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 9-10.

⁵ PINTO, Céli Regina. A sociedade e seus discursos. In: *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 51-52.

⁶ PINTO, Céli Regina. Ao eleitor a verdade: o discurso político da imprensa em tempos eleitorais. In: BAQUERO, Marcello (org.). *Brasil: transição, eleições e opinião pública*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1995. p. 67-68.

⁷ CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 129.

discursivo é demarcado por dois contextos discursivos antagônicos, em que os interlocutores se constituem como dois lugares sociais com igual poder de palavra, mas adversários, em uma perspectiva pela qual ambos se remetem a discursos em algum sentido em conflito e, nessas circunstâncias, a relação enunciativa se desenvolve como uma luta pela hegemonia de um deles⁸. Tal discurso esteve intrinsecamente relacionado com o caráter de luta sua construção envolve, a qual está vinculada ao o jogo do significado, ao o jogo da construção do antagonismo, ou seja, cada discurso busca construir a sua visão de mundo em oposição à visão de mundo do adversário, de forma que o antagonismo se constrói pelo esvaziamento do significado do discurso do outro⁹.

A adesão de *O Malho* à candidatura governista ficava demarcada no editorial da primeira edição referente ao ano de 1910, segundo o qual, “a plataforma do marechal Hermes da Fonseca é um documento sóbrio, claro e substancial, abordando com decisão todos os ramos da administração pública”. Referindo-se ao adversário, o periódico dizia que a manifestação do candidato situacionista, “sem floreios de retórico, nem devaneios utopistas, exprime o pensar discreto e seguro de um estadista calmo acerca de todos os problemas” que, de acordo com a constituição, poderiam “formar o conjunto de um fecundo quadriênio de governo útil”. Considerava que tal “apresentação política” não prometia em demasia, limitando-se “àquilo que é humanamente possível cuidar

⁸ MARTINS, Eleni J. *Enunciação & diálogo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 180-1.

⁹ PINTO, 1989. p. 55..

em quatro anos de gestão”, vindo assim a agradar “às classes conservadoras”, que seriam “aquelas cujo bem estar se funda principalmente na regularidade da vida da nação, sem os abalos e sobressaltos, fatalmente causados pelas inovações teóricas”, que eram “sonhadas por individualidades” apaixonadas e que turvavam “perigosamente o senso comum”, além de atirar “as nações no vórtice das aventuras”¹⁰.

Ainda a respeito da plataforma política em pauta, o semanário citava trecho no qual o candidato garantia que não viria a emprestar “uma feição militarista” a seu governo, de modo que o mesmo seria “de origem genuinamente civil”. Em relação a isso, o periódico afirmava tratar-se de “uma declaração que pertence há muito à consciência de todos quantos, imparcialmente e com isenção de ânimo, apreciam as coisas políticas do ponto de vista que as circunstâncias oferecem”. Garantia assim que, “para os espíritos livres da influência de qualquer partidarismo”, seria “profunda a convicção de que o marechal Hermes da Fonseca fará talvez o governo mais civil de quantos temos tido na República”. Os elogios persistiam a partir da constatação de que “modesto, enérgico e patriota, com real prestígio nas classes armadas e na mocidade que por todo o Brasil se apresta para defender a pátria, o candidato da Convenção Nacional de Maio” poderia vir a “ter, como nenhum outro, a calma indispensável a um governo forte e disposto a agir com firmeza no caminho das soluções republicanas”, inter-relacionadas como “o bem estar da nação”, de modo “a reagir contra todos os abusos, contra todas as ameaças de anarquia,

¹⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º jan. 1910.

contra todos os desfalecimentos do civismo, onde quer e como quer se manifestem”¹¹.

Na concepção do magazine, haveria “a necessidade de um governo honesto, patriótico e forte para dominar a onda que se avoluma, anarquizadora de todos os grandes princípios básicos sobre os quais o Brasil assentou a sua preponderância na América Latina”, a partir de uma “gigantesca unidade” e “pelo caráter profundamente nacional que torna inconfundíveis os traços da sua população”, de norte a sul do país. *O Malho* acreditava que “o pleito de 1º de março vai ser salutarmente disputado”, como estariam a comprovar as “tão ardorosas disposições” da “cor política” civilista, “infelizmente muito avermelhada no seu aspecto explosivo”. Nesse sentido, comentava que “a candidatura oposta” estaria “fazendo e avolumando o eco às destemperadas diatribes de foliculários apaixonados, possessos ou capadócios”, uma vez que Rui Barbosa “enxertou nos seus discursos verdadeiras catilinárias, em que, de envolta com a pintura impressionista e trágica do *papão* – militarismo – havia toques violentos de ataques pessoais, amesquinhando a individualidade do adversário”. Apontava assim que seria “de estranhar” a atitude “panfletária do Sr. Rui”, restando ao marechal Hermes “o papel de professor de civilidade, nunca se referindo com menoscabo à individualidade do antagonista”¹².

As atitudes dos parlamentares oposicionistas no Congresso Nacional eram vistas de modo crítico pela revista, ainda mais no que tange a temáticas

¹¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º jan. 1910.

¹² O MALHO. Rio de Janeiro, 1º jan. 1910.

envolvendo as questões de política internacional e financeira, como ao apontar para a “indecente obstrução do civilismo ao tratado de limites e navegação entre o Brasil e o Uruguai”, bem como para “esse orçamento de prodigalidades amalucadas que, no dizer dos entendidos, levará o país à bancarrota, se cumprido em todos os seus detalhes”. Referindo-se a uma das personificações do adversário, o deputado federal Irineu de Melo Machado, defensor contumaz do civilismo, o hebdomadário considerava ironicamente que aquelas obstruções teriam significado “duas *vitórias* do ‘regime do Irineu’”, o qual “se caracteriza geralmente pela mais deplorável anarquia moral das instituições legislativas e judiciárias, ameaçando a ordem e a sociedade pela subversão completa das normas comuns, sobre as quais repousa a sua segurança”. A respeito da ação dos dissidentes, tecia a consideração de que “parece que uma rajada de insânia, soprando violenta no nosso meio político, ameaça produzir na ordem moral os fenômenos devastadores com que na ordem física algumas nações do velho mundo têm sido assoladas”¹³.

Os métodos dos civilistas eram vistos como provocadores de “tremenda borrasca”, expressos por meio de “gritos histéricos e berros alucinados da anarquia”. Apontava ainda que “o civilismo quer a retórica inflamada, o *vivório* nas ruas, a pilhéria *preparada*, a troça de rapazes, a discussão nos bares, a indisciplina nos quartéis” e o “*banzé* de cuia”, de maneira que, “ao gesto dos Irineus todo esse civilismo se agita, se extrema, se desencadeia”, como uma “espécie de touro bravo, à solta pelas avenidas e ruas transitadas, abusando da

¹³ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 jan. 1910.

liberdade de movimentos, conquistada violentamente pelo pressentimento da derrota". Nessa linha, a publicação ilustrada concluía que "o Brasil, com seu crédito intacto, com o seu nome aureolado por grandes feitos dentro da ordem e da civilização, não pode ficar à mercê dessa farandolagem politiqueira", em quadro pelo qual, "ou ela se restringe aos limites onde começa a liberdade dos adversários e a necessária ação administrativa da República", ou uma "reação se imporá, enérgica, em nome do interesse geral da coletividade e da dignidade da instituição", a qual fora "com tantos sacrifícios implantada, consolidada e, agora, tão intoleravelmente amesquinhada, pelo terror iminente e perene da mazorca"¹⁴.

As críticas ao civilismo permaneciam em mais uma das edições da seção intitulada "Crônica", na qual aparecia uma espécie de revista semanal. Em relação às disputas territoriais entre Santa Catarina e Paraná, a folha constatava que o país atravessava "uma quadra em que os fatos perdem de todo a sua feição calma, verdadeira e útil, para só apresentarem um lado irritante, falso e prejudicial", ou seja, "o lado político ou, melhor, o lado faccioso". Acusava que havia na região em litígio havia interesses eleitorais dos civilistas, vindo a apontar para a ação do Supremo Tribunal que, "desgraçadamente rebaixou-se ao papel de serviçal da politicagem", que, "sob a capa da justiça, vai atirando lenha na fogueira". Outro "fato da semana registrado" foi "a desorientação da campanha civilista", que teria caído "no ridículo das coisas cômicas" ao "inventar perseguições e ataques contra os seus órgãos de imprensa, obrigando

¹⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 jan. 1910.

a polícia a lhe montar guarda às portas". Tais "*recursos*" eram apontados como "muito cediços e, positivamente, não pegam", uma vez eu, "a não ser alguns caipiras itinerantes, ou gênio da fé ainda mais simples, ninguém mais deixa de enxergar através dessas invenções de ataques e outras selvagerias" uma falsidade, de maneira que "ataques aos jornais civilistas" seria uma ação que "não é de cabo, é de marechais de esquadra"¹⁵.

A respeito da plataforma política expressa por Rui Barbosa, o semanário avisava que não se tratava de "um documento sereno e pausado, uma explanação mais ou menos sintética ou prolixa de ideias úteis", ou seja, de "um programa de governo, em suma", mas "sim, uma usina de raios, uma fábrica de carapuças, um *angu* de caroço, enfim". Destacava que tal proposta, "com razão", já fora chamada de "'plataforma panfleto, plataforma verrina', mas o que se lhe pode chamar com mais clareza é plataforma do ódio e do despeito", sendo ainda descrita a partir da "incontinência de linguagem" e das "rasteiras no código de civilidade". Rui Barbosa era criticado por agitar "o espantelho do militarismo para amedrontar os caipiras", acusar injustamente membros do governo e buscar a desorganização do Exército. Em conclusão, a revista justificava não ter se referido a outros temas, tendo em vista que "as bravatas do civilismo são de tal ordem, que se perde a noção histórica das coisas"¹⁶.

Ainda a respeito dos adversários, a revista carioca se referia aos "discursos revolucionários" dos civilistas, que seriam "inveteradamente

¹⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 jan. 1910.

¹⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 jan. 1910.

saturados de *vírus rábico* com esvurmares catiungudos de cafajestes". Nessa linha, considerava que "o civilismo perde as estribeiras", ao enveredarem "pela rampa descendente que vai ter ao abismo fraticida". Com ironia, questionava se seriam aqueles "os homens da *ordem civil*, os partidários do direito" e "as *vestais* da pura democracia"¹⁷. Também "a propósito das candidaturas presidenciais", o semanário se referia a "essa fútil barulhada politqueira, que só serve para esterilizar a força do Brasil"¹⁸. O periódico se coloca dentre aqueles que abominavam "a politicagem que por aí campeia desenfreada" e que preferiam a preeminência, "a despeito de toda essa anarquia mental", dos "grandes interesses da pátria"¹⁹.

A partir do olhar crítico acerca do civilismo, a publicação dizia que "também ele se prostituiu atavicamente, dando à lua esse esforço masturbatório do pretendido conluio de adversários para o assassinato do Sr. Rui Barbosa". Levando em conta tal tema, o magazine apontava que "parece incrível tanta demência", mas, uma vez "vistas as coisas por outro prisma, logo se atina que o civilismo tentou meter medo aos incautos e arrebanhar adesões, pintando-se tão possivelmente vitorioso, que até os adversários em confusão tentavam suprimir a vida do ídolo dele". Demarcava que se dava "justamente o contrário", pois "quem vencerá a 1º de março é o partido nacional das candidaturas republicanas de maio, e quem planeja e vai realizando a supressão violenta dos

¹⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.

¹⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 fev. 1910.

¹⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 fev. 1910.

chefes políticos adversários” seriam os civilistas. Nessa linha, arrematava sentenciando que “quem mata é quem está em desespero de causa, é quem se sente vencido, é quem só se pode vingar matando, é, em suma, o desmoralizado civilismo”²⁰.

Na última edição que antecedeu o pleito eleitoral, na seção editorial “Crônica”, *O Malho* chegou a enaltecer o papel da campanha eleitoral, imaginando a vitória da chapa governista e, mantendo a veemência, atacou o civilismo, considerando que sua ação não teria sido coerente com os costumes nacionais políticos²¹:

Quem ousara exigir outro assunto que não seja o das candidaturas presidenciais ou, melhor, essa luta formidável que por aí campeia, agitando o país, de ponta a ponta, do litoral às fronteiras, em todas as células vivazes deste vasto organismo territorial?

Nunca o Brasil ofereceu espetáculo igual: e só o fato de tão extraordinária e salutar agitação deve encher de orgulho os republicanos de espírito e coração, aqueles que sonhavam com esta vida democrática, vibrante de interesse pela escolha e eleição de quem terá de lhe dirigir os destinos durante um rápido quadriênio.

O cronista confessa-se maravilhado com esta prova de vitalidade, que parecia ficar eternamente oculta, desconhecida ou sufocada, graças ao princípio comodista da delegação de poderes a meia dúzia de empreiteiros, encarregados de erguer os monólitos presidenciais de quatro em quatro anos.

Abençoada seja, pois, a hora em que se resolveu estabelecer, primeiro a ratificação do princípio oposto às imposições do Catete, depois, a divergência quanto ao nome que reunirá os sufrágios para encarnar e afirmar esse princípio!

²⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 fev. 1910.

²¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.

Mas o civilismo levou longe demais os seus meios de ação para externar e acentuar essa divergência.

Os seus processos começaram impertinentes e acabaram violentos. Da viscosidade do réptil evoluiu à raiva do tigre, cuja máxima e fiel expressão aí está nessa imprensa que atassalha furiosamente a honra dos adversários e nesse passeio do Sr. Rui Barbosa a Minas, excursão durante cujos estádios oratórios, o ódio e o despeito envoltos em erudição marcial de gabinete e em hipócritas evocações histórica, alastraram como lavas sobre a corporação que, no Brasil, tem sido a vanguarda de todos os grandes movimentos liberais, do civismo e da defesa da sua honra e da sua soberania...

Comparar o Exército de um país novo, ainda em organização democrática e chamado constantemente a imiscuir-se em questões internas para aplainar e sanar as exuberâncias ou os destemperos do nosso temperamento febricitante, agravado pela herança de analfabetismo, de que ainda nos não soubemos libertar; comparar, portanto, uma classe em formação, suscetível de todos os progressos, com essas formidáveis e seculares organizações fixas do velho mundo, é abusar do talento de expressão e pretender embasbacar os mortais com o peso e o brilho das citações e dos paradoxos.

Mas o genial Sr. Rui Barbosa não se contentou com os triunfos oratórios facilmente conquistados por esse brilho das suas palavras.

Quis outros e desde o primeiro ao último discurso asseitou o candidato adversário com os mais ignominiosos dardos do seu vasto repertório. Por pouco, ouvi-lo-íamos negar ao marechal Hermes a qualidade de brasileiro e considerar o seu ex-modesto, ex-nobre e ex-honrado amigo como um estrangeiro perigoso, passível de ser deportado...

Estes e outros excessos é que o cronista não pode deixar de condenar, veementemente, nem deles o Sr. Rui Barbosa precisava para fazer a propaganda do seu inefável civilismo... de que Deus nos livre e guarde, aliás, pois já estamos inteirados do que é o *terror branco* das casacas...

E que diferença de procedimento! Enquanto o candidato da *reação da cultura* descultuava indisciplinadamente o Exército da sua terra e metia de rijo a *catana* que Deus lhe deu na pessoa do seu adversário político, este, seguindo invariavelmente no Rio Grande do Sul a norma de proceder que, desde o início da campanha se impusera, ou silenciavam absolutamente acerca do candidato adversário ou a ele se

referia em termos dignos... No entanto, ser-lhe-ia fácil atacá-lo politicamente, em todos os terrenos, pois todo mundo sabe que o Sr. Rui Barbosa não é invulnerável à crítica.

Deixemos, porém, estas retaliações que até ao cronista parecem desairosas e aguardemos o pleito do dia 1º.

Ele é que decidirá se o marechal é o diabo que o Sr. Rui Barbosa pinta ou se este é o anjo que se faz...

A culminância do processo eleitoral, com o comparecimento às urnas, foi vista pelo magazine ilustrado, como a coroação da candidatura situacionista ²²:

Falaram as urnas do Brasil, elegendo Presidente da República para o próximo quadriênio o marechal Hermes da Fonseca.

Foi renhido o pleito, e, salva a pressão exercida pelos governos dos dois Estados que se sobrepuseram ao sentimento conservador da sociedade, encampando o pretenso civilismo, pode-se dizer que foi livre, libérrimo.

Já aqui acentuamos o benefício enorme para a nossa democracia, resultante dessa divergência que dividiu a nação, senão em dois partidos, pelo menos em dois grupos; cumpre-nos, porém, completar o esboçado pensamento, dizendo o que está na consciência pública, isto é, que, bem ou mal, o marechal Hermes da Fonseca representa o princípio ativo da reação definitiva contra as imposições do Catete na escolha dos sucessores presidenciais – princípio salutaríssimo a que se veio juntar um programa claro, definido principalmente pela doutrina conservadora da não revisão da nossa carta constitucional; ao passo que o ilustre candidato adversário representava um princípio anticonstitucional: o de negar aos militares o direito à suprema investidura da nação – princípio este para logo mascarado com mil expressões cômicas de um terror caricato pela espada, como se ela não tivesse sido sempre, no Brasil, a vanguarda das suas conquistas liberais.

²² O MALHO. Rio de Janeiro, 5 mar. 1910.

Eleito o candidato da convenção nacional e puramente civil de 22 maio, já se anunciou que não cessará a pretensa reação do civilismo façanhudo, ora deliberado a queimar outros cartuchos, visto que os do sufrágio das urnas lhe falharam.

Teremos assim a continuação do período de agitações, agora estéreis, com o séquito de colossais mentiras, tão do gosto dos palavrosos adversários. De novo se procurará criar uma atmosfera asfixiante de boatos, de arremessos contra o prestígio das autoridades, de baldões e doestos, de tudo, enfim, que anarquiza e destrói.

Até quando?

Só *eles* e Deus o sabem...

Tenhamos paciência!

As ambições, os ódios e os despeitos não se calam com duas razões. Despertados pela candidatura politicamente nacional de um homem capaz de fazer um governo forte e honesto, hão de gritar, hão de procurar sobrepor-se ao consenso geral dos que trabalham, dos que desejam sinceramente a ordem e a estabilidade das instituições!

E nós, para sermos humanos e piedosos, devemos conceder ao enforcado o direito de espernear...

Mesmo após o término das eleições, o periódico lamentava ter de permanecer comentando tal tema, uma vez que “o impagável civilismo jurou a seus deuses não deixar que outro assunto se coloque na vanguarda daquele que vem turvando as águas” desde a época em que, “depois da recusa de todos os políticos de responsabilidade, o pitoresco ajuntamento de sumidades de meia tigela atirou à face da nação o nome brilhante do Sr. Rui Barbosa, como *gato morto*”, candidatando-se à sucessão. Considerava que “o famigerado civilismo faz questão de empolgar toda a atenção pública, tal qual o palhaço de circo na roça, que entremeia de saltos mortais as bobagens hilariantes” e, depois de “um sem número de outras *habilidades*, dança por fim a *chula* a pedido da

arquibancada". Apontava ainda que, "derrotado nas urnas por uma considerável maioria, apesar de todas as trapaças" e "derrotado de norte a sul pelo sufrágio universal – único meio estatuído para esse fim na lei fundamental – não se dá nobremente por vencido esse caricato partidarismo", dando "fictícias maiorias ao seu candidato", de modo que, "para o civilismo está eleito o Sr. Rui Barbosa"²³.

De acordo com o hebdomadário, os civilistas, além de proclamarem a vitória de seu candidato, estariam a inventar "a 'inelegibilidade' de marechal Hermes, e revoluções, muitas revoluções", apontando que a própria constituição rebatia a questão da inelegibilidade, assim como não observava condições para a deflagração de um foco de rebeldia. A partir de tais constatações, demarcava que, "positivamente, o civilismo desorienta-se, enlouquece, delira", pois, ao invés "de confessar lealmente a sua derrota e de se organizar em partido, com ideias e programa definidos, combatendo no terreno em que a crítica e a oposição ganham foros de beneméritos" e, "em vez de se converter em força parlamentar que se imponha à nação pela feição útil dos seus ideais, subindo ao poder pela escada natural que a consciência pública lhe fizer"; preferira, "escalando a janela ou arrombando o telhado, perdidas as estribeiras" correr "vertiginosamente e, aos corcovos, pelo caminho da mentira e da protéria, como se levasse o diabo no corpo". Mantendo o tom altamente crítico, o periódico realçava que não bastara aos civilistas "a criação fantástica do militarismo, imbecilmente figurada no campo oposto ao seu", de maneira que, continuava a agir a partir do "despeito", pretendendo "lançar mão das armas que não estão nas nossas senão

²³ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.

para garantia da integridade, da honra, da paz e da ordem”. Ao final, concluía com veemência, afirmando que seria “impagável este civilismo de borra, esta *cultura* de histriões, cuja hidrofobia latente está a pedir estricnina”²⁴.

Ainda que de maneira mais suave do que a estabelecida a partir de suas impressões textuais, *O Malho* também se utilizou de seus registros fotográficos para demarcar sua postura frente ao processo eleitoral, apoiando peremptoriamente a candidatura de Hermes da Fonseca. O intento fundamental assim da inclusão das fotografias foi o de demonstrar a propalada legitimidade do candidato militar, bem como evidenciar que sua campanha tinha respaldo popular. Nessa linha, o conteúdo fotográfico aparecia como uma técnica visual que não só tinha a propriedade de elevar a atenção para com o material apresentado como dar uma feição de plena realidade em relação aquilo que era mostrado, em um quadro pelo qual, como foi bastante comum àquela época, a fotografia traria consigo um viés de confirmação, quiçá até de verdade²⁵. As linhas principais que demarcaram a inclusão de material fotográfico relacionado à sucessão presidencial estiveram relacionadas à presença do candidato situacionista, ao destaque aos apoios coletivos ou individuais a tal candidatura e ainda à busca por estabelecer visões críticas quanto aos civilistas.

²⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.

²⁵ A respeito do conteúdo fotográfico como uma suposta expressão da verdade, ver: COSTA, Joan. *La fotografía entre sumisión y subversión*. México: Editorial Trillas, 1991. p. 59-60.; FREUND, Gisèle. *La fotografía como documento social*. 8.ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999. p. 8.; KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 27.; e LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1993. p. 36.

Dentre os registros fotográficos da campanha presidencial esteve um “banquete político”, qualificado como “colossal”, com a presença dos candidatos e da “mais numerosa representação da alta política do Brasil”, como vários senadores. Em “Vultos da política”, Hermes da Fonseca, identificado como “candidato presidencial da Convenção de Maio”, posava ao lado parlamentar mineiro Joaquim Batista de Melo²⁶. A campanha da candidatura Hermes-Venceslau em Minas Gerais foi igualmente registrada em meio a um “grupo de distinto pessoal”. Já em “Quadros da agitação política”, a revista fazia referência à proteção dada a um civilista pela guarda civil, em manifestação favorável aos candidatos governistas, com destaque para a quantidade de pessoas acumulada no local. Com humor, o magazine trazia fotografia de um “gracioso e excelente colaborador”, que lia o periódico humorístico imerso na água, para resistir ao calor do verão, havendo a sugestão de que os “civilistas esquentados” fizessem o mesmo, para esfriarem a cabeça. A visita de Hermes da Fonseca à Minas foi acompanhada também por um grupo de mulheres, como mostrado em “Brio feminino”²⁷.

²⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º jan. 1910.

²⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 jan. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

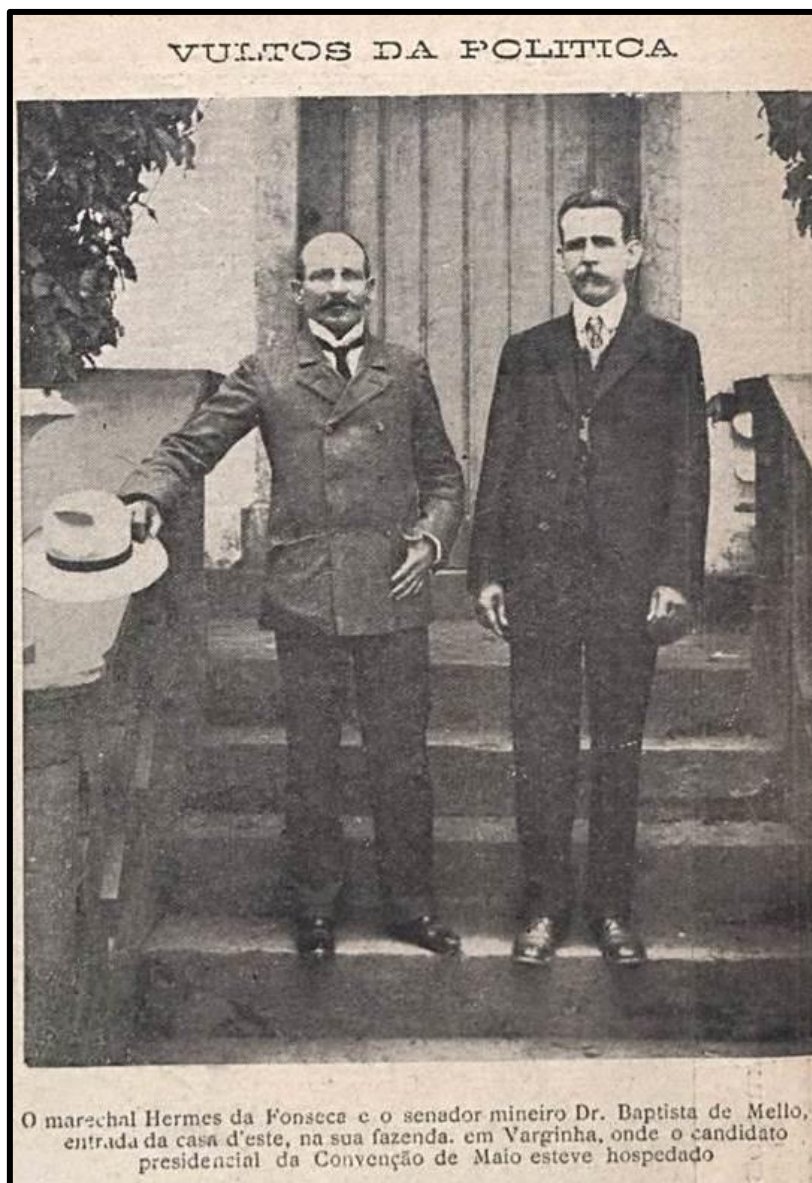
O MALHO
BANQUETE POLITICO



UM ASPECTO DO GRANDE BANQUETE REALISADO NA NOITE DE 23 NO THEATRO MUNICIPAL E DURANTE O QUAL LEU A SUA PLATA-
FÓRMA DE GOVERNO O MARECHAL HERMES DA FONSECA

Ao fundo, no lugar de honra, vê-se o venerando patriarcha da Republica senador Quintino Bocayuva, tendo á direita o marechal Hermes e á esquerda o Dr. Wenceslão Braz, seguido de um lado e outro pelos membros do ministerio e chefes politicos entre os quaes se destacam, á esquerda do leitor, os senadores Glycerio e Pinheiro Machado.

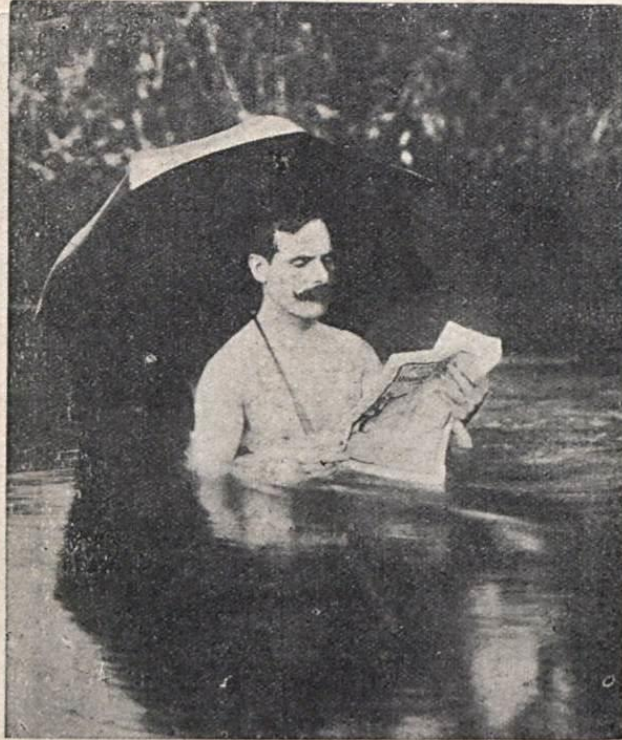
A mais numerosa representação da alta politica do Brazil tomou parte neste lanquete colossal que foi presidido pelo venerando presidente do Senado.



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



APROVEITANDO O BANHO...



O nosso gracioso e excellentes collaborador photographico A. Soucasaux praticando a *façanha* constante das seguintes linhas por elle escriptas :

« A pratica, que é, como a historia, a grande mestra da vida, nos ensinou que a melhor maneira, a mais consentanea e mais commoda de ler *O Malho*, sob a acção de uma temperatura de 40 grãos á sombra, é a que indica a presente photographia. »

Aproveitando a idéa, aconselhamos aos civilistas esquentados, que quando nos honrarem com a sua leitura, o façam pelo systema Soucasaux, afim de evitarem o *desfructe* de corcôvas e outros gestos violentos, pelas columnas dos seus jornaes...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



Em “Companheiros de jornada”, a folha associava a figura de Hermes da Fonseca e o republicano histórico Quintino Bocaiúva, denominado de “patriarca da República” e,

em “Quadros da política” aparecia o candidato à vice, Venceslau Brás, acompanhado pelo militar Bento Manoel Ribeiro, que viria a administrar o Distrito Federal²⁸. Complementando registro realizado em edição anterior, o semanário apresentou “A questão das candidaturas”, com um grupo de cidadãos mineiros “que sustentam as candidaturas Hermes-Venceslau”²⁹. A adesão de mais um apoiador à candidatura de Hermes da Fonseca foi saudada em “Conquistas da razão”, com o retrato do coronel Estevam Marcolino de Figueiredo, “congratulando-se pela conquista de tão importante elemento”. Sob a denominação “Recordação histórica”, a fotografia do chanceler brasileiro Barão do Rio Branco foi estampada no momento em que se dirigia à Câmara de Deputados para acompanhar a discussão do Tratado de Limites e Navegação entre o Brasil e o Uruguai, enfatizando que tal debate e votação haviam sido impedidos “pela obstrução da minoria civilista”. A conversa entre dois jornalistas foi apresentada em “Reportagem fotográfica”, em diálogo que revelava “a profunda convicção na vitória” de Hermes da Fonseca³⁰. O candidato governista aparecia também em “Os nossos instantâneos”, às vésperas de sua viagem ao Rio Grande do Sul, posando juntamente do senador paraense Artur de Sousa Lemos e um “outro cavalheiro”. Um outro registro fotográfico, em tom jocoso, trazia o encontro de vários homens públicos, cuja conversa tratava de “uma das muitas pilhérias acerca do civilismo, pai e mãe de todos os vícios – como a ociosidade”. A viagem do candidato presidencial foi demonstrada em “Partida do marechal Hermes para o Rio Grande do Sul” e “Bota-fora do marechal Hermes”, dando ênfase à grande multidão que acompanhava o evento, de modo a desmentir as versões dos civilistas, segundo os quais o público presente fora pequeno³¹.

²⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 jan. 1910.

²⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 jan. 1910.

³⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 jan. 1910.

³¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.

COMPANHEIROS DE JORNADA



O marechal Hermes e o senador Quintino Bocayuva, patriarca da Republica e presidente do Senado, acompanhando o prestito da recepção do Dr. Wenceslão Braz, presidente de Minas e candidato à vice-presidencia da Republica

QUADROS DA POLITICA



Chegada do Dr. Wencesláu Braz, presidente do Estado de Minas e candidato á vice-presidente da Republica, pela Convenção de Maio.

No carro de estado, em companhia do coronel Bento Ribeiro, chefe da casa-militar do presidente da Republica, S. Ex. recebe as saudações de um orador.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



REPORTAGEM PHOTOGRAPHICA



O grande jornalista Alcindo Guanabara, deputado pelo Districto Federal, tendo á direita o Sr. J. Brito.

O illustre redactor d'*A Imprensa*, habilmente interrogado pelo companheiro ocasional, affirma-lhe a sua profunda convicção na victoria republicana da Convenção Nacional de 22 de Maio.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O MALHO



Dr. J. J. Seabra, deputado federal pela Bahia e *líder* da maioria da Câmara, batendo as tres pancadinhas do estylo nas costas do illustre Dr. Ferreira Vianna Filho, ao ouvir do ardoroso orador Raphael Pinheiro uma das muitas pilherias acerca do civilismo, pai e mãe de todos os vícios — como a ociosidade..

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

O MALHO

PARTIDA DO MARECHAL HERMES PARA O RIO GRANDE DO SUL



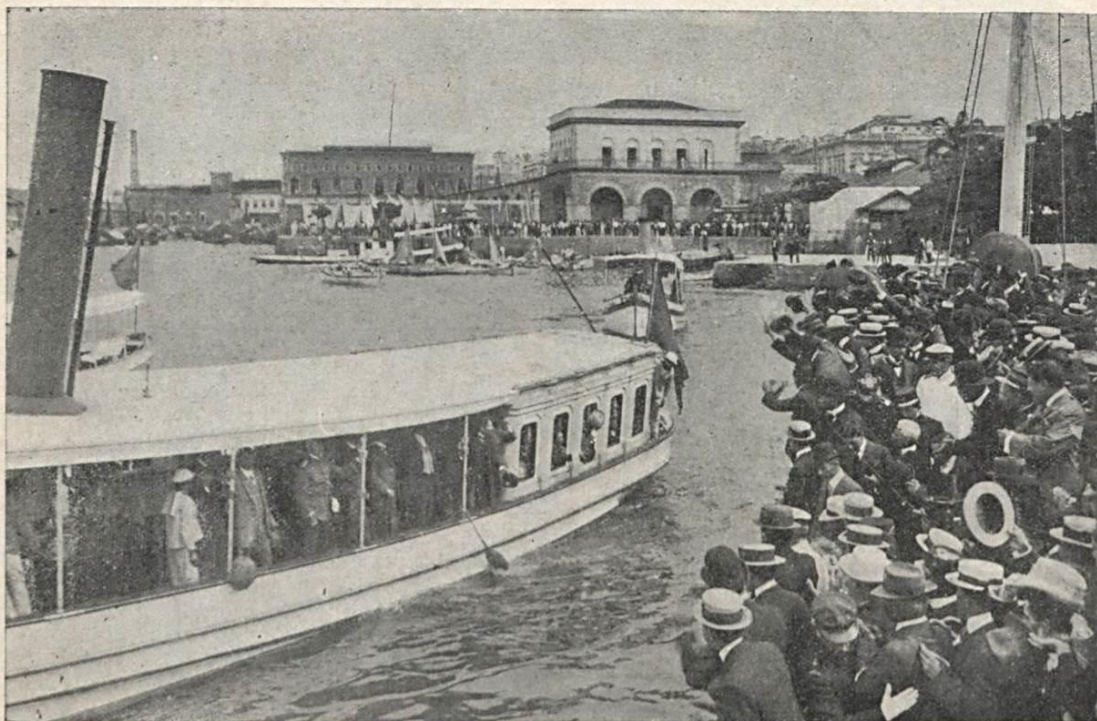
NO ARSENAL DE MARINHA: ASPECTO DE PARTE DA MULTIDÃO AGUARDANDO O MOMENTO DA PARTIDA DO CANDIDATO DA CONVENÇÃO NACIONAL DE MAIO, À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Estavam representadas todas as classes da sociedade, inclusive a acadêmica e a operária. Entretanto, os civilistas disseram que a esse bota-fora havia concorrido apenas meia dúzia de amigos... fardados.



Outro aspecto no Arsenal de Marinha, ao se afastar do cães a lancha que conduzia o marechal Hermes da Fonseca. No meio da multidão destaca-se um oficial de marinha erguendo um viva ao Exército e à Armada, viva que foi entusiasticamente correspondido.

O MALHO
BOTA FORA DO MARECHAL HERMES



NO ARSENAL DE MARINHA : UM ASPECTO DE PARTE DO CAES NA OCCASÃO EM QUE A LANCHA «OLGA», COMPLETAMENTE CHEIA, SE FAZIA AO LARGO
A multidão prorompe em *vivas*! ao marechal Hermes, que, da terceira portinhola da camara, agradece, tirando o chapéu

A conversa de mais um republicano histórico, José Lopes da Silva Trovão, “com outro ilustre hermista” foi também registrada fotograficamente, aparecendo uma fala imaginária do “famoso tribuno”, que teria se referido à sua escolha quanto a “um

patriota, um homem de senso modesto e enérgico”, fazendo alusão a Hermes da Fonseca³². Uma das “conferências populares a favor da candidatura Hermes” realizada em um teatro carioca foi retratada em mais um dos “Quadros da política”. Outra reunião hermista foi demonstrada em “Documentação fotográfica”, trazendo “uma das conferências políticas da propaganda à candidatura nacional do marechal Hermes da Fonseca”, organizada “por homens políticos que colocam a República acima de tudo”, visando a demonstrar a ampla participação e desmentir os civilistas quanto ao ambiente estar vazio³³. Mais uma vez em tom de pilhéria, a fotografia intitulada “Salvo erro ou omissão” trazia a presença do parlamentar alagoano Manuel de Araújo Ribeiro que comentava com seu interlocutor que “o civilismo perde terreno, dia a dia”, além de se referir às inverdades que estariam tomando conta da imprensa civilista³⁴. As conferências políticas a favor de Hermes voltavam a figurar no registro “Momento político”, com um “aspecto do salão” centrado nos membros da mesa. O amplo apoio de militares à candidatura de Hermes da Fonseca foi destacado na fotografia “Solidariedade de classe”. Uma “animada palestra civilista” entre militares e civis foi registrada em “Conversadores da avenida”. O republicano histórico Quintino Bocaiuva voltava a figurar, desta vez como um dos “Mártires do calor”, ao resistir à “temperatura *hálito de fofalha*”, mantendo seus trajes tradicionais, modificando apenas o tipo de chapéu, o que, segundo a folha, poderia “enunciar a renovação dos ideais republicanos tão perturbados pelo truculento civilismo, cheio de ódios e vinganças”³⁵.

³² O MALHO. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.

³³ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 fev. 1910.

³⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 fev. 1910.

³⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.

PALESTRAS POLITICAS



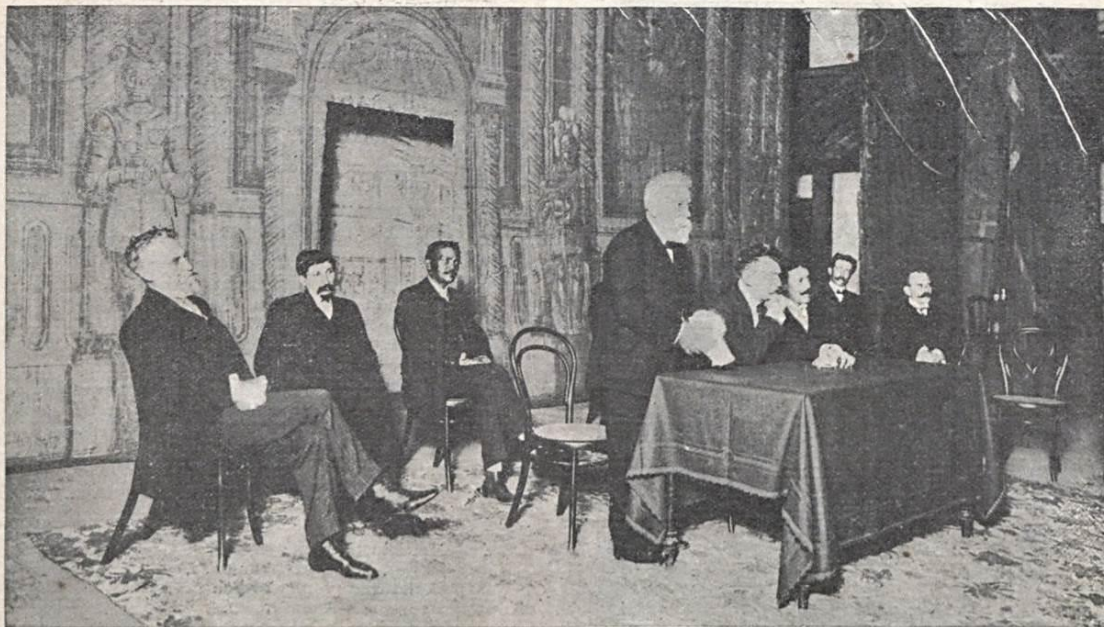
O DR. LOPES TROVÃO CONVERSANDO COM OUTRO ILLUSTRE
HERMISTA NA AVENIDA CENTRAL.

O famoso tribuno e republicano historico parece estar
dizendo :

— Que culpa tenho de querer bem á Republica e de-
sejar na presidencia um patriota, um homem de senso
modesto e energico ?..

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

O MALHO
QUADROS DA POLITICA



ASPECTO DO PALCO DO THEATRO CARLOS GOMES D'ESTA CAPITAL, POR OCCASIÃO DE UMA DAS CONFERENCIAS POPULARES
A FAVOR DA CANDIDATURA HERMES.

Vê-se, de pé, orando, o Dr. José Mariano, ardoroso tribuno pernambucano, tendo ao lado o Dr. Lopes Trovão
e outros republicanos.

DOCUMENTAÇÃO PHOTOGRAPHICA



ASPECTO DO SALÃO DO PEDAGOGIUM DO RIO DE JANEIRO, POR OCASIÃO DE UMA DAS CONFERENCIAS POLITICAS DE PROPAGANDA
À CANDIDATURA NACIONAL DO MARECHAL HERMES RODRIGUES DA FONSECA — CONFERENCIAS REALISADAS POR
HOMENS POLITICOS QUE COLLOCAM A REPUBLICA ACIMA DE TUDO.

No entanto, o civilismo *levava* a dizer que essas conferencias tinham apenas a assistencia das cadeiras vazias...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

SALVO ERRO OU OMISSÃO



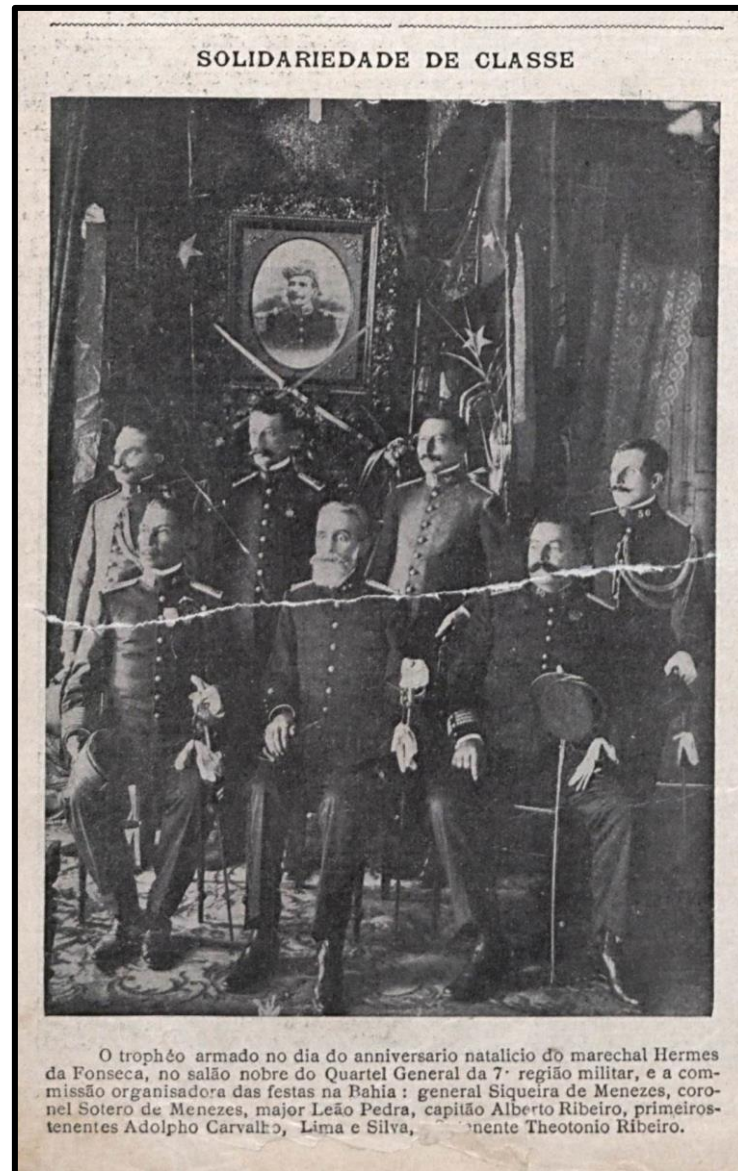
O Dr. Manuel de Araújo Góes, senador federal por Alagoas, dizendo ao seu interlocutor :

— Vês, filho : o civilismo perde terreno, dia a dia, e até para manter o seu órgão oficial inventa o assassinato do Ruy e quejandas patranhas...

Por esse caminho está aqui, está dando com os trazeiros na cerca e entrando na immortalidade dos parvos...



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



CONVERSADORES DA AVENIDA



O major deputado Barbosa Lima em animada palestra civilista com outro major fardado. Aquelle é o que está á direita do leitor ; á esquerda vê-se um outro senhor que parece irmão do famoso tribuno parlamentar, ex-presidente de Pernambuco, cargo em que foi condecorado com o interessante epitheto de *Barbosa Fera*...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

MARTYRES DO CALOR



O senador Quintino Bocayuva, presidente do Senado, suportando a temperatura *halito de fornalha*, na Avenida Central, com a sua eterna sobrecasaca e o seu eterno leque.

Nota-se contudo uma grande modificação: o eterno *sombrero* de feltro negro substituído por um claro e elegante *Chile*, como que a enunciar a renovação dos ideais republicanos tão perturbados pelo truculento *civilismo*, cheio de odios e vinganças...

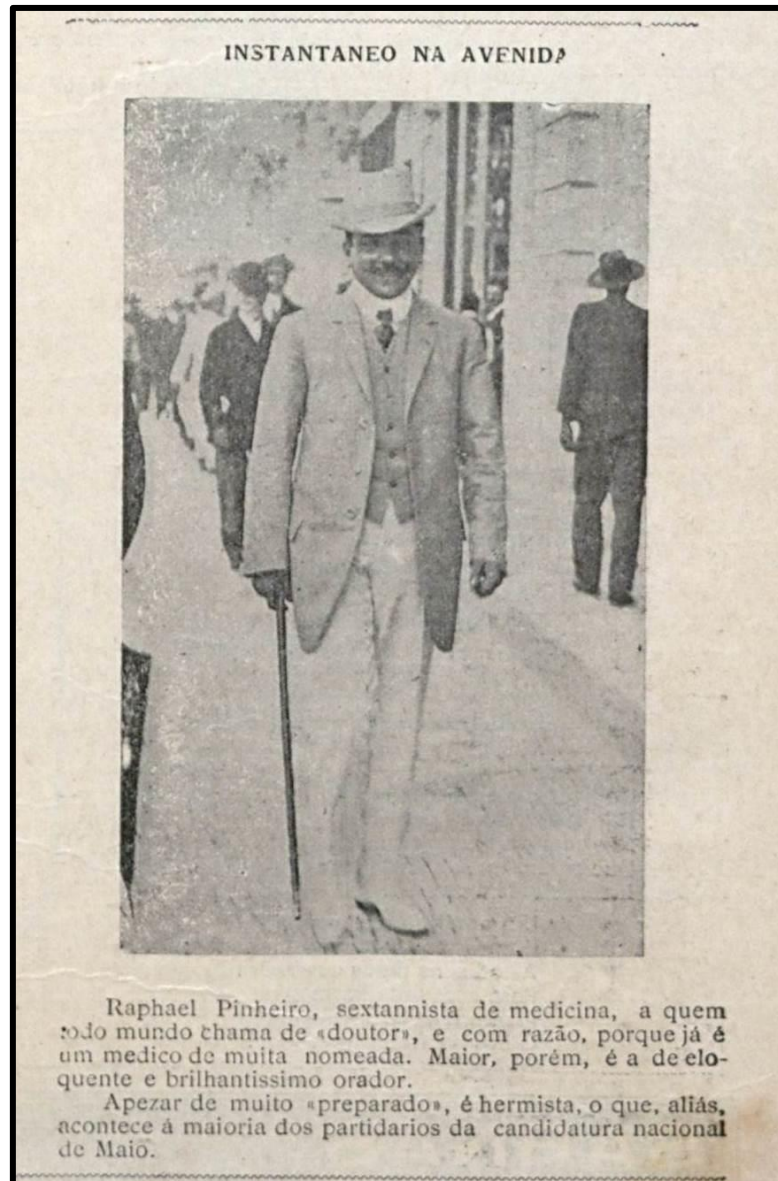
Um estudante de medicina, eloquente e brilhantíssimo orador, era também destacado por ser hermista³⁶. Ainda a respeito da sucessão presidencial, *O Malho* trouxe “A propaganda na Bahia”, fotografia com os membros da Junta Republicana Pró-Hermes em tal Estado³⁷. Após a eleição, com a vitória do candidato governista, a revista ainda mostrou a viagem do candidato ao sul do país, com “O marechal Hermes no Rio Grande do Sul” e “Na capital gaúcha”. O combate aos civilistas também permaneceu com “Ecos das eleições na capital federal”, em que uma das fotografias mostrava as “medidas de prevenção” adotadas pelas autoridades policiais, com a presença de um “carro de detenção”, para apreender “indivíduos suspeitos, prontos a *fecharem o tempo*, à ordem de galopins eleitorais”, em alusão aos eleitores oposicionistas; enquanto outra trazia o movimento em uma via pública, na qual “funcionava uma das seções eleitorais”, que havia sido “especialmente ‘preparada’ para ‘expansão’ dos civilistas”. A folha ainda buscou identificar um suposto conteúdo de violência nas práticas dos apoiadores da chapa dissidente, ao estampar “As vítimas do civilismo”, contendo imagem do enterro de um funcionário público paulista, hermista, que teria sido “covardemente assassinado pelos partidários do civilismo”, tratando-se de um jovem “muito benquisto e estimado”, que deixara “a esposa grávida”³⁸.

³⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.

³⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 mar. 1910.

³⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



A PROPAGANDA NA BAHIA



JUNTA REPUBLICANA PRO-HERMES (SEABRISTAS DE CANNAVIEIRAS, ESTADO DA BAHIA)

1.ª fila, a contar da direita : capitão Joaquim Carvalho, 2.º secretario : capitão Alcino Gomes dos Santos, 1.º secretario ; coronel Ayres da Costa, vice-presidente ; capitão Argeo de Oliveira, presidente ; capitão João Evangelista, orador ; capitão Antonio J. C. Doria, thesoureiro. — 2.ª fila, mesma ordem : capitão Francisco Mangiesi, Adellno Santos e João de Oliveira, tenente-coronel Adelino Gomes ; capitães Victor de Oliveira, Antonio Vianna e Jose de Farias, vogaes

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO



O MALHO
NA CAPITAL GAUCHA



Chegada do marechal Hermes da Fonseca a Porto Alegre : recepção a bordo do *Ilajubá*.
Instantaneo no momento em que uma gentil senhorita entregava um ramo de flores ao agora presidente eleito, em nome das senhoras Rio Grandenses.
Nota-se a presença de grande numero de pessoas gradas, entre as quaes o Dr. Carlos Barbosa, presidente do Estado.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O MALHO

E'COS DAS ELEIÇÕES NA CAPITAL FEDERAL



Aspecto do largo da Mãe do Bispo, às 11 horas do dia 1.º do corrente, quando funcionava uma das secções eleitoraes no edificio do Conselho Municipal, especialmente «preparada» para «expansão» dos civilistas.



Assim, por meio de suas crônicas semanais e de suas inserções fotográficas, *O Malho* sustentou a candidatura hermista e atacou frontalmente oposicionista Rui Barbosa. Nesse sentido, combateu um adversário, buscando rejeitar seus valores, mostrando por meio de sua argumentação a fraqueza e o perigo das ideias dos

dissidentes. Além do ideário oposicionista, o periódico combatia o antagonista com ataques *ad hominem*, questionando a probidade do adversário, suas contradições, sua incapacidade de manter promessas, suas alianças nefastas e sua dependência diante da ideologia de seus apoiadores³⁹. Os textos trouxeram a veemência discursiva, ao passo que os registros fotográficos, além da busca pela expressão de uma determinada verdade – aquela pretendida pelo semanário – utilizavam-se também em suas legendas a comicidade e a ironia em prol de suas ideias, ambos servindo como estratégias para legitimar a candidatura governista e criticar a oposicionista.

³⁹ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 93.

EXPRESSÕES CARICATURAIS

A arte caricatural corresponde à expressão de traços, desenhos e gravuras, representando pessoas, figuras ou fatos de forma grotesca, cômica ou satírica. Sua intenção é a de fazer carga contra alguém ou sobre alguma coisa, assumindo o seu papel próprio com a caracterização do traço como desenho e ganha notoriedade a partir dos padrões que cria para refletir personagens no cenário histórico-social. Como arte não convencional, descomprometida e irreverente, a caricatura populariza a sátira e se revitaliza sob a influência das novas técnicas de impressão e, do ponto de vista artístico, sua peculiaridade está na sua capacidade de tornar o óbvio ridículo⁴⁰. Em suas manifestações por meio da imprensa, a arte caricatural utilizou-se de múltiplas estratégias vinculadas, mormente à crítica, ao humor, à ironia e ao sarcasmo, articulando em suas manifestações uma abordagem joco-séria⁴¹, observando os acontecimentos por meio de um prisma em que se mesclavam o enfoque chistoso com o da seriedade, em um quadro pelo qual a realidade é observada por meio do riso⁴². Nessa linha, *O Malho* utilizou-se largamente das caricaturas em sua postura de antagonismo para com a candidatura de Rui Barbosa e de apoio a de Hermes da Fonseca.

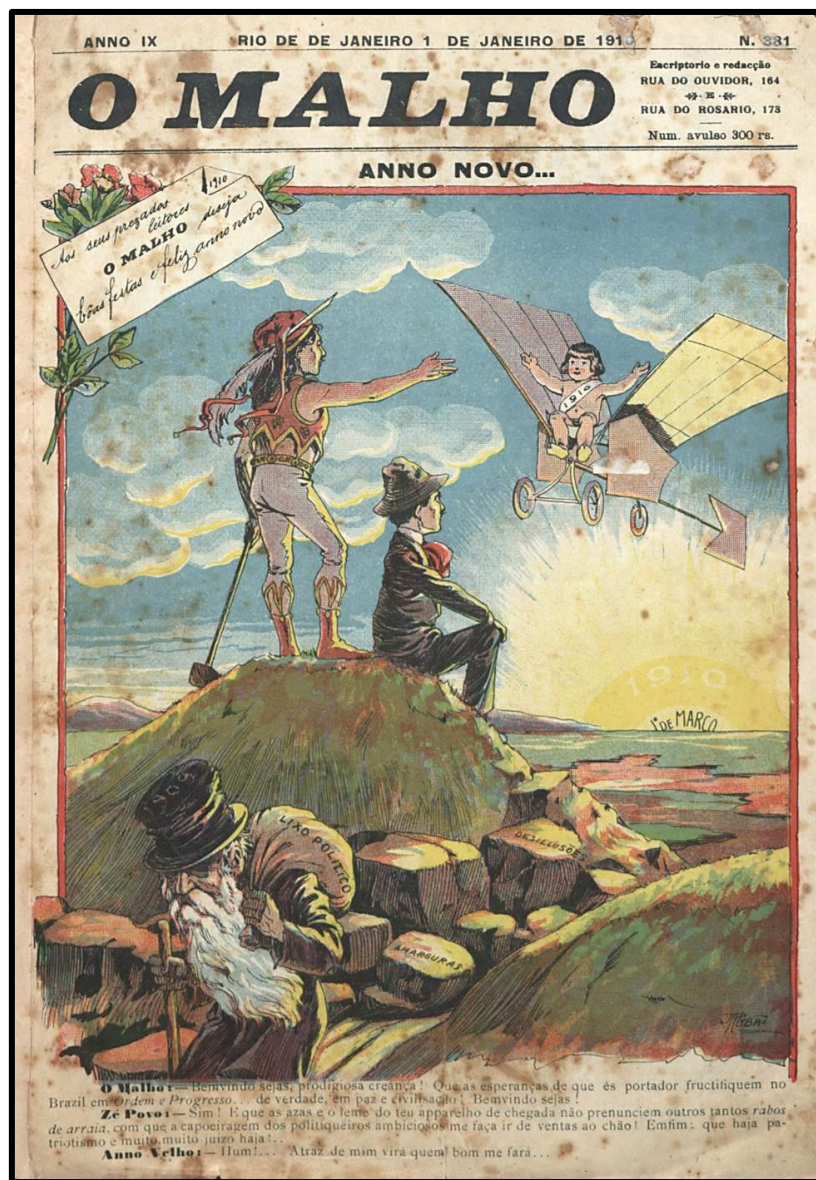
⁴⁰ BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 63-64.

⁴¹ DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In: BREMMER, Jan & RODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 251.

⁴² BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31-32.; e MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 304.

Na capa da primeira edição de 1910, *O Malho* mostrava a tradicional passagem do ano “velho” ao “novo”, no sentido de realizar a crítica de natureza política, chegando este em um moderno aeroplano, enquanto aquele carregava a trouxa do “lixo político”, enquanto se deslocava por um sáfaro caminho, cheio de “amarguras” e “desilusões”, em referência à situação nacional. Na caricatura intitulada “Simples comentário”, Hermes da Fonseca conferenciava com o Zé Povo, uma representação da população brasileira, buscando demonstrar os méritos do candidato governista e os deméritos do oposicionista. Ao mostrar o “banquete da plataforma”, no qual Hermes da Fonseca lia seu conteúdo programático de governo, contando com o apoio de diversos políticos e do Zé Povo, ao passo que Rui Barbosa contava com uma base limitada a uns “poucos gatos pingados do civilismo”. Já em “Ecos da ‘volta triunfal’”, um clérigo conversava com um militar acerca das perturbações promovidas em meio à campanha civilista. Em mais um desenho caricatural, a alegoria feminina que representava a República passeava de mãos dadas com Hermes da Fonseca, convidando-o para comerem um peru que simbolizava o civilismo, diante do que o candidato governista dizia-lhe que aguardasse a data das eleições para que a ave engordasse. Em tom de fábula, Rui Barbosa era comparado à cigarra, que só cantava, trazendo maledicências aos adversários, ao passo que Nilo Peçanha, o Presidente da República, era a formiga, que trabalhava, carregando o peso da administração pública em suas costas⁴³.

⁴³ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º jan. 1910.



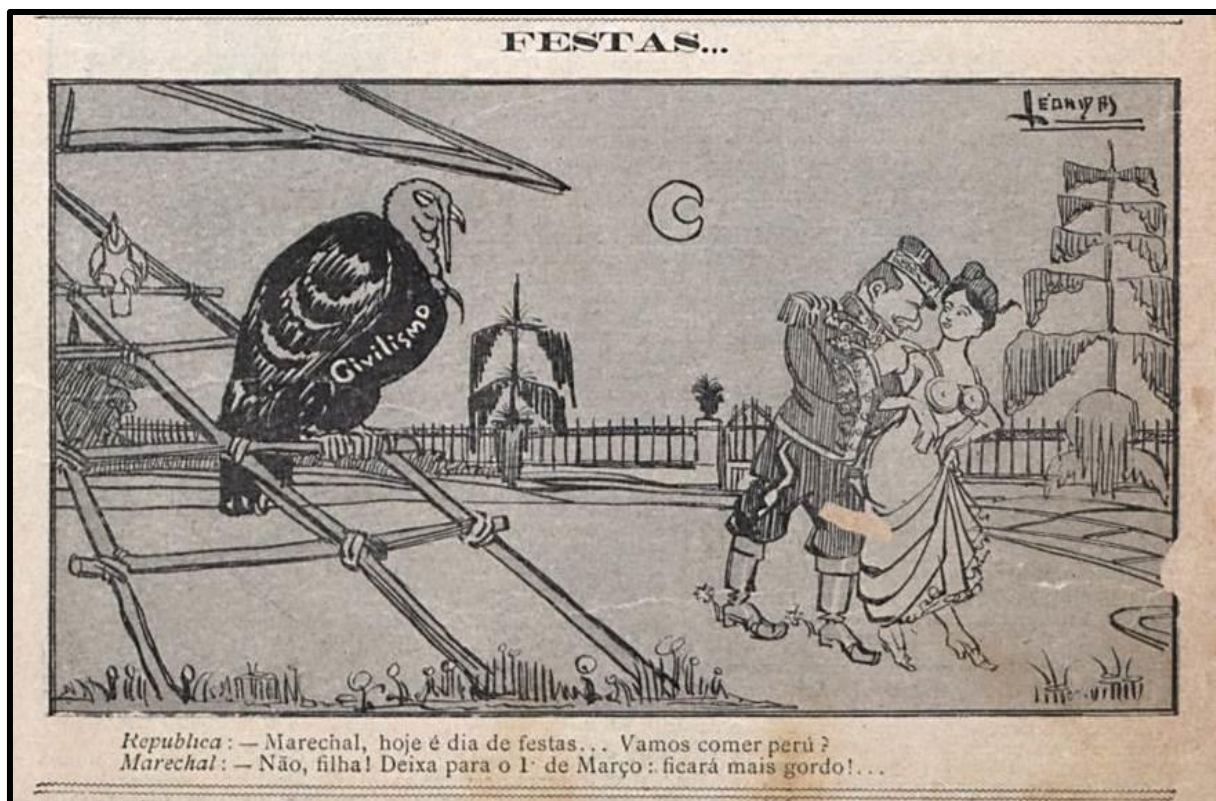
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



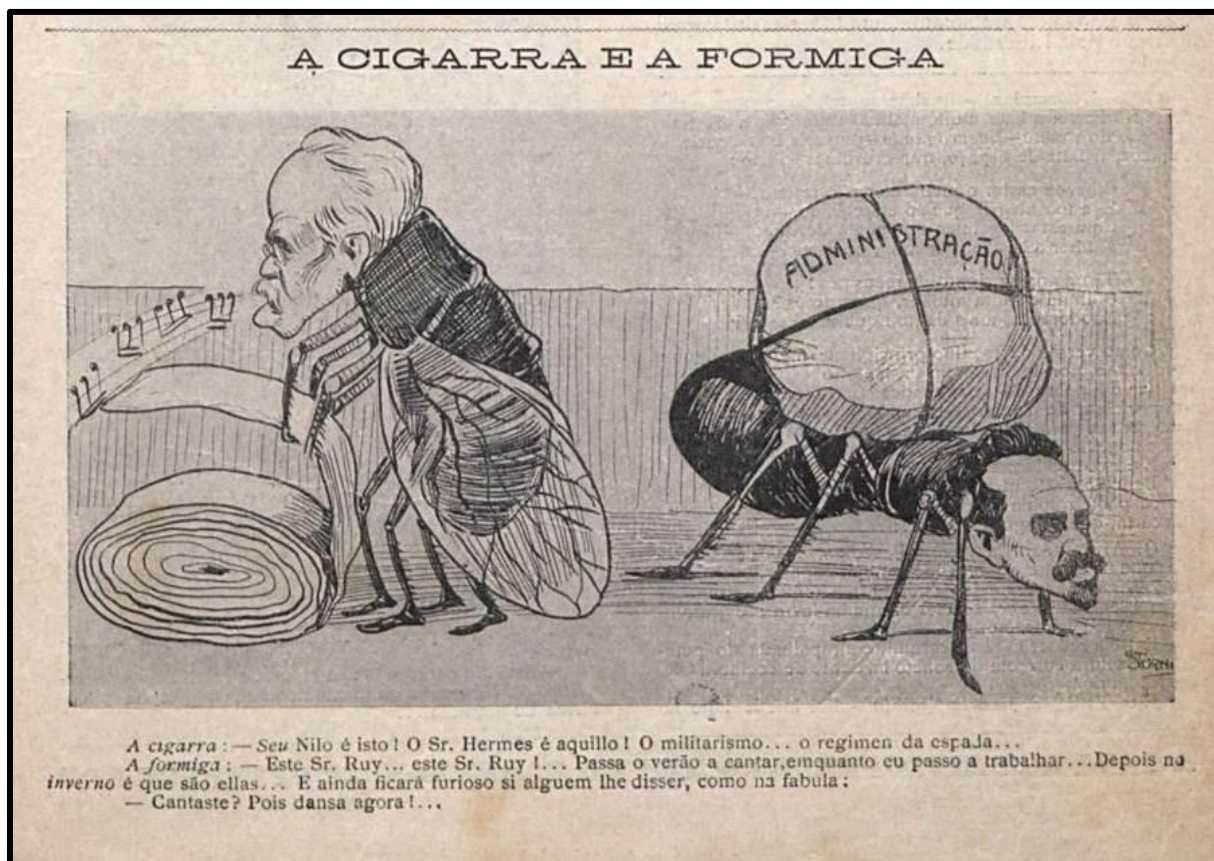


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



Apelando para conceitos estéticos femininos, o semanário trazia “O vício da política”, apresentando uma mulher robusta, que representaria o suposto vigor “da plataforma do marechal”, e a outra magra, designando a fraqueza da “candidatura do civilismo”. Em outra caricatura, o magazine mostrava um grupo de governistas, considerados como “grandes patriotas”, observando vários

civilistas, que teriam sido pegues “com a boca na botija”, prontos a detonar a bomba da revolução. Por outro lado, até mesmo as falas do candidato oposicionista eram vistas como um “perigo eminente”, com a acusação de que os discursos de Rui Barbosa eram longos em demasia. As acusações contra os civilistas, caracterizados como subversivos foi também representada com a figura de Rui Barbosa cavalcando um burrico levando em frente a flâmula da revolução, enquanto seus apoiadores tratavam de escolher dentre eles quem iria detonar uma bomba. Em desenho que trazia vários cartões de felicitações pelo ano novo, destacavam-se várias figuras governamentais, além de um confiante Hermes, pronto a conduzir o bonde de sua “plataforma” em direção ao Palácio do Catete – símbolo do poder presidencial –, ao passo que Rui era apresentado como alguém que não teria limites para atingir seus intentos de poder, mesmo que para isso fosse necessária a destruição do país. O governador fluminense Alfredo Backer, que não seguira as orientações de Nilo Peçanha, era visto pelo Zé Povo como uma onça traiçoeira, que apoiara o civilismo. Em “A higiene da crítica” dois homens conversavam sobre uma propalada falta de conteúdo político nos discursos de Rui Barbosa. Mais um desenho destacava os governistas como abelhas que produziam o mel do progresso, enquanto se protegiam das moscas, que seriam os “politiqueiros” oposicionistas, que se viam sem condições de atacar as primeiras. Utilizando-se da crítica à política argentina, a conversa de dois cidadãos qualificava os civilistas de “patifes”, por pretenderem “provocar a guerra civil”, movidos por “despeito e ambição”⁴⁴.

⁴⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 1º jan. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O MALHO COM A BOCCA NA BOTIJA

«Apezar do primeiro fracasso de ha dias, continúa a conspiração para ser gravemente perturbada a ordem publica.»
(Reportagem abelhuda)



Pinheiro Machado : -- Alli estão os grandes patriotas preparando a bomba...
Hermes : -- Si aquillo é patriotismo... estou calado!
Nilo : -- E' um patriotismo de se lhe tirar o chapéo!...
Zé Povo : -- Elles que cahiam nessa... que botem a cabeça de fóra e verão por onde asrobia a...cotia! -- Desgraçado paiz si cahisse nas unhas d'elles!... Imaginem o Irineu, o Barbosa Lima, o Ruy, o Zé Marcelino, o Julio Mesquita et comitante caterva dirigindo esta poça... Nem um grão de poeira ficaria!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO



A título de curiosidade, reproduzimos aqui alguns cartões de saudações, que a indiscreção da caricatura foi descobrir no pensamento

DE ATALAIA!

«Anunciaram-se graves perturbações da ordem no Estado do Rio, para o dia da apuração das eleições, cujo resultado foi adverso ao respectivo governador.» — (*Dos jornais*)



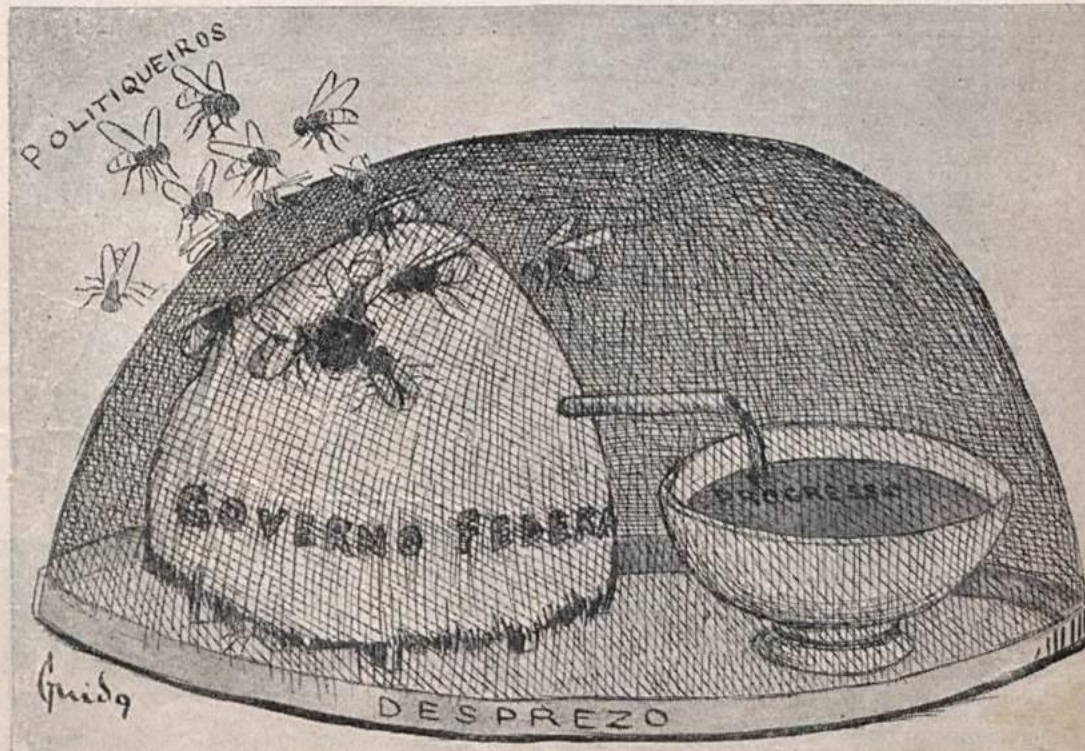
Zé Povo: — O' bicho!!!... Lá está a onça do Ingá a farejar carniça!...
Pudera!... Contava com o rebanho dos seus carneiros, para as orgias de Natal, Anno Bom e Reis, mas foi barrada; teve de se contentar com o osso do telegrama solidário do Ruy... Todavia, não perdeu a scisma: e, de vez em quando, sai da toca para farejar presas... Preparemos a escopeta, que o bicho é traçoeiro no ataque!

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



A JUSTIÇA DAS MOSCAS

«O govt. não continúa a fazer administração em toda a linha, sem se importar com a grita dos politiqueros que, por todas as fôrmas, procuram desviar-o da sua missão.»
(Voz publica)



Uma das moscas (do lado de fóra) : — Espertas abelhas, hein ? Vendo que lhes poderíamos sugar o mel tiveram cuidado de se proteger com esta tela de arame...
Outra mosca, mais sensata : — E por mais que se queira fural-a, não se pode... E' dura de roer ! Não arranjam nada com essa gente da colmeia, que vai enchendo a tigela de bom mellado !

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



Fazendo referência a um boi que teria fugido ao embarcar a bordo de um vapor para ser abatido, a folha ilustrada mostrava o político gaúcho Pinheiro Machado e o candidato Hermes da Fonseca laçando a “vaca” da “bernarda

civilista”, em alusão ao espírito revoltoso que imputava a tal grupo, sendo a cena aplaudida pelo Zé Povo. Carregando nas cores da ironia e do sarcasmo, o hebdomadário apresentou “Síntese das reações triunfais”, na qual fazia troça da recepção popular a Rui Barbosa, que era saudado pelo Zé Povo e até pelo seu adversário na corrida presidencial, com a certeza deste de que obteria a vitória nas urnas. O parlamentar civilista Irineu Machado serviu para designar a ação de obstrução realizada na Câmara dos Deputados quanto à votação das tratativas acerca das fronteiras brasileiro-uruguaias, a qual era profundamente criticada, levando ao pranto e à vergonha da dama republicana. Enquanto vários civilistas buscavam atirar pedras em direção ao Presidente Nilo Peçanha e ao Zé Povo, que se encontravam no alto de uma elevação no terreno, este considerava que aqueles eram “loucos”, pois seus projéteis poderiam retornar e atingir a eles mesmos, designando assim que o discurso oposicionista tinham algo de autodestrutivo. Em outra ilustração, a representação feminina da Câmara dos Deputados entregava ao republicano histórico Quintino Bocaiúva, designando o Senado, botinas velhas e surradas, sem que houvesse tempo de realizar reformas, de modo a prejudicar a administração federal, contando com o desaplauso de Nilo Peçanha, considerando ironicamente aquele ato como uma prova do “patriotismo civilista”, e do Zé Povo, apontando tal atitude como “uma vergonheira”. Em mais uma das “Conversas de esquina”, o diálogo entre um “paisano” e um “militar” girava em torno das intenções civilistas de subverterem a ordem⁴⁵.

⁴⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 jan. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO



SYNTHESE DAS RECEPÇÕES TRIUMPHAES

«O Sr. Ruy Barbosa vai á Bahia, onde lerá a sua plataforma. Voltando aqui, irá a Minas em propaganda da sua candidatura contra a do marechal Hermes. Escusado será accrescentar que as partidas e os regressos terão a importância dos da sua viagem a S. Paulo.»

(Nota de um correspondente)



Zé, todo amigo de festas e novidades sensacionais: — Genial bahiano! Tu és um portento! Os teus discursos assombram-me! A tua rhetorica fascina-me! Gosto d'essas peregrinações geniaes: lembram-me as que se fazem nos Estados Unidos; mas as tuas são mais brilhantes, dão mais na vista! E's o Samsão do verbo! Eu te saúdo e abraço!

Hermes modestamente: — E eu também me confesso muito grato a esse trabalho de V. Ex... pela minha candidatura... A V. Ex. todos os entusiasmos! A V. Ex. todas as flôres! Eu contento-me apenas... com a eleição!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



AS PEDRADAS DO DESESPERO

«Continuam os ataques violentos contra o presidente da Republica, que aliás, continua a administrar o paiz com energia e acerto, tendo já decretado retomar o pagamento da divida externa, dispensando e antecipando de quasi dous annos o prazo concedido pelo *Funding Loan*.»

(Voz publica)



Nilo : — Ora, eis ahí de que se occupam os Ireneus, os Barbosas Lima, os Bittencourts e os Monteiros Lopes do jornalismo : em *patrioticamente* atirar pedras !

Ze : — Loucos ! Não vêem que os projectis não passam do meio do caminho, que não nos attingem, e que algum lhês pode esborrachar o nariz !...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO

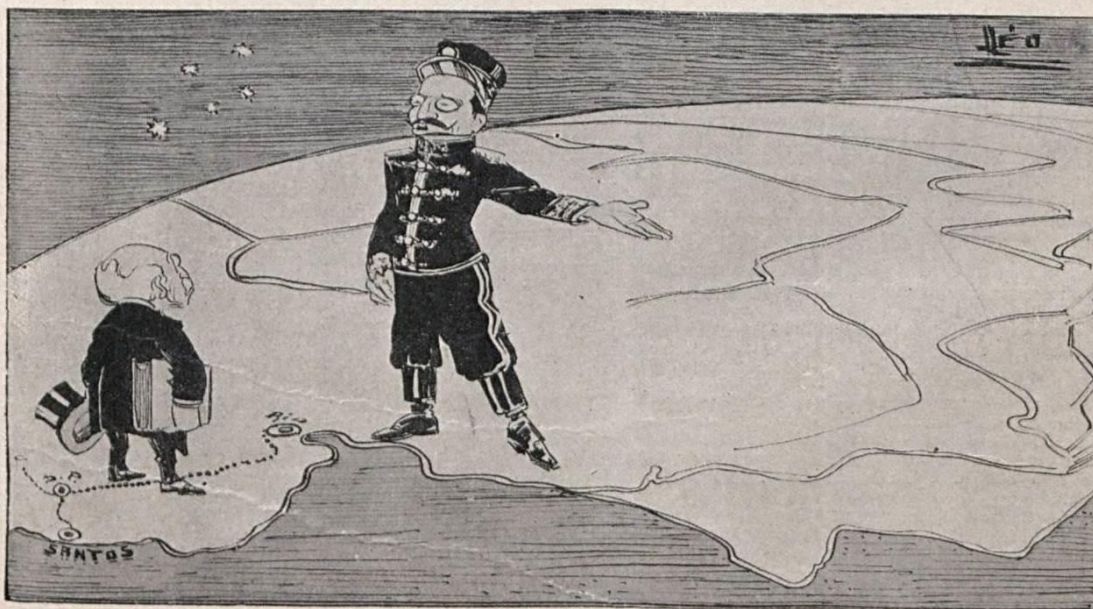




Em referência à “Geografia na política”, a figura de Hermes da Fonseca, de estatura bem elevada em relação a de Rui Barbosa, desafiavam-se quanto à abrangência de suas campanhas, a daquele que teria se estendido ao longo de boa parte do país, ao passo que a deste se limitaria a um dos Estados da federação. Acerca das disputas territoriais entre Paraná e Santa Catarina, uma mulher fazia referência à política, dizendo que se houvesse maior participação feminina em tal área, a República não estaria sendo “dominada por um descarado” e “cínico”, como Irineu Machado, referindo-se a uma das lideranças civilistas. O orçamento enviado pela Câmara ao Senado era visto mais uma vez como uma manobra criticável dos civilistas, que teriam colocado um “cavalo de Tróia” na outra casa parlamentar. Um novo desenho jocoso apresentava Rui Barbosa e Irineu Machado ostentando um espantalho do militarismo, visando a enganar o “povo civilista”, representando por uma arara e a anarquizar a República. A situação dos opositores era vista pelo periódico como um “Desespero de causa”, em um conjunto de caricaturas que denunciava a “ação perniciosa” do “revolucionário civilismo”, ao boicotar o acordo entre Brasil e Uruguai; mostrava o papel de *O Malho*, utilizando-se do martelo para atingir o rabo de um gato, que designava a imprensa civilista; e apresentava a transformação de Rui Barbosa, de um político que lutara pela paz nacional e que agora, como candidato, preparava-se para trazer a guerra revolucionária ao país. Com a “Folhinha civilista” em mãos, a mulher-república manifestava a expectativa de “dias vermelhos” no calendário, a partir da ação civilista⁴⁶.

⁴⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 jan. 1910.

GEOGRAPHIA NA POLITICA OU --DENTE POR DENTE...



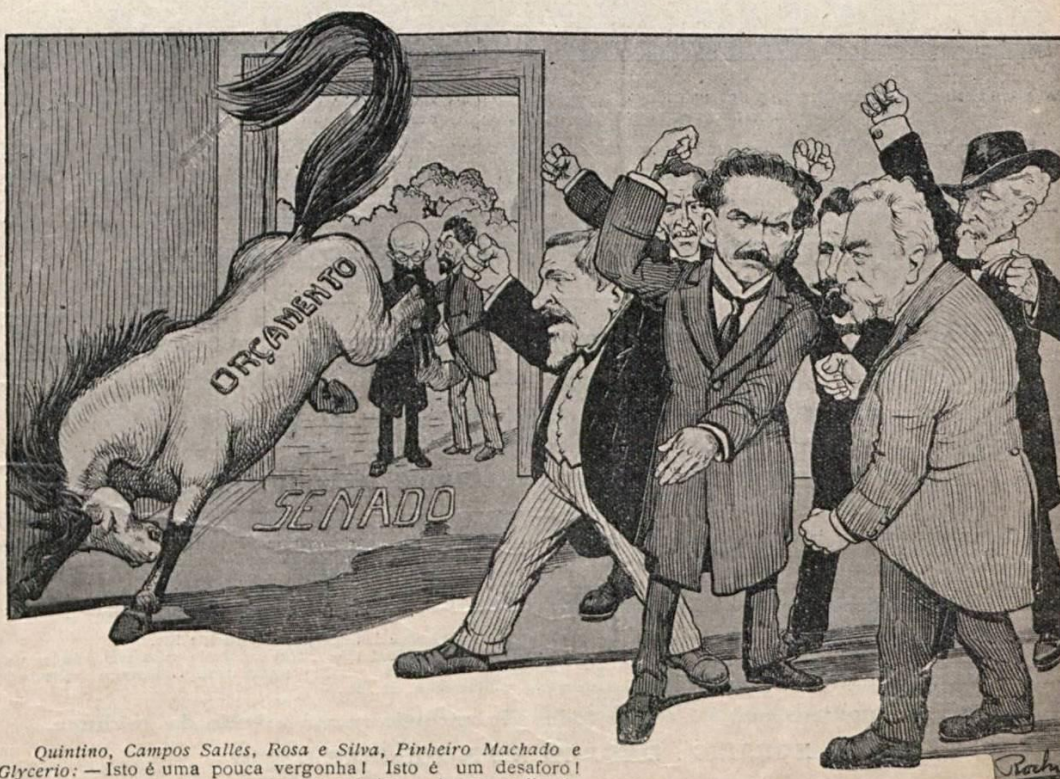
Ruy (trecho do seu discurso pronunciado na noite do seu regresso da Paulicéa): — Acabo de chegar de uma grande zona do Estado de S. Paulo e nunca lá ouvi fallar da candidatura do marechal...

Hermes; — Isso não admira! No resto da paiz, que é cem ou duzentas vezes maior do que essa zona, também não se falla na candidatura do Ruy...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



AS SAHIDAS DO ANNO VELHO
(ENTRADA DO ORCAMENTO NO SENADO)



Quintino, Campos Salles, Rosa e Silva, Pinheiro Machado e Glycerio: — Isto é uma pouca vergonha! Isto é um desaforo! Cada orçamento que fazem é uma borracheira... é um cavallo de Troya e ainda com uma cauda enorme de prodigas bandalheiras!

Zé Povo: — A culpa é dos senhores, que deixaram os seus amigos da Camara sem direcção, com o Seabra doente... A minoria fez d'elles o que quiz, e agora tenham paciência: é engulir o cavallo, com rabo e tudo!...

Barbosa Lima e Irineu: — Pregamos-lh'a bem pregada! Olhem só a cara d'elles! Barramos esses manatas!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO



Em “Uma opinião como muitas”, o semanário mostrava indivíduo que buscava desmentir as acusações dos civilistas contra a candidatura oficial, mostrando que o conteúdo da bainha que deveria conter a espada do marechal era composto por boas propostas de governo. Na concepção da folha, os civilistas, personalizados por Irineu Machado, estariam promovendo confusões

políticas no cenário legislativo e judiciário brasileiro, conforme expresso na conversa entre dois indivíduos. Outro diálogo trazia novamente o parlamentar Irineu como protagonista, servindo a citação de seu nome para qualificá-lo como cafajeste. Novamente na presença de dois homens, um deles denunciava o outro como caloteiro e, portanto, sendo um civilista, estaria praticando uma “incivilidade”. A ação parlamentar promovida pelo civilismo, novamente individualizada na figura de Irineu Machado para bloquear o avanço das discussões em torno da fronteira brasileiro-uruguaia foi mais uma vez o tema da conferência entre dois indivíduos⁴⁷. Uma viagem de campanha era o cenário da partida de Rui Barbosa, que se deslocaria no seguro navio do “hermismo”, ao passo que seus correligionários se despediam a bordo de um frágil bote identificado com a intenção supostamente rebelde do civilismo, o qual, segundo o Zé Povo, estava a fazer água e prestes a afundar. Na criação dos pesadelos de Rui Barbosa, a publicação ilustrada mostrava o político sendo atemorizado pelas espadas de Deodoro e Hermes da Fonseca. Entre os retratos dos dois candidatos, o ex-Presidente Campos Sales apontava como inaceitável a pretensão presidencial de Rui Barbosa. Em nova conversa entre um militar e um paisano, aquele buscava esclarecer a este de que o “militarismo” teria sido apenas uma invenção do “caricato civilismo”, para enganar e vender jornais. Na praia o Zé Povo presenciava a nau do civilismo enfrentando o mau tempo e o mar agitado, pronta para ir a pique, conforme verificava o Zé Povo⁴⁸.

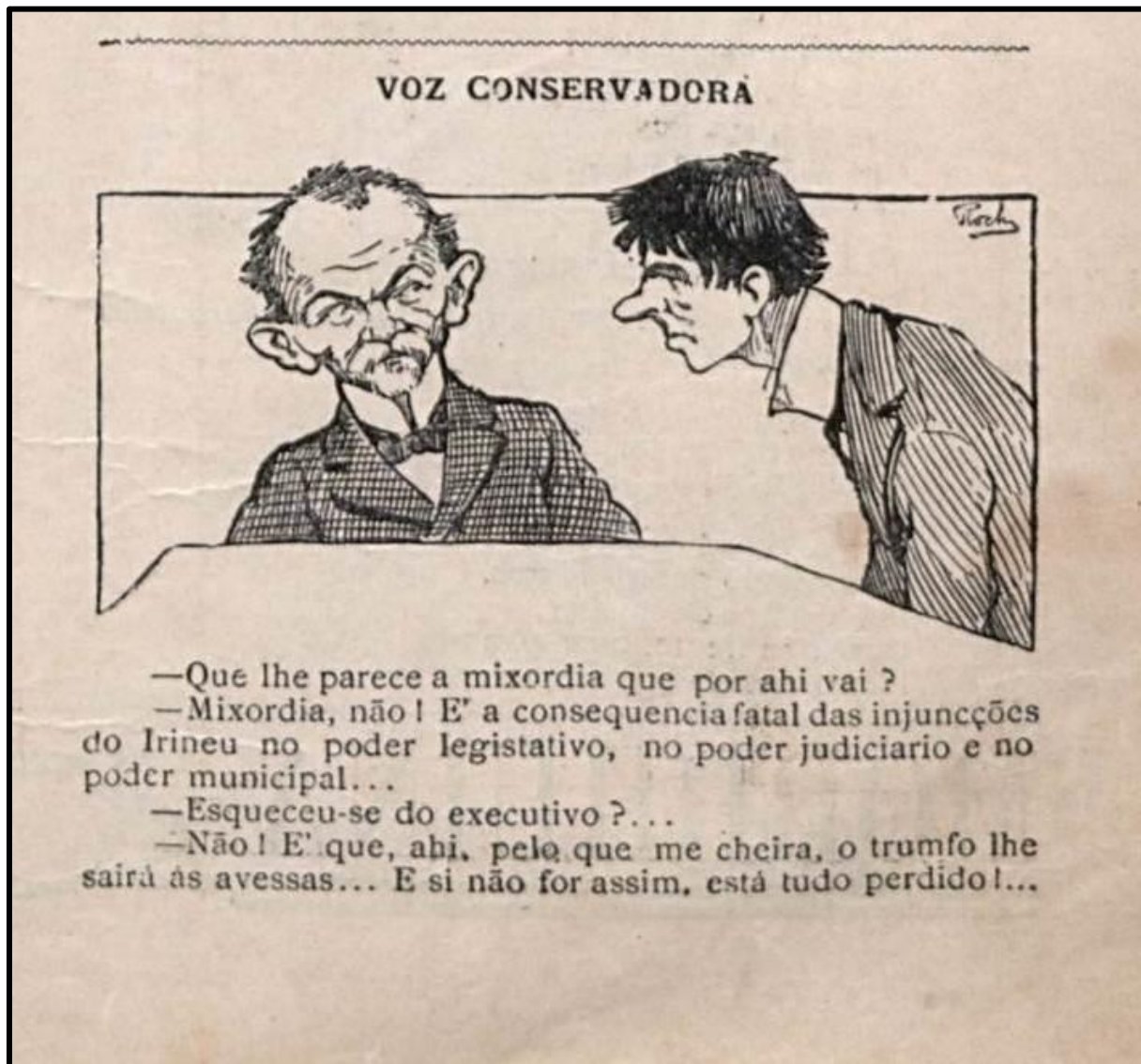
⁴⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 8 jan. 1910.

⁴⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 jan. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO









CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O PRESTIMO DA CAUSA



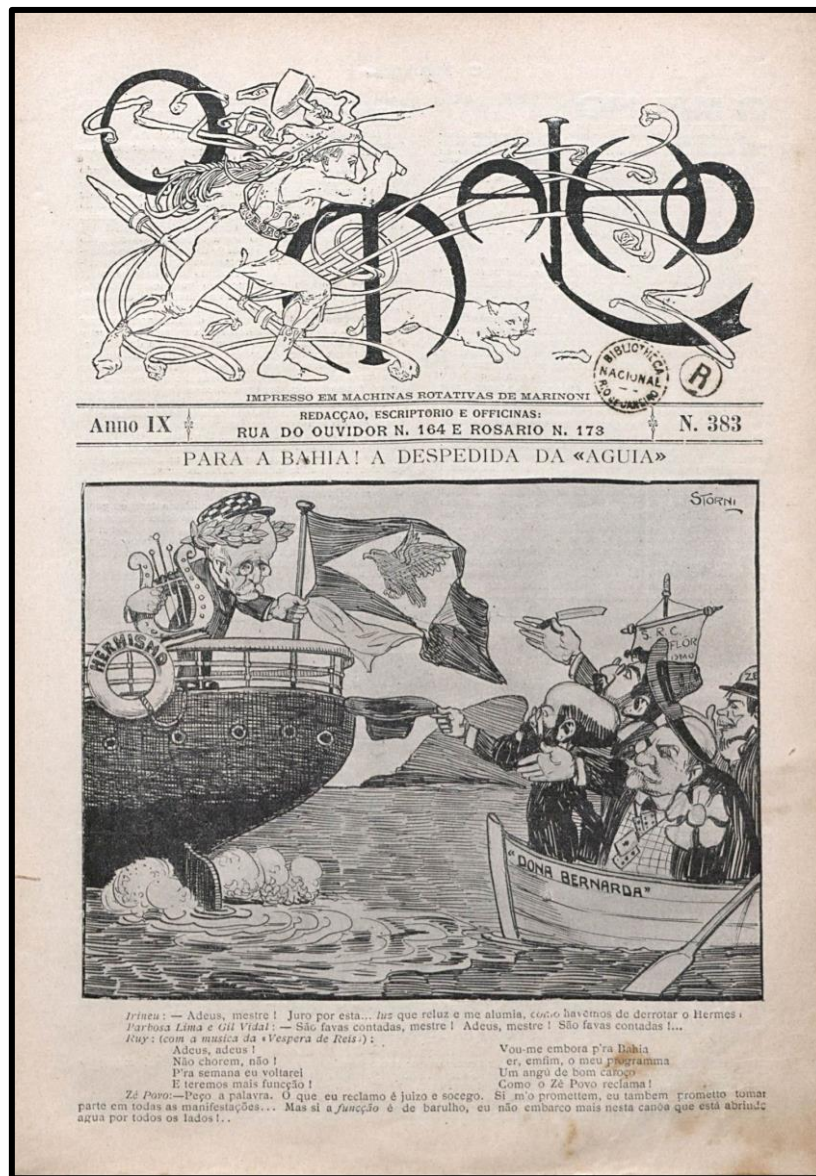
—E que tal o Irineu a pensar que o Rio Branco era homem de conchavos políticos?!...

—E logo com quem: com um cafageste que, si nesta terra houvesse justiça, devia estar a tomar fresco na *Chacara* da rua Frei Caneca....

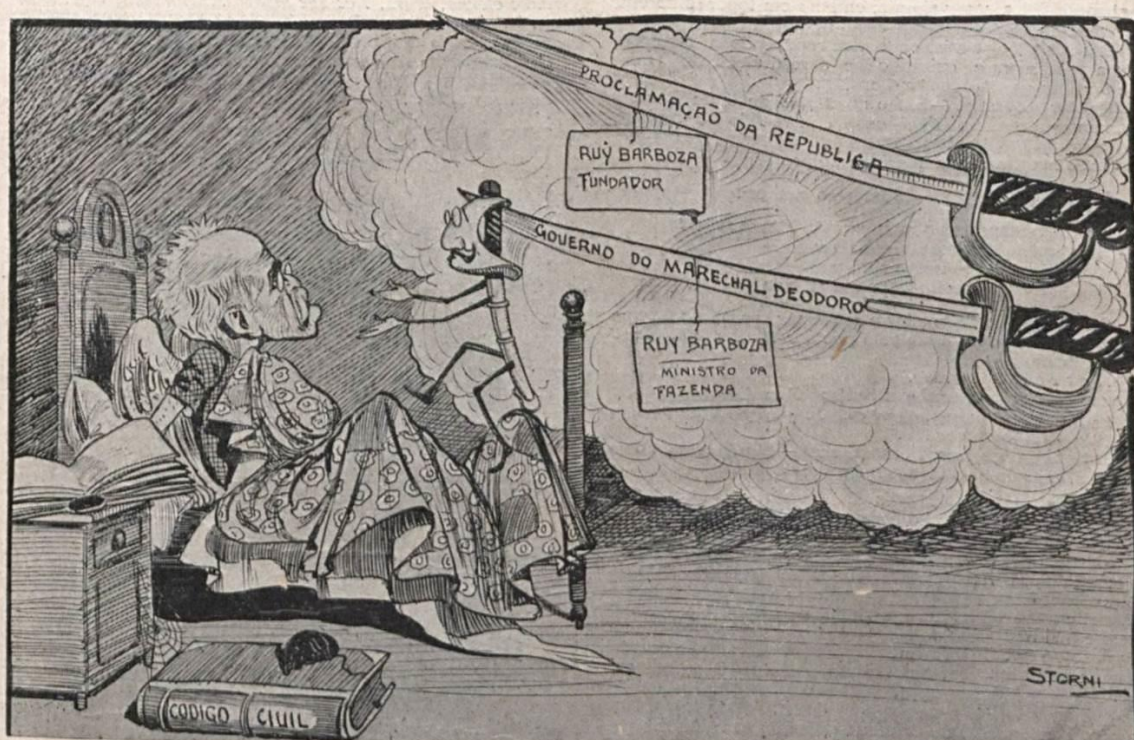
—Sim; mas o caso é que como o barão não quiz o conchavo, foi addiada, por obstrucção, a votação do tratado sobre a Lagoa Mirim...

—Então! Para alguma coisa ha de servir o *civilismo*...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO



EVOCAÇÃO HISTÓRICA (PESADELLO RUY)

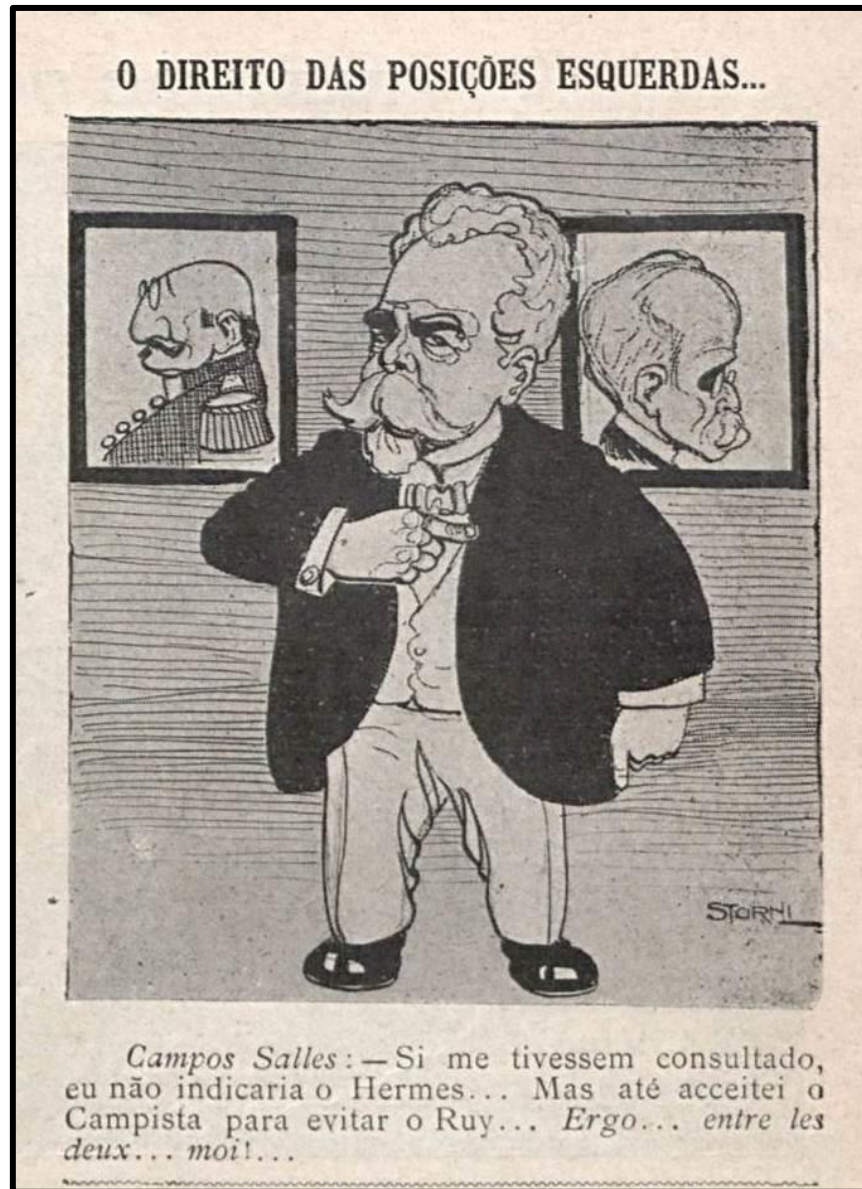


A espada do Marechal: — Por que me persegues? Porque me maltratas no teu verbo genial? Lembra-te que em duas épocas diferentes da história nacional, o teu nome appareceu com retumbancia, e nessas duas occasiões foi a espada que decidiu dos destinos da patria!...

Cantando:

Bem sei que tu me despresas...
.....
Que fui um louco em amar-te!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



DIFINIÇÃO EXACTA



Militar:—O senhor sabe o que é militarismo ?

Paizano :—E' o regimen da espada, que, na phrase de...

Militar:—Qual ! Militarismo é uma mentira convencional, inventada pelo caricato civilismo para engazopar beócios e vender jornaes...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



Pelos olhos do Zé Povo, o periódico denunciava uma suposta corrupção do Judiciário, como no caso de um ex-procurador, que abandonara o cargo para atuar na campanha civilista. Outra acusação realizada pelo semanário era de que o civilismo estaria pagando para obter apoio em meio à imprensa, representada por uma figura feminina que estaria a cantar a favor da campanha de Rui. Traçando um paralelo entre os candidatos, o magazine mostrava Fonseca tranquilo, fumando um charuto do qual saía a efêmera fumaça do civilismo, enquanto, Barbosa, irritadíssimo, derrubava tudo a sua volta e vociferava contra uma espada, em alusão ao militarismo. O chanceler brasileiro, Barão do Rio Branco, aparecia como vencendo a armadilha que os civilistas haviam imposto ao governo no que tange às relações exteriores. Defendendo que a candidatura hermetista não estaria vinculada à política tradicional, a folha mostrava o aplauso do Zé Povo pela atitude do Presidente Nilo Peçanha, ao buscar coibir a ação das oligarquias, simbolizada por uma velha senhora, utilizando-se para tanto do porrete da constituição. A campanha de Rui Barbosa era representada também como uma subida por um pau de sebo, no caso um carregado de espinhos, exigindo enormes sacrifícios do candidato que, ao final, viria a sofrer inclusive com a “deserção” de seus apoiadores. A campanha dos dois candidatos noticiada por meio da imprensa servia de mote aos comentários de dois homens, sem que faltasse uma crítica ao candidato opositor, cujas falas seriam embasadas em “descompostura pessoal”⁴⁹.

⁴⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 jan. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

O MALHO

A JUSTIÇA EM PANDARECOS

Já vimos na famosa sessão de sabbado do Supremo Tribunal a oratoria judiciaria descambar para a demagogia do tribuno de *meetings* e propôr um processo contra um magistrado, sômente porque concedeu *habeas-corpus* a quem se julgava ameaçado ou constringido em sua liberdade, e negar o direito de defesa, no proprio recinto do tribunal, a um advogado que solicitou a justa garantia em favor de um seu constituinte.

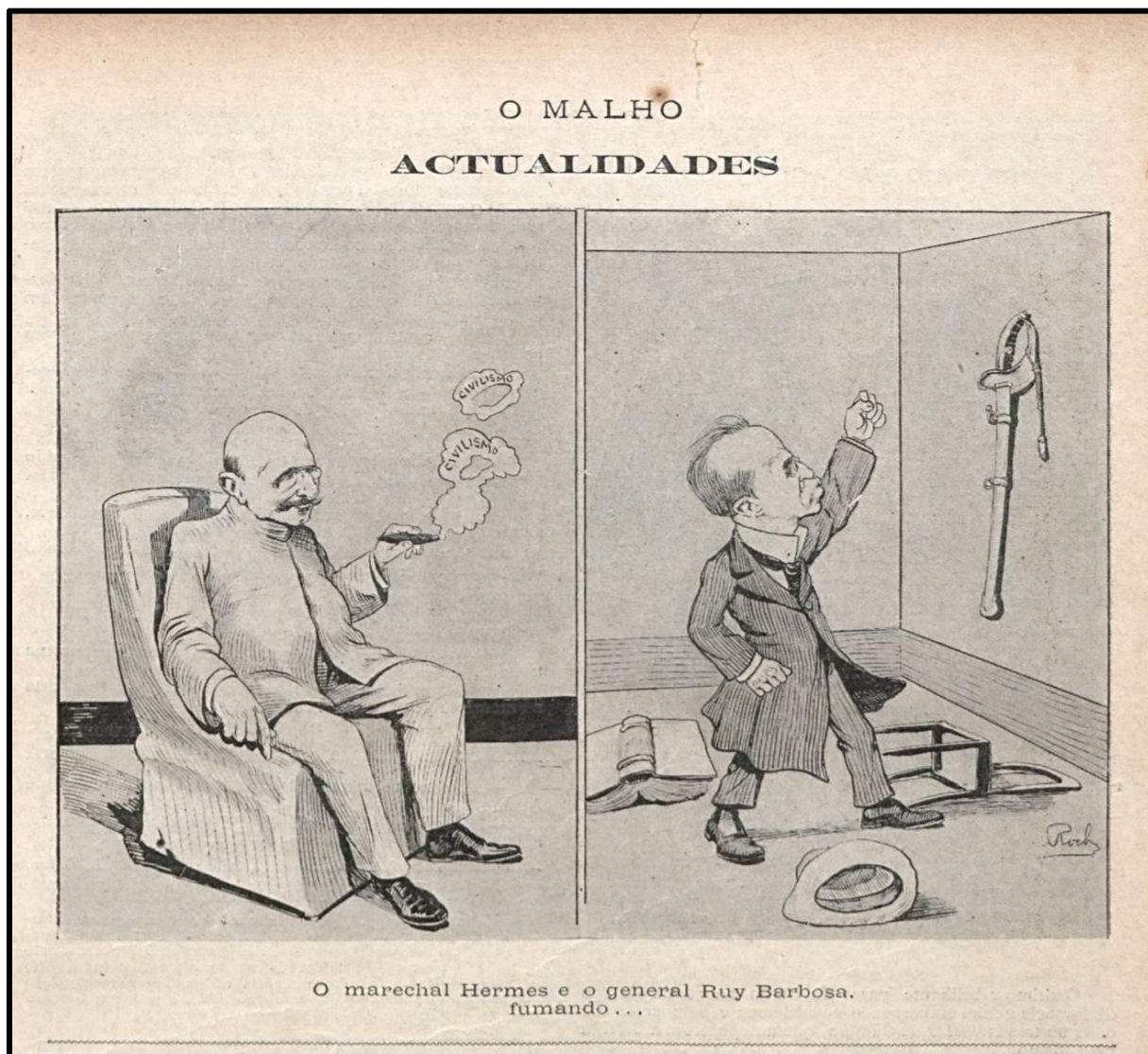
.....
Estamos em plena dictadura judiciaria. — (D'A Tribuna)



Zé Povo : -- Olha quem elles são !... O ex-procurador da Republica, que pediu demissão, para, mais à vontade, entrar na campanha civilista, e o famoso capataz d'essa campanha !... Vejam só quanto descemos : a gente do Supremo Tribunal, da suprema guarda da minha garantia, a entregar ao Irineu os emblemas da Justiça !... Foi bom ver isto, para saber como reagir !...



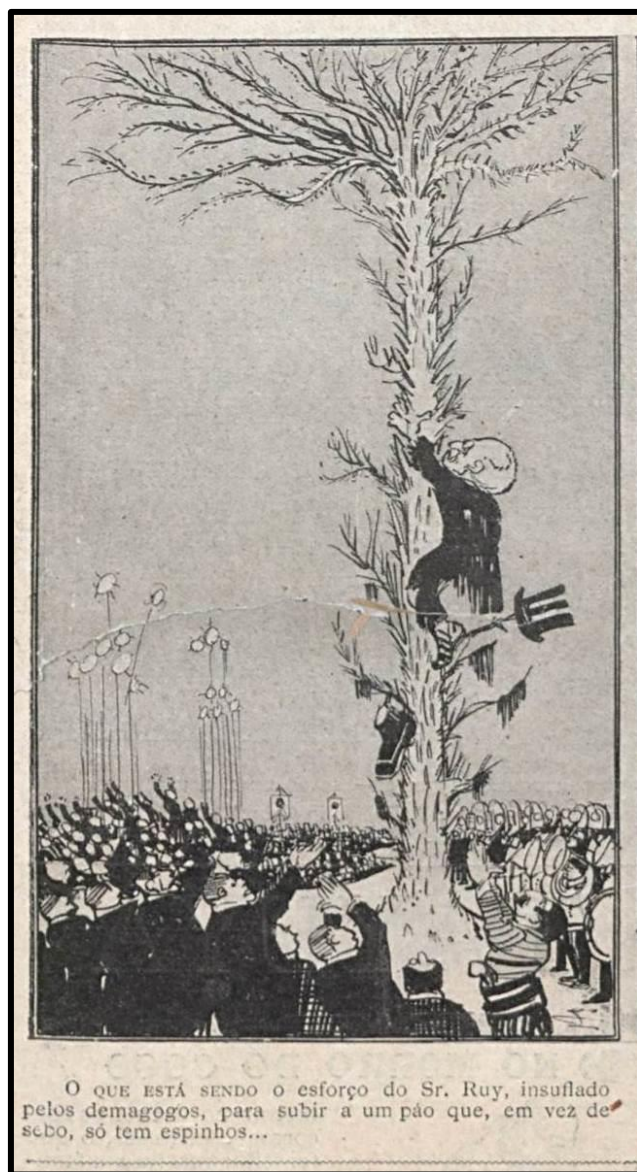
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



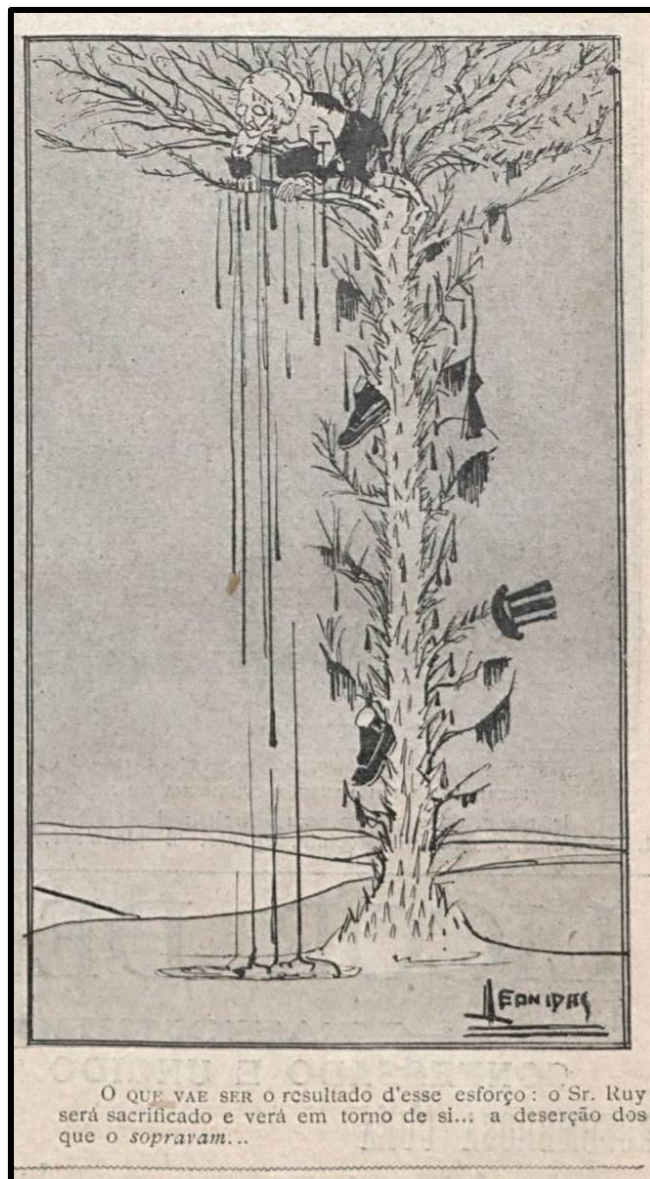


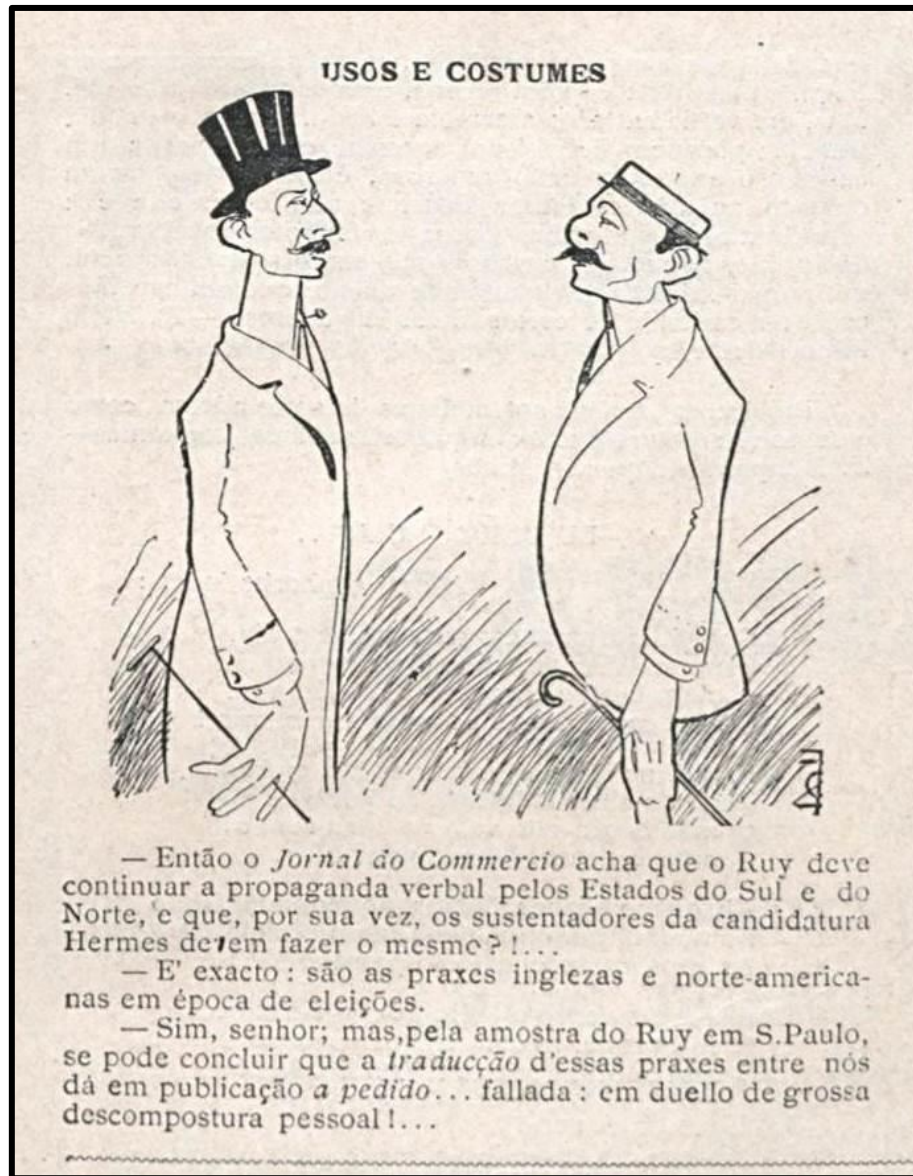
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



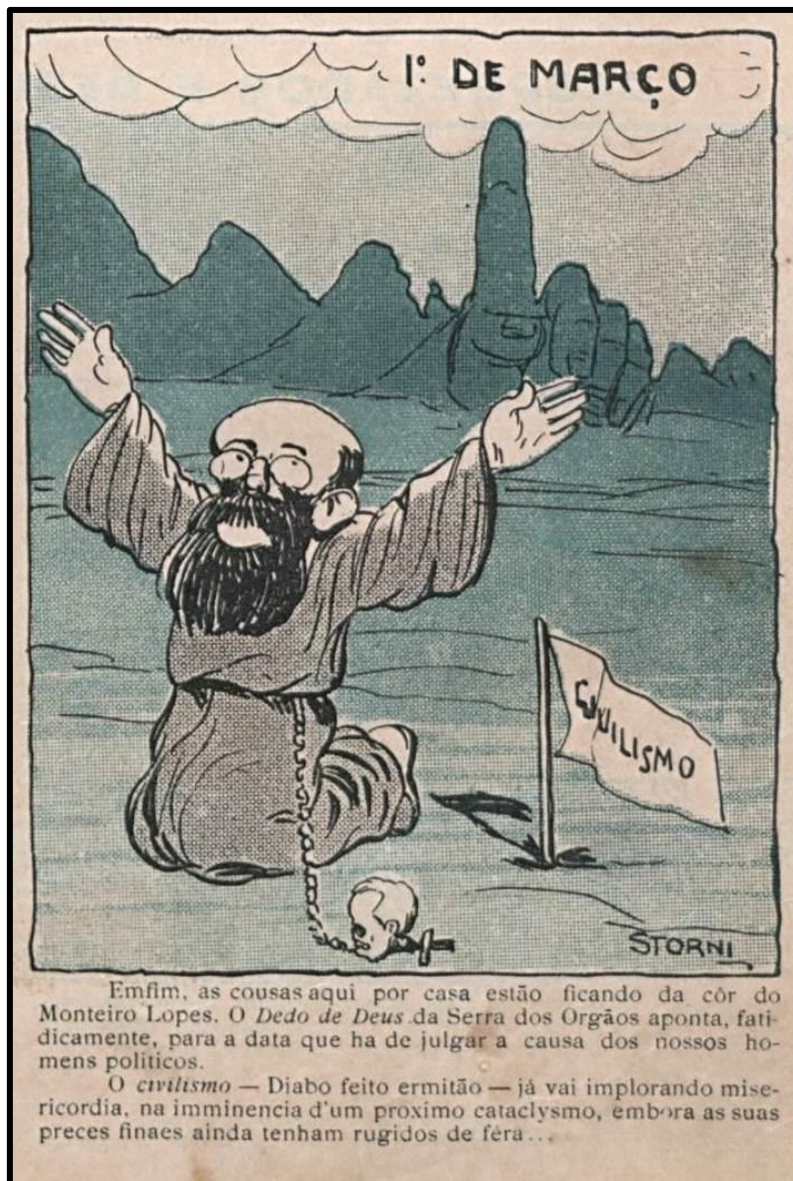


Em um novo conjunto de caricaturas, vários temas eram tratados, sem que se deixasse de tratar da sucessão presidencial, como na demonstração das disputas territoriais entre catarinenses e paranaenses, com o periódico, carregando na ironia, afirmando que para solucionar tal problema estaria faltando Rui Barbosa, “para pregar a paz”; enquanto em outro quadro, a partir de uma conotação racista, a folha se referia aos oposicionistas, segundo os quais “as coisas” do país estariam “negras”, inclusive com a presença de um ermitão, vinculado ao civilismo, que anunciava a “iminência de um próximo cataclismo”. Outro desenho trazia o Zé Povo partindo em defesa do Barão do Rio Branco contra um cão identificado com o “jornalismo difamador” civilista, ameaçando quebrar-lhe os dentes, ao que o chanceler desaconselhava, pois o animal precisaria continuar roendo o “osso” do “subsídio”, em acusação de que tal imprensa era comprada pelos oposicionistas. Em “Presidenciando”, o semanário destacava “três conjugações da gramática política”, trazendo três personagens portando o barrete frígio, simbolizando a forma republicana, cada qual revelando sua posição quanto à Presidência, ou seja, Nilo Peçanha afirmando que era o Presidente, Hermes da Fonseca, com a certeza de que seria, e Rui Barbosa, ficando apenas no desejo de vir a ser. Na concepção do hebdomadário ser civilista não dava certo nem mesmo nas abordagens românticas, como no caso de um oposicionista desprezado pela mulher com a qual confabulava. O Zé Povo buscava presentear Nilo Peçanha com um chicote para que castigasse os civilistas, ao que o Presidente respondia que poderia ficar com o instrumento, pois a sua arma seria uma boa administração pública⁵⁰.

⁵⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 jan. 1910.



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O MALHO ALMA GRANDE

«Depois da obstrução da minoria civilista da Camara no tratado da Lagôa Mirim, a imprensa d'essa cor politica não se refere ao barão do Rio Branco com o carinho de outr'ora, porque o sabe contrariado por essa vergonhosa obstrução.»

(Voz publica)



Zé Povo : — Vê lá, hein ? Podes latir à vontade, mas si arreganhas os dentes para o Barão, quebro-t'os !

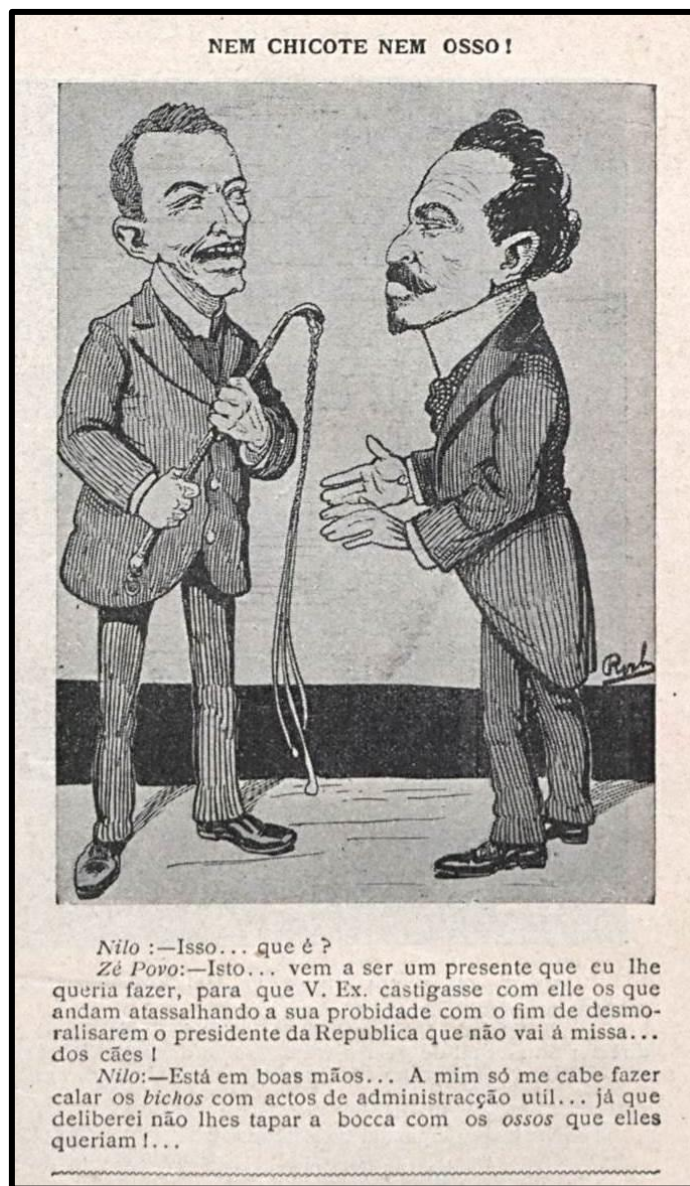
Barão : — Não faças isso, Zé ! Tem pena do bicho... Si tu lhe partisses os dentes com que é que elle havia de roer o osso ?...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

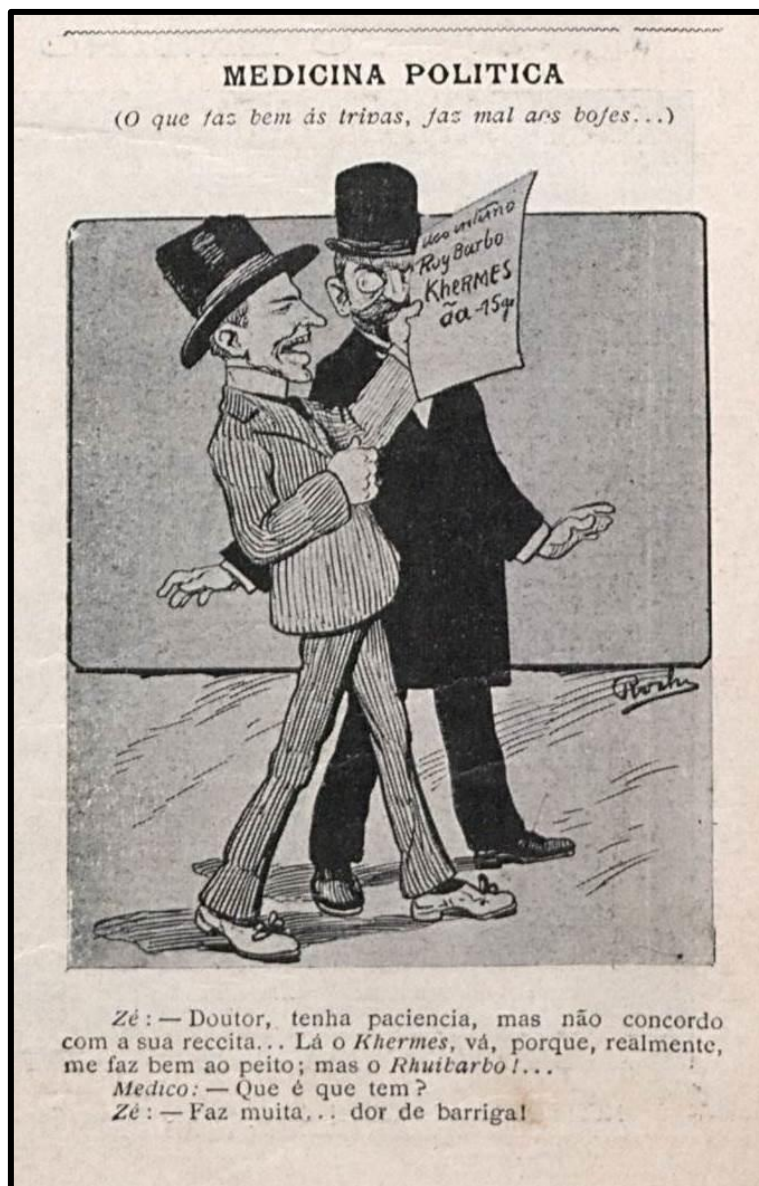


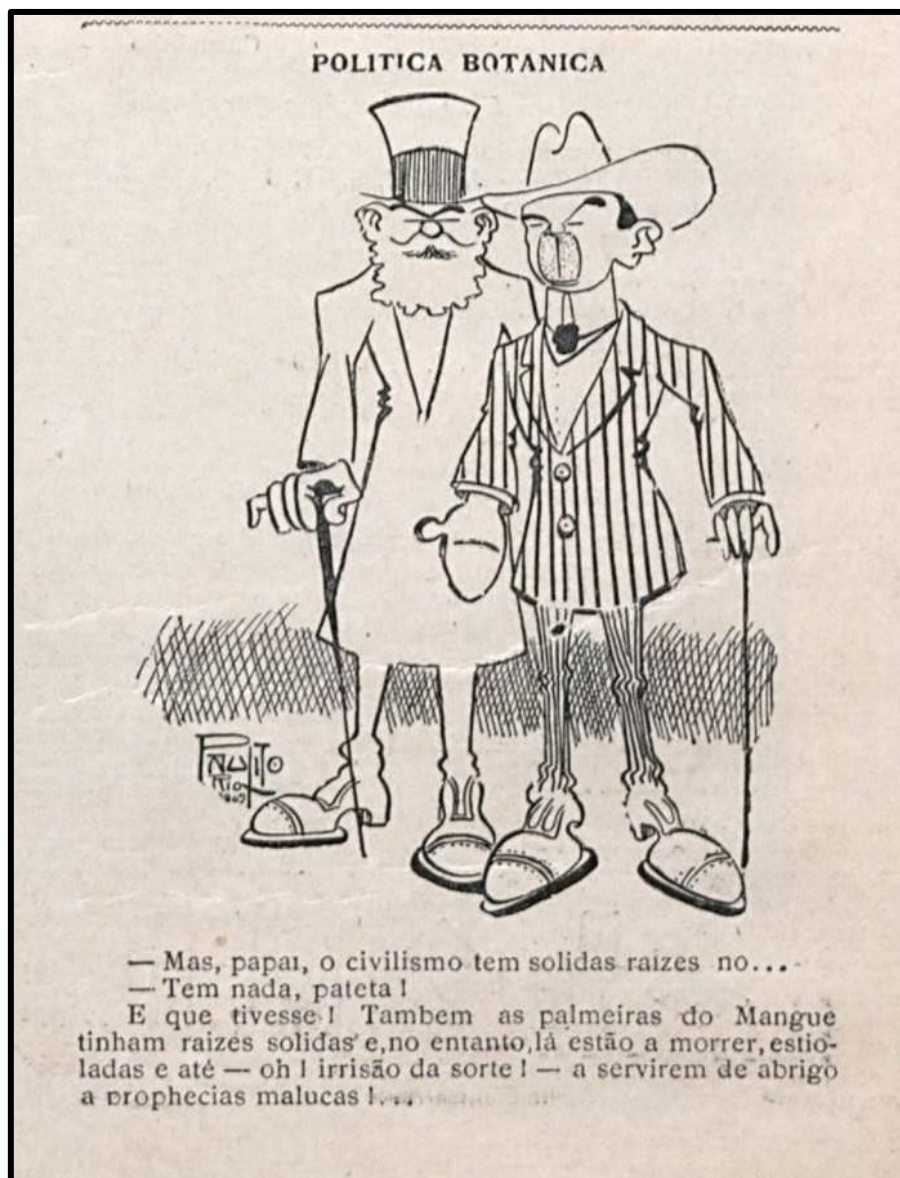
Em diálogo sobre uma receita médica, o Zé Povo elogiava o remédio associado a Hermes, ao passo que o medicamento vinculado a Rui Ihe causaria um desconfortável mal-estar. Uma nova conversa, esta entre pai e filho, tinha a política por tema, com o argumento deste de que o civilismo tinha sólidas raízes, ao passo que aquele dizia tratar-se exatamente do contrário, buscando apresentar-lhe um caso elucidativo que servisse de exemplo. Outra confabulação trazia um “nacional civilista” tentando sem sucesso convencer um inglês quanto à relevância da eleição de Rui Barbosa⁵¹. Na capa do periódico, o Zé Povo, de constituição à mão, apelava a um juiz, que representava o Supremo Tribunal, em defesa do Presidente da República, reivindicando que a justiça brasileira não poderia se rebaixar à “cafajestada civilista”, denominada por meio de Irineu Machado. Em “As ruínas da plataforma”, a folha trazia a imagem do Zé Povo analisando o programa político expresso por Rui Barbosa, qualificando como catastrofista, aparecendo o político opositor representado com penas de pavão, em alusão ao seu orgulho pessoal, mas que não passaria de uma gralha, sempre a grasnar desgraças. Olhando o calendário que revelava a proximidade do dia da eleição, o Zé Povo refletia sobre o comparecimento à urna, momento em que ele seria “o juiz único e soberano” na escolha do candidato vencedor. O civilismo foi mais uma vez representando por um cão, dessa vez faminto e mostrando-se furioso com uma coroa, em alusão ao apoio que um descendente de D. Pedro II dera à candidatura hermista⁵².

⁵¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 15 jan. 1910.

⁵² O MALHO. Rio de Janeiro, 22 jan. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



No encontro entre três civilistas, um deles denunciava influências de Hermes da Fonseca no governo federal, ao que os outros o desmentiam, enquanto o primeiro os contradizia, destacando que tais acusações estariam legitimadas por estarem presentes “na plataforma do Rui”. De volta à sua terra natal, Rui era recebido pela “mulata baiana”, que desaprovava as ações de campanha do candidato oposicionista. Em mais uma conversa entre um paisano e um militar, este tinha de desmentir as asserções do outro, que

confiara nas informações contidas na plataforma civilista. Em pleno calor do verão carioca, o eleitor hermista mostrava atitude compatível com o clima do momento, ao passo que o civilista encontrava-se enroupado, sofrendo com o frio, em alusão aquilo que o periódico previa como uma derrota próxima. Já na discussão “Entre partidários exaltados”, o civilista estranhava a concordância do hermista quanto a elogios proferidos a favor de Rui Barbosa, ao que este argumentava que o candidato dissidente estivera correto em outro lugar e em outro momento, e não naquele demarcado por suas intenções presidenciais. Uma decisão judicial supostamente favorável aos ricos em detrimento dos interesses governamentais, era vista pelo Zé Povo como mais um malfeito civilista, de acordo com a intenção deste de desprestigiar o governo. Apresentado como um homem de ação, Hermes da Fonseca era elogiado pelo Zé Povo, inclusive pelo motivo de a “Propaganda civilista” na Bahia ter despertado entusiasmo pela candidatura governista. O radicalismo era apontado pelo semanário como característico dos civilistas, tanto que o líder oposicionista Irineu Machado estaria prestes a explodir uma “bomba do despeito” para atingir seus adversários. “Cabeças e cabeçudos” constituía um conjunto de efígies caricaturais, na qual a folha dizia dar “uma pequena trégua” à sua “violenta batalha política contra o famigerado civilismo” e no qual dava ênfase a tal parte do corpo de diversos personagens políticos da época, como foi o caso de um Hermes portando uma enorme espada em referência ao militarismo que era acusado pelos opositores, enquanto Rui seria “o balão de si mesmo”, brincando com a vaidade do político e com o tamanho de sua cabeça⁵³.

⁵³ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 jan. 1910.



PEREGRINAÇÃO RUY

A RECEPÇÕES DA BAHIA



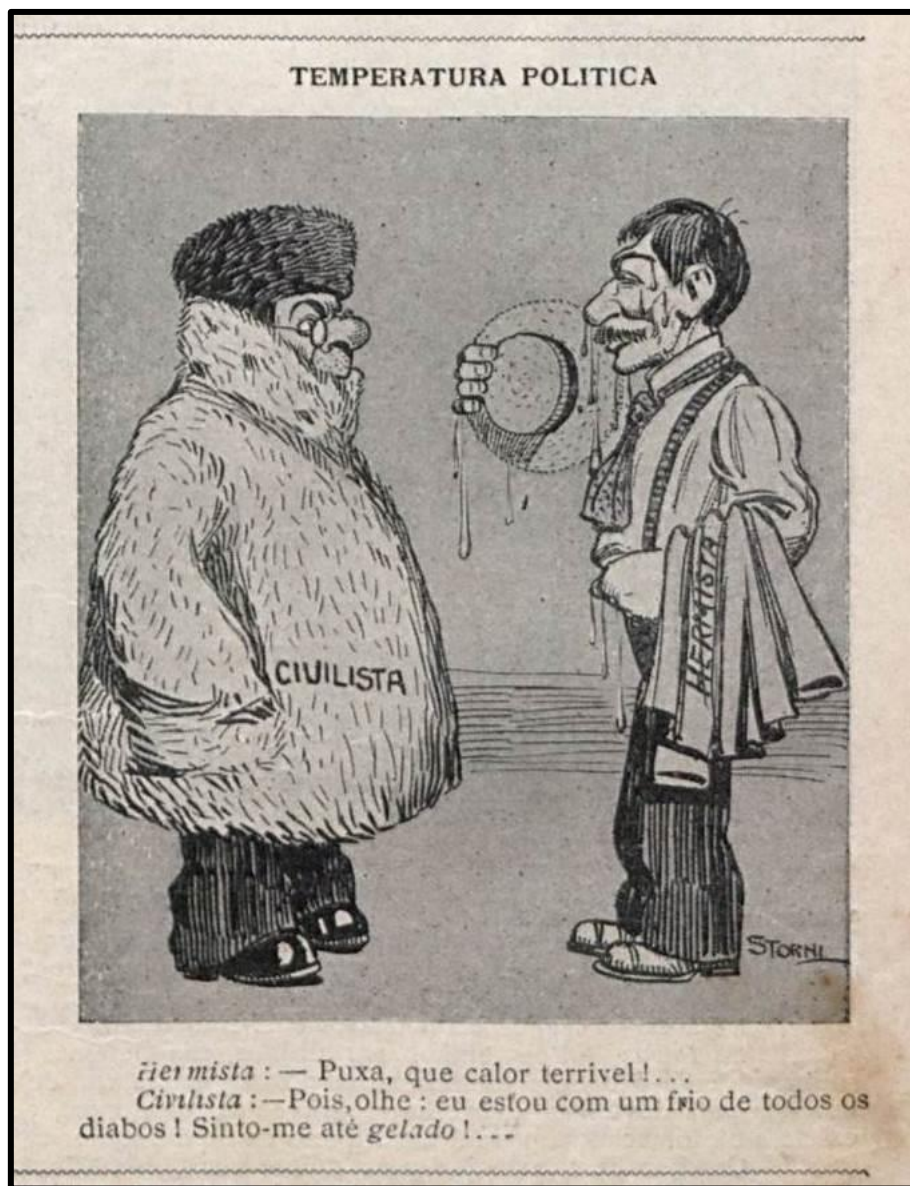
Mulata velha: — Ah! meu filho, meu filho!... Sempre te tratei tão bem... sempre te elevei tão alto... sempre te peguei tanto na chaleira, quer estejas longe de mim, quer quando vens a meus braços... e, no entanto, que é que tu tens feito por mim? Só vejo que me trazes flores de... rhetorica, muito cheirosas! ..

Ruy: — Perdão, minha querida, d'esta vez as flores estão cheias de secretos espinhos venenosos, que não de ferir cruelmente os meus adversarios...

Mulata velha: — E que é que isso adeanta á minha pobreza franciscana e á minha afflicção por me ver, injustamente, neste estado? Antes, em vez de flores e espinhos venenosos, me trouxesses promessas de paz, de ordem e progresso!... Emfim, sejas bem vindo, mas Deus te dê juízo, meu filho!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

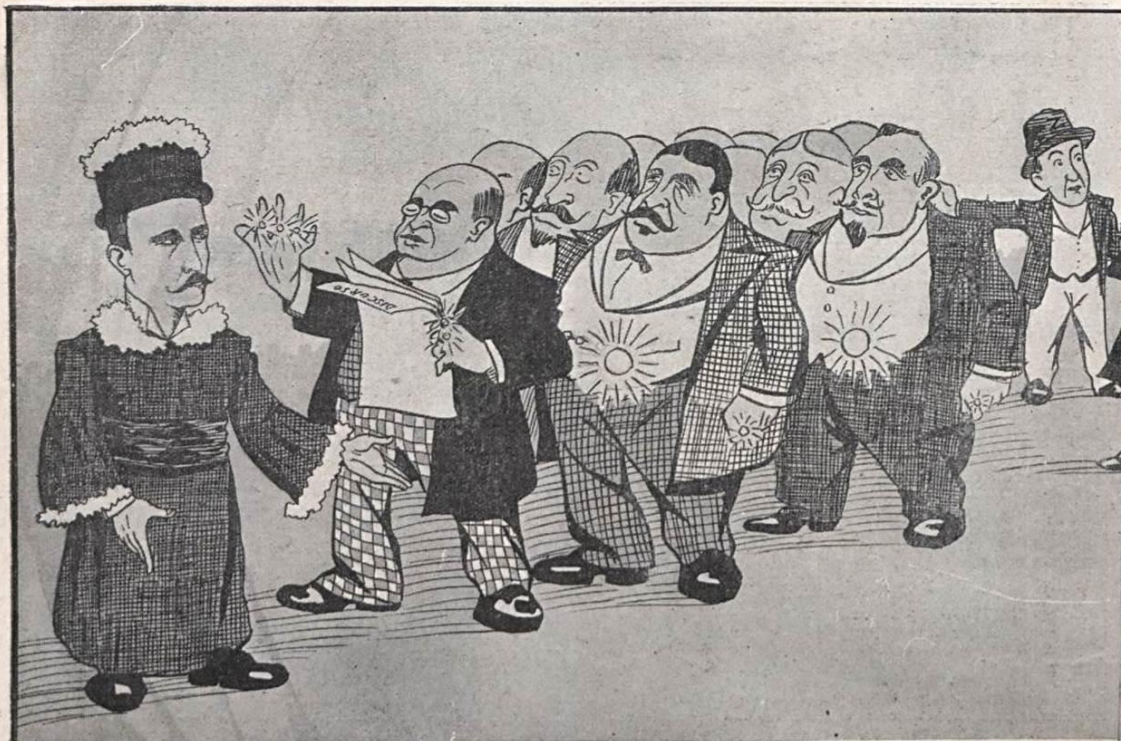




CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O MALHO
MANIFESTAÇÃO ACCUMULADORA



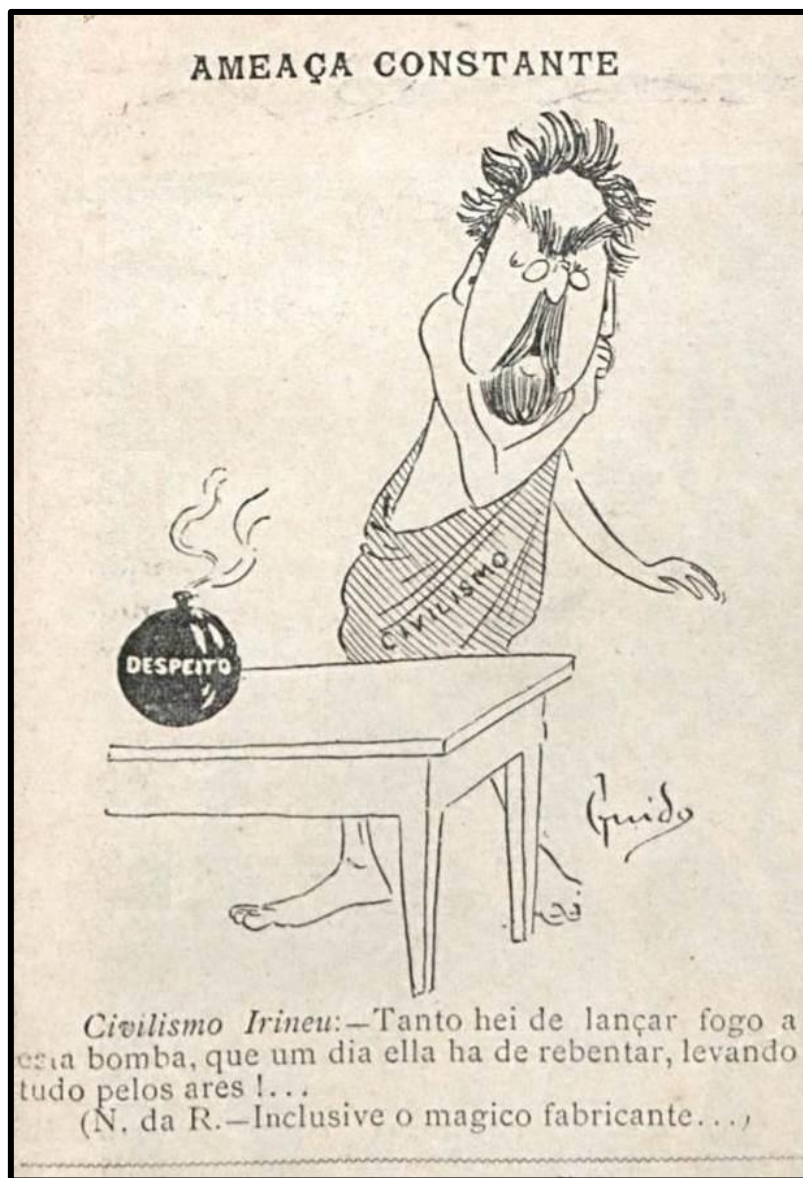
Orador :—Nós, Sr. juiz, accumuladores remunerados de todos os tempos, movidos por um sentimento de gratidão, vimos manifestar-o ao integro magistrado que tão bem principiou a demolir o decreto impatriótico do governo que nós privou de tão gostosas mamatas ! A vossa justiça e a vossa consciencia...

Pires de Albuquerque :—A fallar a verdade, a consciencia republicana entrou nisto como Pilatos no Credo... A consciencia partidaria, sim, porque o lemma civilista é este : *Desprestizar o governo !*

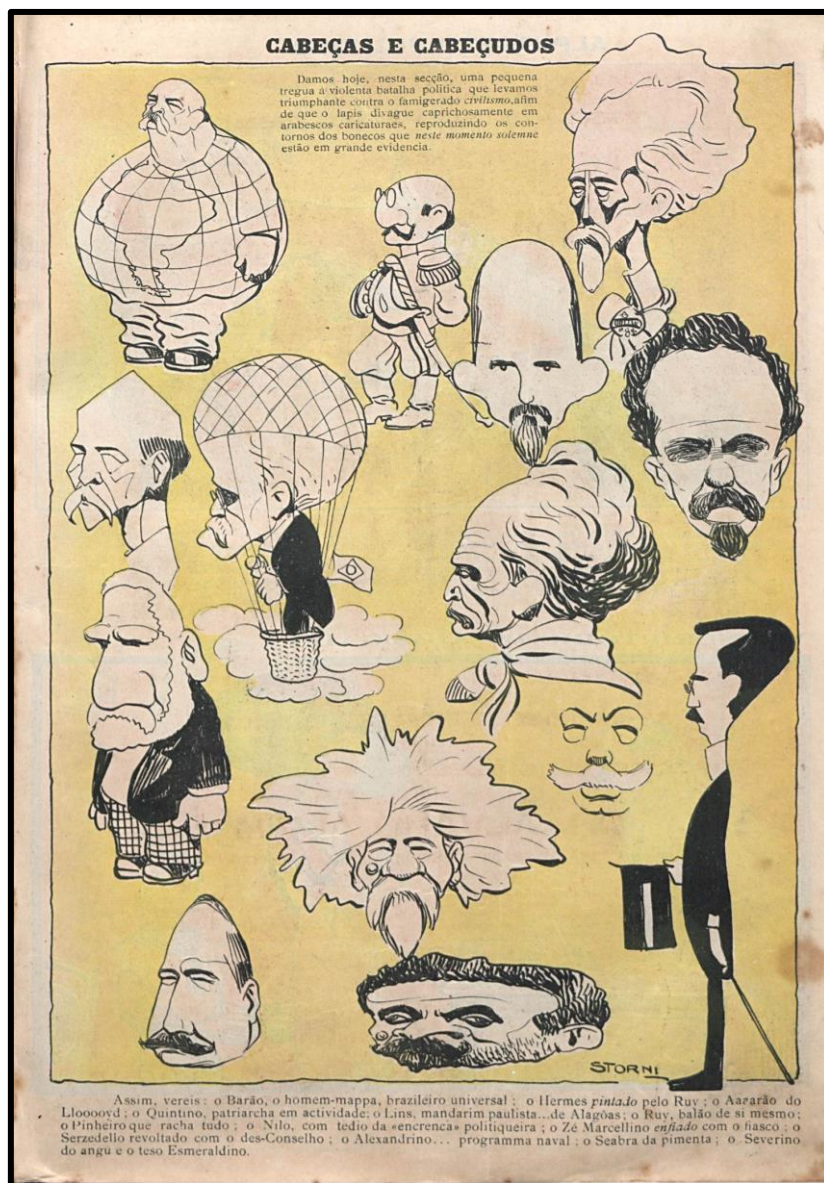
Zé :—Sim, senhor ! Eis um grito de consciencia que me agrada ! Ao menos a gente fica sabendo em que lei vive com estes juizes de *consciencia* accumulada de *civilismo*... contra o Thesouro !...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO



Um banco de praça servia de cenário para que um pedinte exigisse que o hermismo o tirasse da miséria, caso contrário, ele se tornaria um civilista desde a sua cartola até as botas, peças de indumentária que não possuía. A folha ilustrada chegava a fazer pilhéria com um médico que era entrevistado por uma esposa, preocupada com o estado de saúde do marido, frente ao que aquele recomendava como tratamento terapêutico a leitura dos discursos de Rui Barbosa, que estimularia o cérebro do doente, a partir da quantidade de inverdades que trazia em seu conteúdo. Em um novo diálogo entre dois homens, um deles elogiava *O Malho* pelos seus recorrentes acertos ao tratar de política, como ao prever a derrocada do civilismo. O insucesso oposicionista foi também comparado ao encalhe de uma baleia na costa fluminense, uma vez que o movimento civilista só viria a ter “alguma utilidade” depois de morto⁵⁴. A morte do representante diplomático brasileiro nos Estados Unidos era simbolizada pelo encontro entre o Tio Sam – símbolo da nação estadunidense – o chanceler Rio Branco e a alegoria feminina que traduzia a República Brasileira e, meio às saudações, havia a intervenção do Zé Povo, o qual pedia que o cargo recentemente vago viesse a ser ocupado por Rui Barbosa, na certeza de que tal candidato não venceria a eleição. Uma política de saneamento financeiro governamental era aplaudida por John Bull – designando a Grã-Bretanha e pelo Zé Povo, que elogiava a atuação de Nilo Peçanha, restando apenas aos oposicionistas mais uma vez o papel de cães que só conseguiriam ladrar diante dos supostos progressos obtidos pelo governo federal⁵⁵.

⁵⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 jan. 1910.

⁵⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.



CONTRA A NEURASTHENIA
RECLAME GRATUITO



— Então, doutor, a molestia de meu marido é muito grave?

— Não, minha senhora... É uma neurasthenia-agudatédiosa... Seu marido tem o cerebro talhado para continuos movimentos e é a falta dísso que lhe causa o mal...

— E qual foi o remedio que o doutor lhe receitou?

— Ler os discursos do Ruy, já se vê... *Aquillo* estimula extraordinariamente o miolo, pelo constante fogo de artificio, que mostra!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





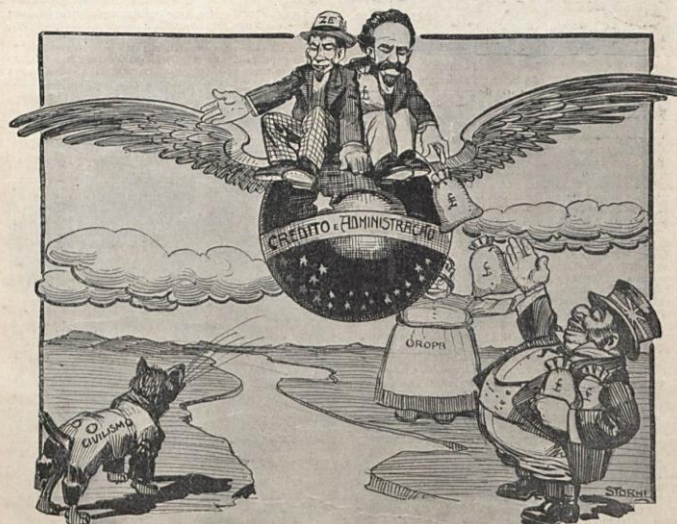
IMPRESSO EM MACHINAS ROTATIVAS DE MARINONI

Anno IX

REDACÇÃO, ESCRITORIO E OFFICINAS:
RUA DO OUVIDOR N. 164 E ROSARIO N. 173

N. 385

O BRAZIL NAS NUENS!



Europa :—Bravos ao Brazil, que está na ponta das nações sul-americanas!

John Bull:—Yes! Mim attesta esse verdade, porque vê finanças de Brazil dirreitas, em progressa e cebe adiantado o arrame do funding loan! Hip! hip! hip! Hurrah!...

Nilo :—Obrigado, mister John! Continuarei firme a administrar o paiz, seguindo a orientação dos erdadeiros estadistas!

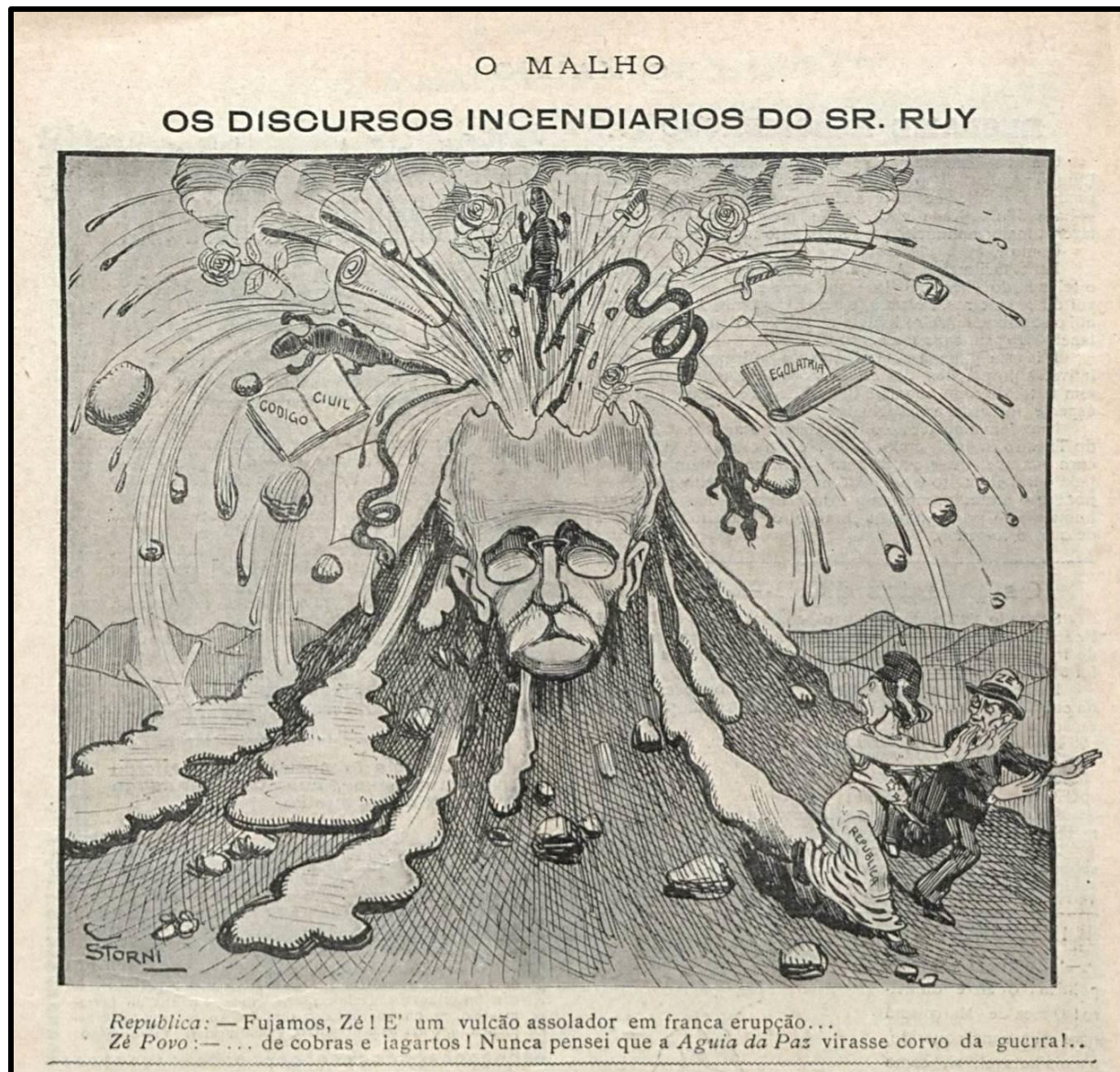
Zé Povo :—Ah! seu Nilo, seu Nilo! A que grão subiria o entusiasmo estrangeiro, si não tivessemos por aqui o que temos: juizes mashorqueiros na capital e nos Estados, senadores e deputados arrua-ceiros e o latir furioso d'este bicho de casaca?!

Em um “projeto para decoração do portão do Palácio do Catete”, o magazine mostrava Rui e Hermes como dois insetos que aguardavam que a fruta da Presidência amadurecesse para poder consumi-la. O candidato oposicionista foi caricaturalmente transformado em um vulcão em erupção, para pavor da dama republicana e do Zé Povo, que fugiam das “cobras e lagartas” expelidas. Uma conversa entre dois militares girava em torno das críticas do candidato dissidente ao papel do Exército, lamentando que Rui Barbosa tivesse mudando tanto o seu comportamento. A imprensa civilista era vista como intriguista pelo hebdomadário e representada em cena na qual, sob o olhar da politicagem um mendigo orientava seu cão a encontrar no lixo “qualquer resíduo” que desabonasse Hermes, deixando de lado alguma sujeira que se voltasse contra o seu próprio candidato. As acusações contra o jornalismo civilista se estendiam até a crítica de costumes, como no caso de um diário que teria organizado uma subscrição em favor de indivíduo que levara uma bofetada. Um novo diálogo apontava que a candidatura civilista era a espalhar boatos, visando a promover o espírito revoltoso entre os militares. O desenho “O civilismo na intimidade” fazia referência aos péssimos resultados eleitorais da oposição até mesmo no âmbito paulista, uma das suas correntes de sustentação. Levando em conta a consciência popular, a situação política nacional era pesada em uma balança na qual Hermes teria maior peso a partir de qualidades como “modéstia, honradez e caráter”, ao passo que Rui teria os seus méritos como jurista, mas cuja ação não passaria de palavrório⁵⁶.

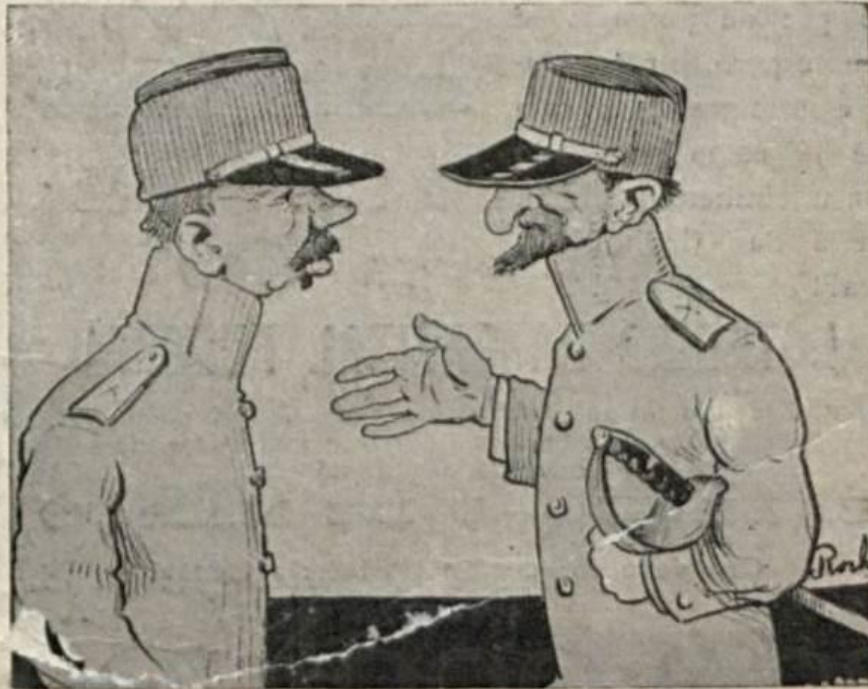
⁵⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



LIBERDADE DA CRITICA



- Você leu o que o Ruy tem dito do Exercito ?
— Li; para elle somos uma *choldra*, uns *bebedos*, uns ...
— ... uns diabos, não é isso? No emtanto, si quizessemos, podiamos citar trechos geniaes de antigos discursos, onde o Exercito é posto nas pontas da lua...
— Camarada ! Nós não mudamos : elle é que mudou... Por conseguinte, esperemos que elle torne a tornar ao que foi e fiquemos admirando o que elle agora é : um *magico* desastrado!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

ESMIUÇANDO A INTRIGA

A propósito da gratificação de função, que o marechal Hermes, como todos os outros oficiais do Exército, recebia legalmente, a imprensa civilista abriu uma campanha desbragada contra o candidato da Convenção de Maio, tentando abocanhar-lhe a reputação de immaculada honradez.



Dr. Preparado (cego e surdo): — Fuça, fuça, meu tóto! Procura qualquer residuo que nos sirva, mas que seja só do Hermes, porque tudo que achares do nosso candidato não nos serve!

SI A MODA PEGA...

«Um diário civilista abria uma subscrição de nickeis em favor de um cidadão para o lavar da affronta de ter merecido umas bofetadas.»

(Nota de um correspondente)



Ella:—Si o senhor continuar a me perseguir, eu encho-lhe a cara de bofetadas!

Elle:—Isso mesmo é que eu quero: abro uma subscrição...



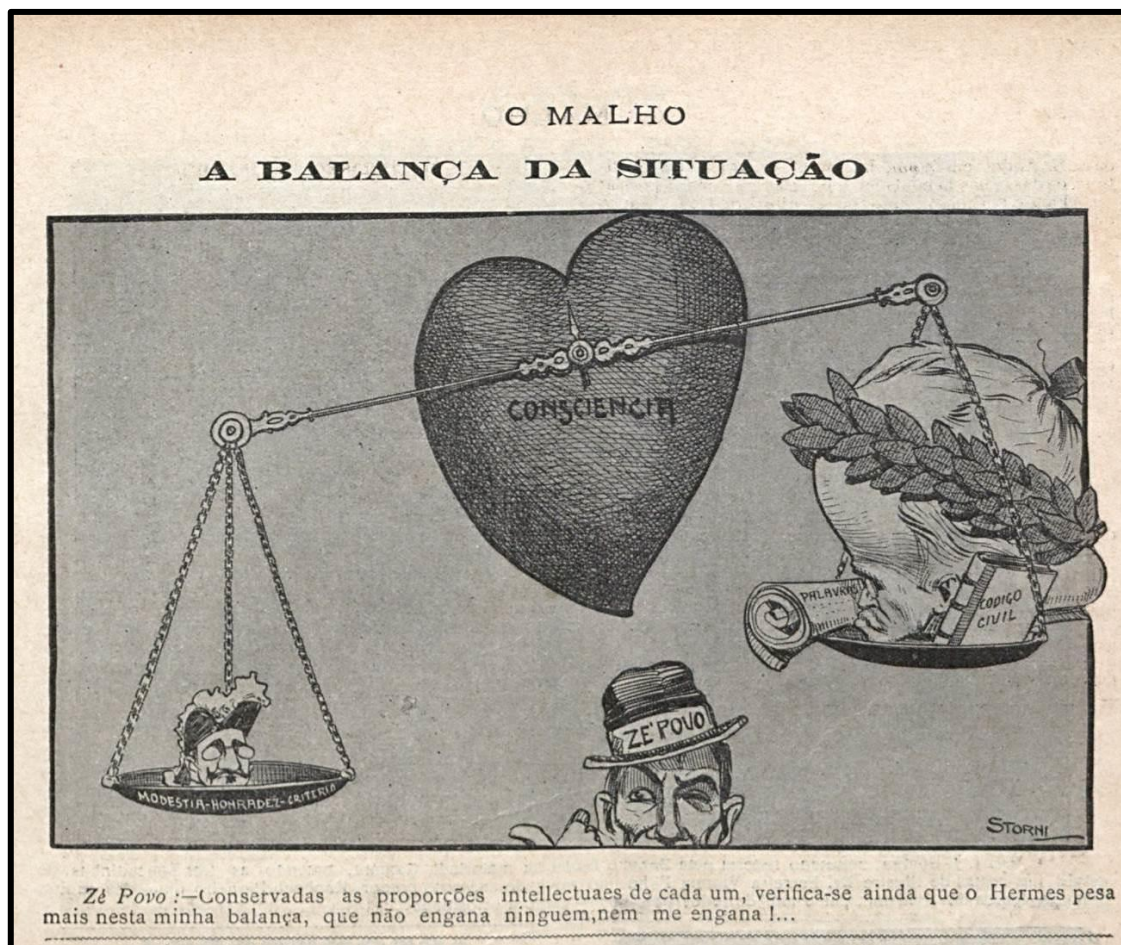
O CIVILISMO NA INTIMIDADE



O do papel : — Com o devido respeito, aqui esta o que diz um jornal neutro e bem informado : «Em S. Paulo os hermistas concorreram ás urnas com 22 mil votos na eleição estadual !»...

Civilista : — Em S. Paulo ??... Na Meca do civilismo?!... Vinte e dois mil votos?!... Meu amigo : precisamos levar umas bofetadas, já e já, para entrarmos no producto de uma subscrição e não ser total o prejuizo !...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



Uma coleta de assinaturas nas ruas citadinas envolvia um trocadilho entre uma “lista civil” e uma “civil lista”, fazendo com que o interlocutor preferisse atirar-se em um bueiro a ver-se envolvido com a candidatura oposicionista. Em época de carnaval, a revista apresentava conjunto de

caricaturas em que o Zé Povo era disputado entre Momo e a dama política; os dois candidatos viajavam em campanha, deixando a bomba do processo eleitoral na capital do país; a representação alegórica de *O Malho* continuava propondo-se a criticar os civilistas, considerando-os como “revolucionários de profissão”, apesar dos ataques que recebia da imprensa oposicionista; e o magazine chegava a levantar escapelar Rui, para mostrar a “ambição”, o “ódio pessoal” e o “despeito” como orientadores da candidatura dissidente. A folha previa mais uma vez a derrota civilista, vislumbrando que até a Quarema, os opositores estariam enterrados em cinzas. A discussão das relações conjugais também servia de mote para o debate político, como no caso da esposa que reclamava do marido civilista, tão arraigado na disputa eleitoral, que esquecia de suas obrigações fundamentais como mantenedor da casa. A notícia de visitas mútuas entre governantes de Brasil e Chile aparecia como pano de fundo para o diálogo entre o Presidente e o chanceler, com este aplaudindo a disposição presidencial para os assuntos de política externa, de modo a demonstrar que “as lutas internas da politicagem” não estariam a dominar o país. As denúncias contra o civilismo estar intentando insuflar a revolta no meio militar voltavam a figurar em “A pesca do peixe espada”. O diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil era elogiado Zé Povo pelos progressos no transporte público, constando que ele teria primazia no meio que administrava, podendo até vir a ser o “primeiro homem desta terra”, à exceção dos civilistas que seriam “sempre os primeiros em língua”⁵⁷.

⁵⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.

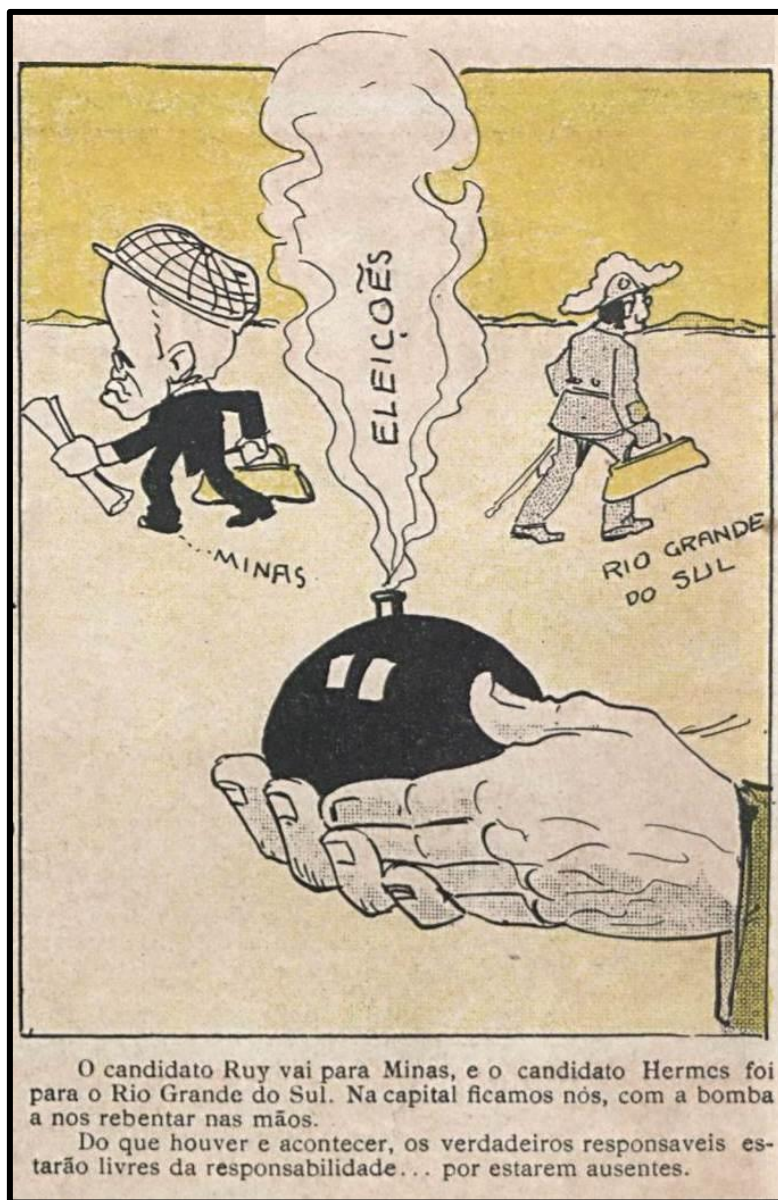
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





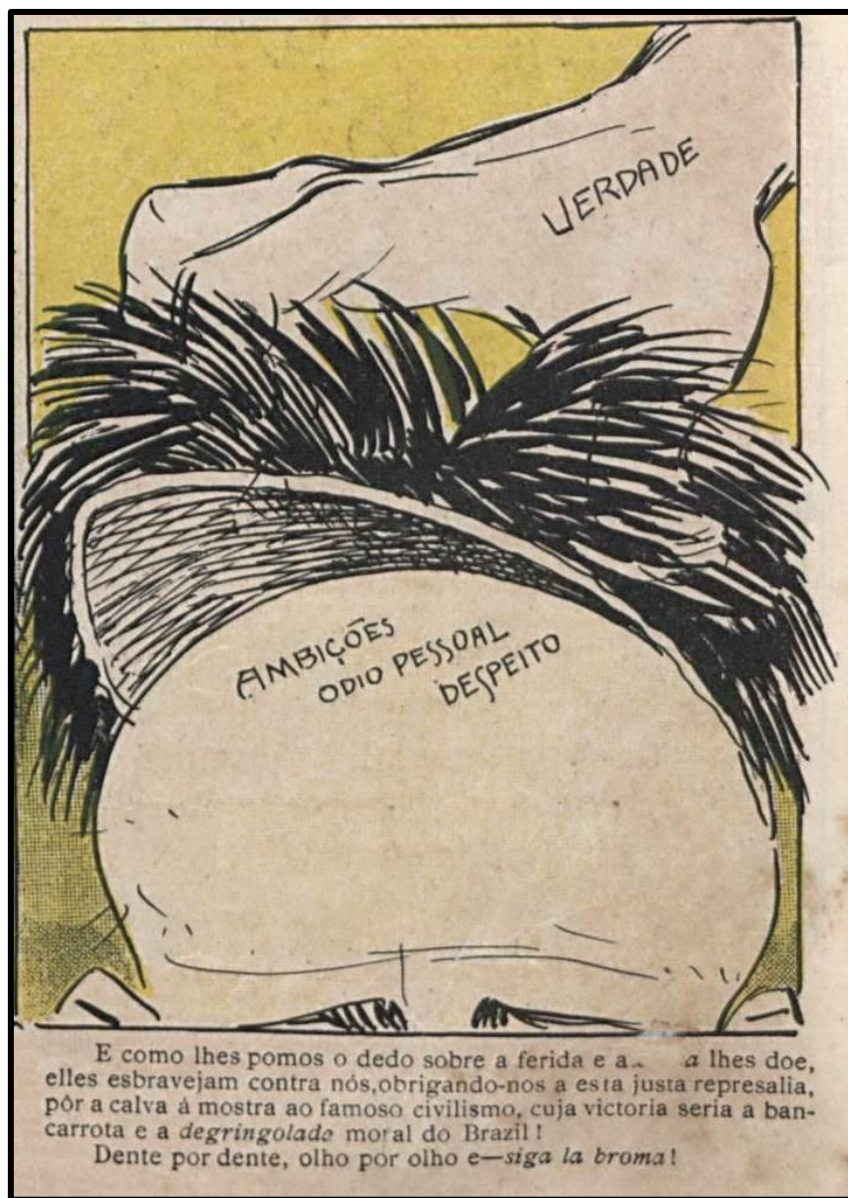
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



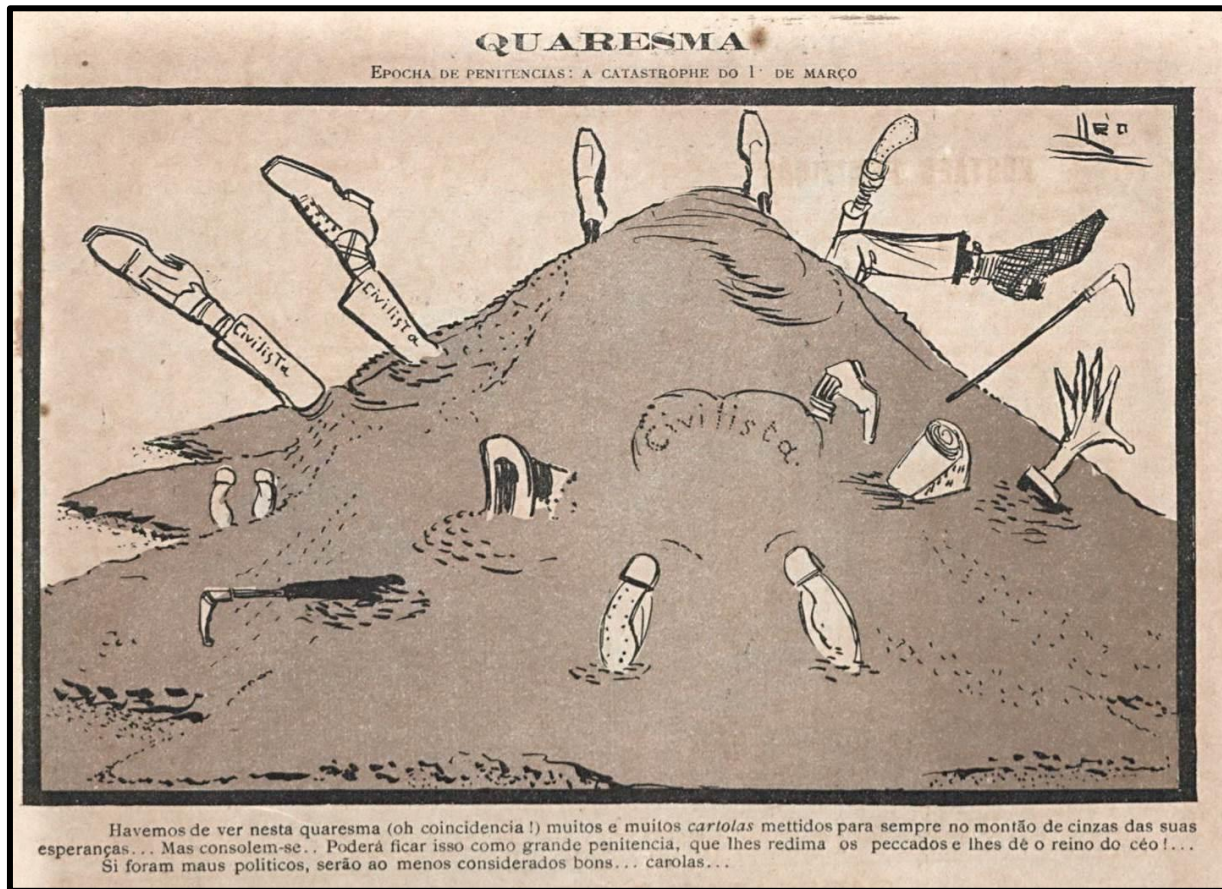


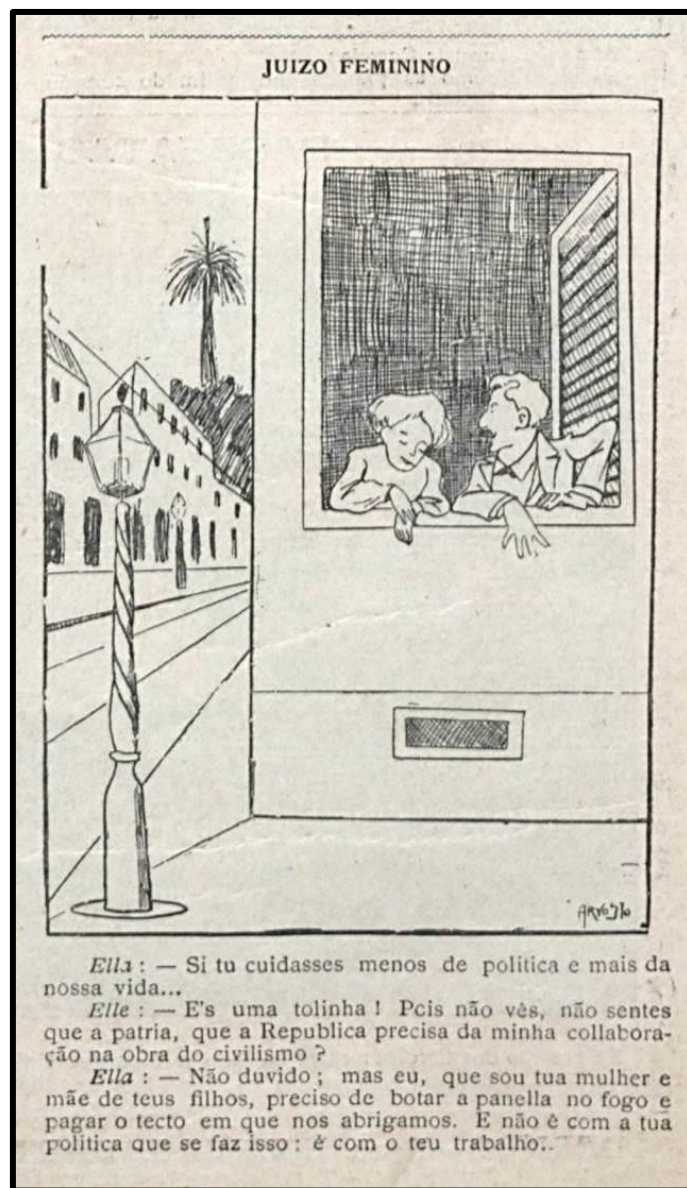
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



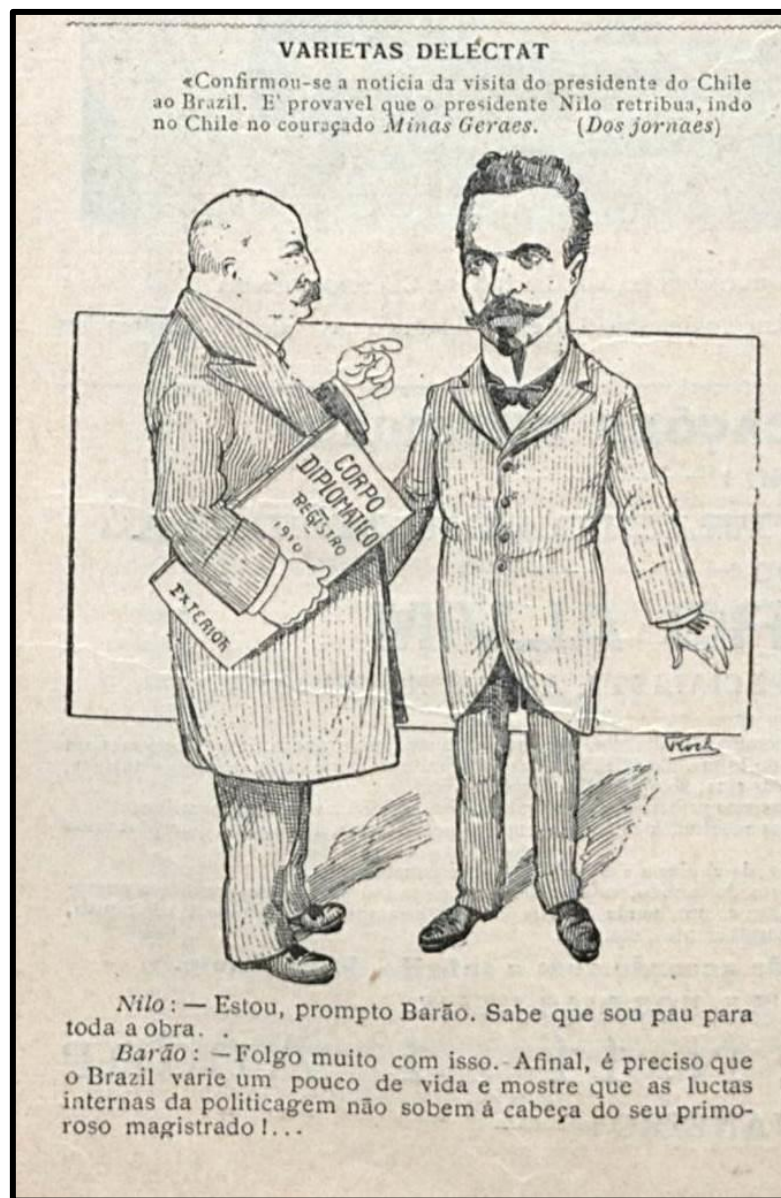


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



PESCA DO PEIXE ESPADA

«Sabemos que as altas autoridades do exercito tomaram energicas providencias para por termo á exploração feita pelos civilis, procurando distribuir sôrrateiramente pelos corpos da guarnição boletins contendo trechos da mensagem Ruy Barbosa e aconselhando e convidando as praças a se revoltarem.

Alguns dos distribuidores desses boletins têm sido presos. A' policia já foram solicitadas providencias para a captura de outros individuos que trabalham para igual fim.»

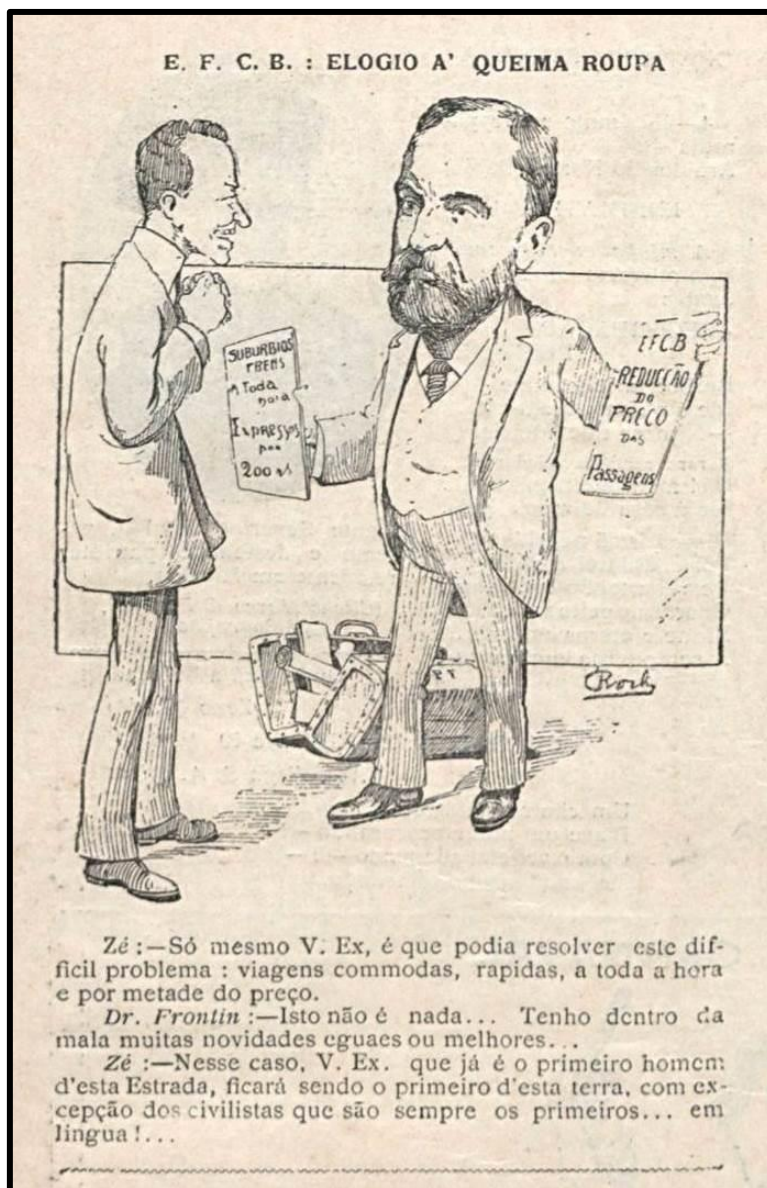
(D'O Pais de 5)



-- Ora ahi tem você mais uma prova do que é o civilismo: um incitador de revoltas militares para pescar nessas aguas turvas o peixe que lhe convém...

— Pois sim! Mas ficará em jejum, que é a verdadeira penitencia da quaresma...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

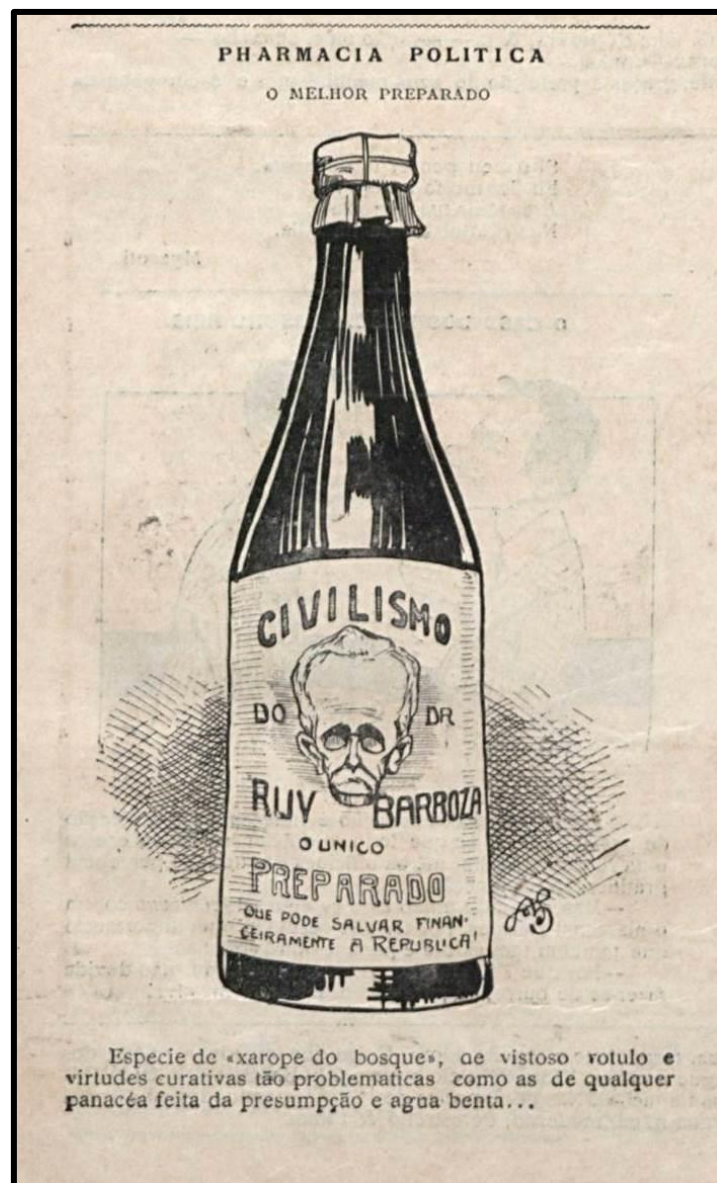


Uma gratificação recebida por Hermes da Fonseca serviu de cavalo de batalha da imprensa civilista e *O Malho*, na forma de diálogo do cotidiano, buscava demonstrar a plena legalidade de tal recebimento. O civilismo foi também comparado a um remédio que prometia a cura para muitos males, mas que tinha apenas um rótulo atraente, ficando o conteúdo plenamente a dever quanto àquilo que prometia. O militarismo foi representando ainda como um fantoche horrendo, manipulado pelos civilistas para amedrontar o Zé Povo, que se mostrava inatingível perante tal ameaça. A caminho do Rio Grande do Sul, Hermes era alertado pelo Zé Povo acerca das armadilhas deixadas pelos civilistas, embasadas em inverdades, mostrando-se o candidato governista seguro quanto ao itinerário que tinha a cumprir⁵⁸. Em mais uma capa do magazine, os civilistas eram vistos como um bloco carnavalesco, que tentavam convencer por meio de suas marchinhas, mas não contavam com a aceitação de parte do Zé Povo. No mesmo clima, o periódico estampava um carro alegórico, conduzido pelo Zé Povo e que trazia o confronto entre a águia civilista e o leão hermista. Ainda no âmbito dos festejos de Momo, um folião era desestimulado por outro por ter se utilizado de uma cabeça de Rui Barbosa como adereço. Dois partidários civilistas conversavam sobre a viagem de Irineu Machado em campanha ao Rio Grande do Sul, desejando que ele efetivamente conseguisse promover a propaganda de seu candidato. Mantendo o ambiente de carnaval, os dois candidatos apresentavam-se utilizando máscaras opostas, havendo o reconhecimento de Rui quanto a uma iminente derrota⁵⁹.

⁵⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 29 jan. 1910.

⁵⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 fev. 1910.





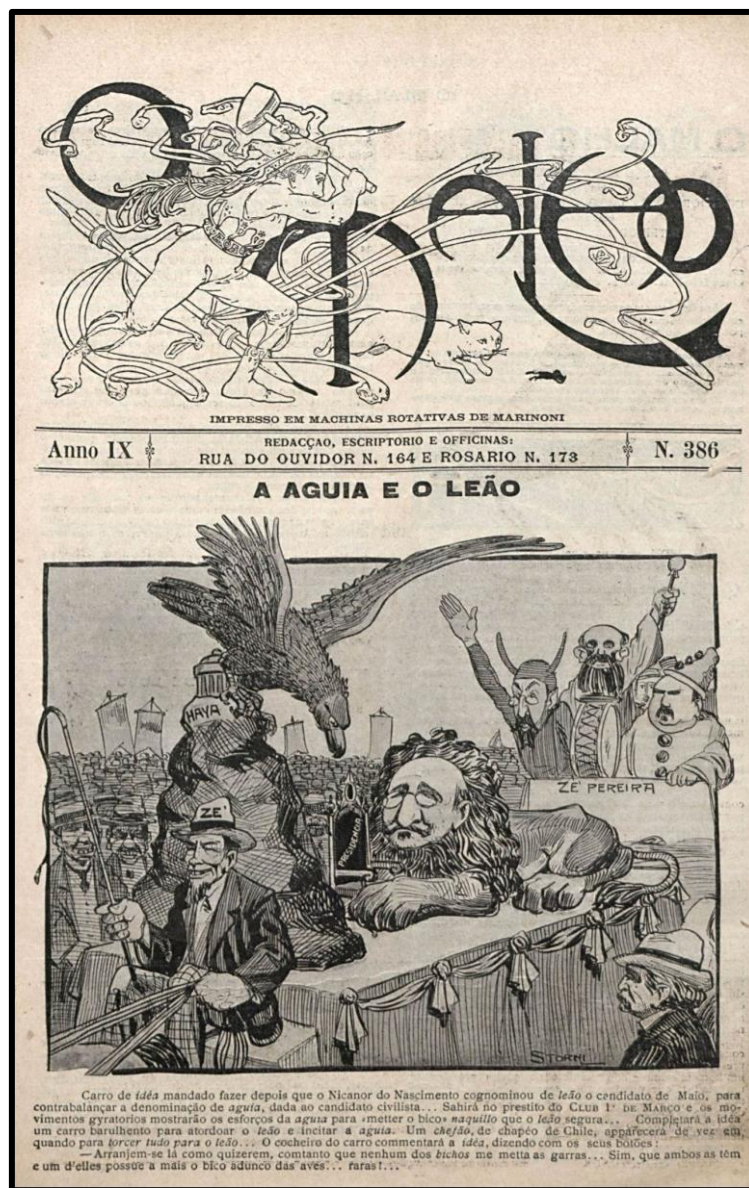
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



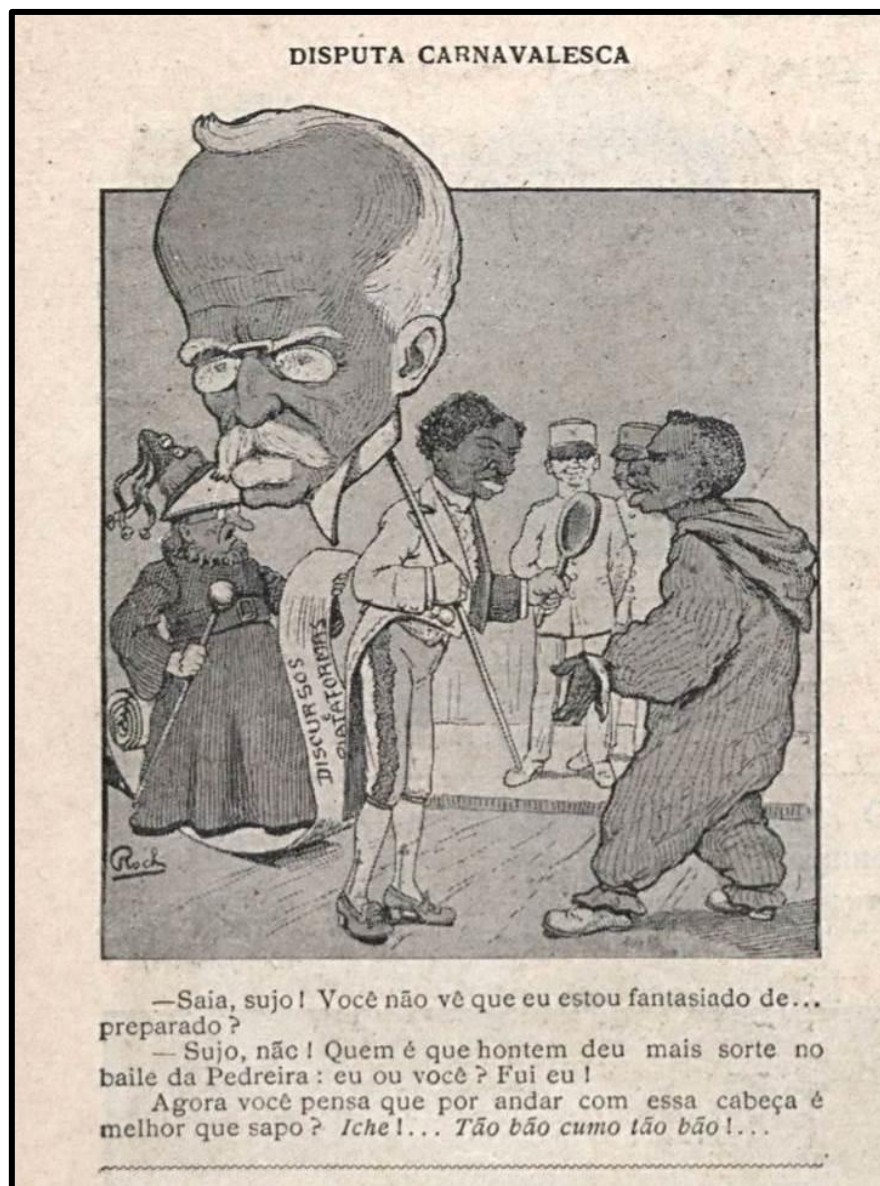


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O encontro de um civilista e a politicagem, transmutada em fada, revelava a intenção do mesmo de dar um trote no Zé Povo, contando com a aquiescência

dela, sem que deixasse de avisar que ele deveria preparar-se para o troco que a representação do povo brasileiro lhe daria no dia das eleições. Mantendo o rumo das fantasias carnavalescas, um palhaço estranhava os trajes muito solenes de um homem de cartola e casaca, mas, quando ele se identificava como civilista, ficava esclarecido que ele estaria pronto para missa funeral do próprio civilismo. No mesmo contexto, o periódico imaginava alguns “Disfarces e fantasias” que poderiam ser utilizados por Rui Barbosa, partindo da águia, com o qual fora identificado por suas ações na política externa, mas que se desgastaram a partir de seus discursos vazios; como um D. Quixote, imaginando riscos de um militarismo que supostamente não assustava ninguém; como um militar que dominava com mão de ferro seus apoiadores; como um clérigo, cuja sombra era a própria encarnação do demônio; como um candidato popular, encenando a postura do Zé Povo; ou, finalmente, como Narciso, refletindo toda a sua vaidade. O candidato opositor eram também visto como uma peça de um jogo de madeira, que comparava o republicano histórico dos primórdios da forma de governo, com o candidato dissidente de 1910. O acirramento das disputas políticas levava dois “mascarados” a conversarem sobre suas preferências, preferindo um deles não se identificar com alguma das frentes em embate. Em um cenário envolvendo a compra de um presente, a mulher iria qualificar o marido de acordo com a aquiescência quanto ao seu pedido, ao que ele comparava com o civilismo, que chamava seus votantes de criaturas divinas e os adversários de bestas⁶⁰.

⁶⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 fev. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



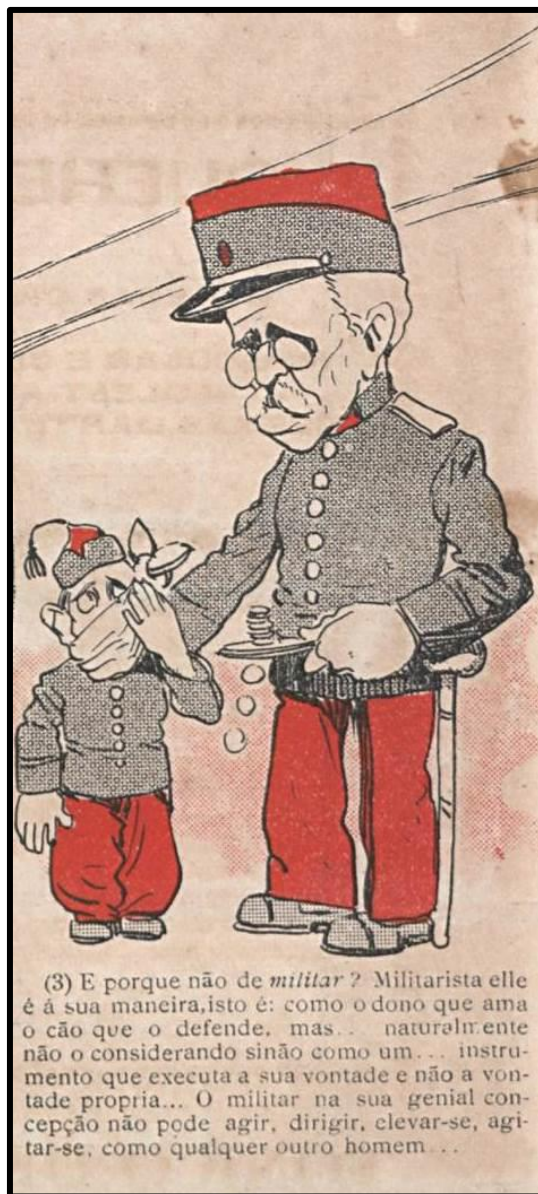


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



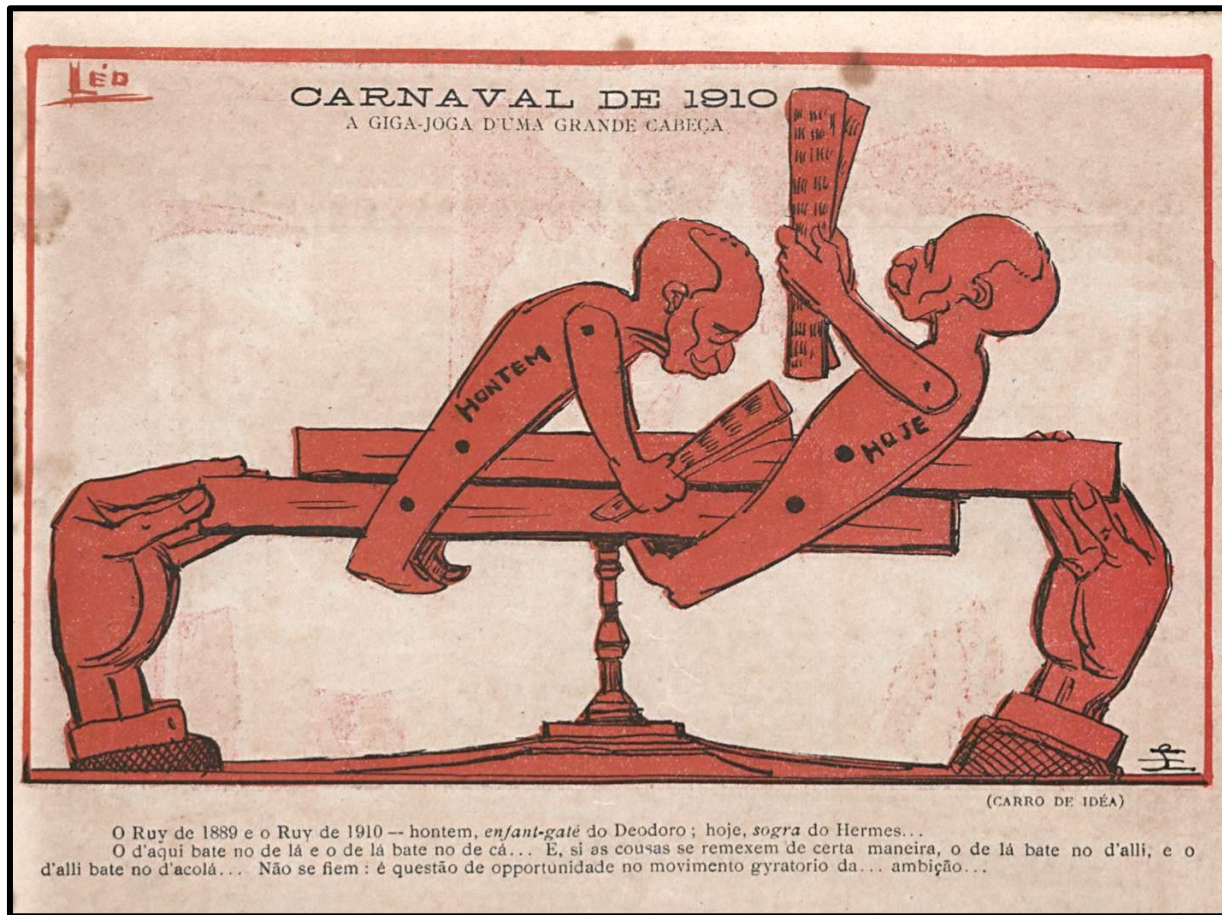


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

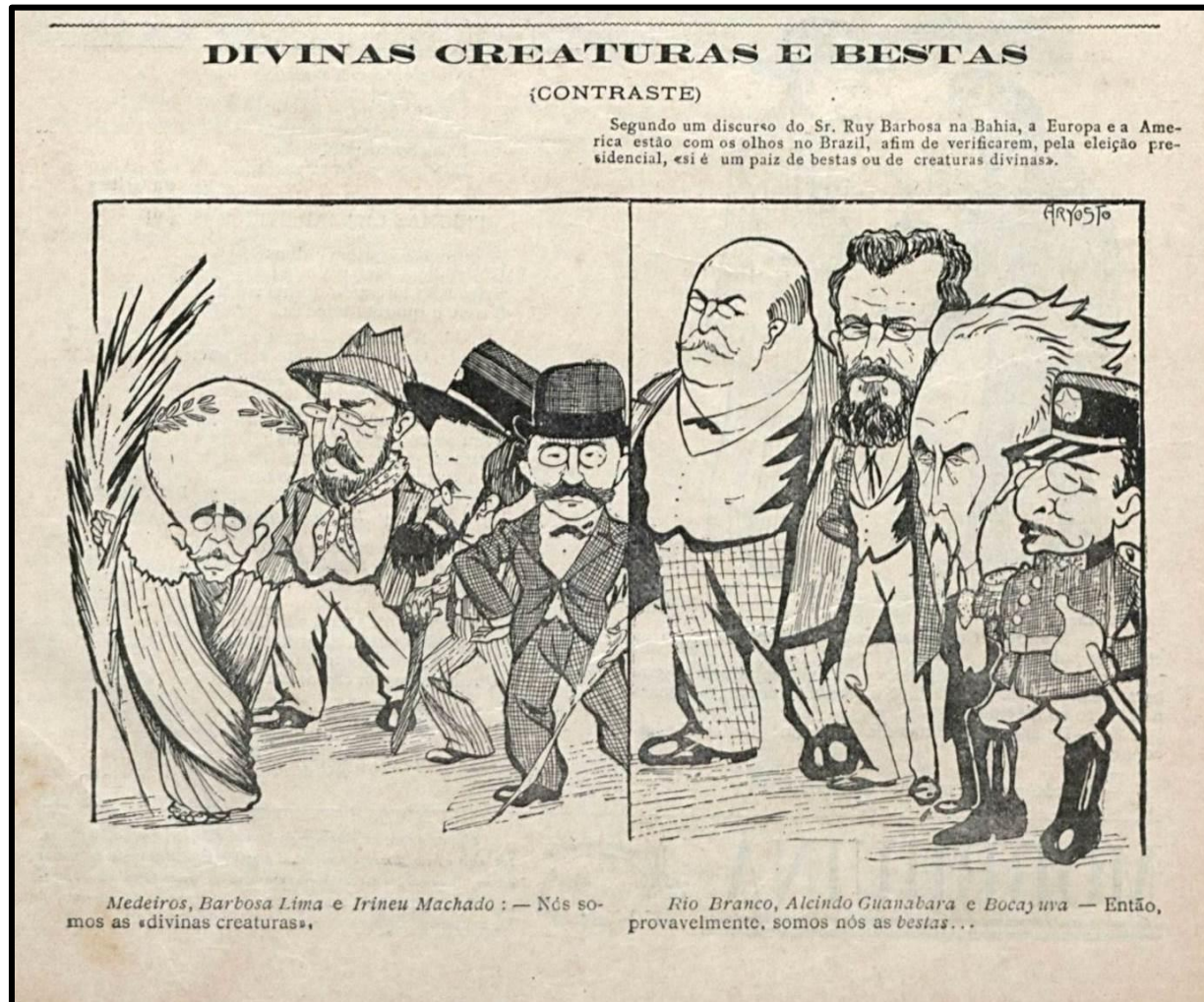


A respeito da manifestação de Rui Barbosa, qualificando seus eleitores como “divinas criaturas” e aqueles que não votassem neles como “bestas”, o periódico traçou um paralelo, mostrando quatro figuras de cada lado, buscando demonstrar o erro de apreciação do candidato opositor. Dois populares se encontravam e falavam sobre a viagem do civilista Irineu Machado ao sul, onde ele iria aprender a carrear o gado, em apreciação negativa para com o político, pois isso seria algo que estaria a faltar em seu currículo. Ainda em alusão ao carnaval, Rui desfilava e pedia o voto do Zé Povo para que conseguisse vencer o marechal, sem receber qualquer certeza na resposta do votante⁶¹. Sob inspiração religiosa, a capa da revista colocava o Zé Povo na figura de um clérigo, com os seguidores do civilismo imaginando que o padre iria aclamar Rui Barbosa, mas se decepcionavam, pois a atitude do sacerdote vinculava-se mais à finitude da vida, em sinal do fenecimento da candidatura do opositor. As críticas do semanário humorístico voltaram-se mais uma vez em direção à imprensa civilista, com a figura do Zé Povo aconselhando-a a amenizarem suas manifestações, tendo em vista a perda de credibilidade como consequência. A chegada do dia das eleições era vislumbrada pelos candidatos em “Expectativa real”, na qual Hermes observava a data com seus próprios olhos, ao passo que Rui tinha de usar uma lente, em referência à distância que ele teria em relação à vitória. Em alusão a uma campanha sem propostas e formada apenas por palavrório, o periódico mostrava o candidato opositor azeitando seu instrumento de trabalho, ou seja, a língua⁶².

⁶¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 fev. 1910.

⁶² O MALHO. Rio de Janeiro, 12 fev. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



CURSO DE SANGUE

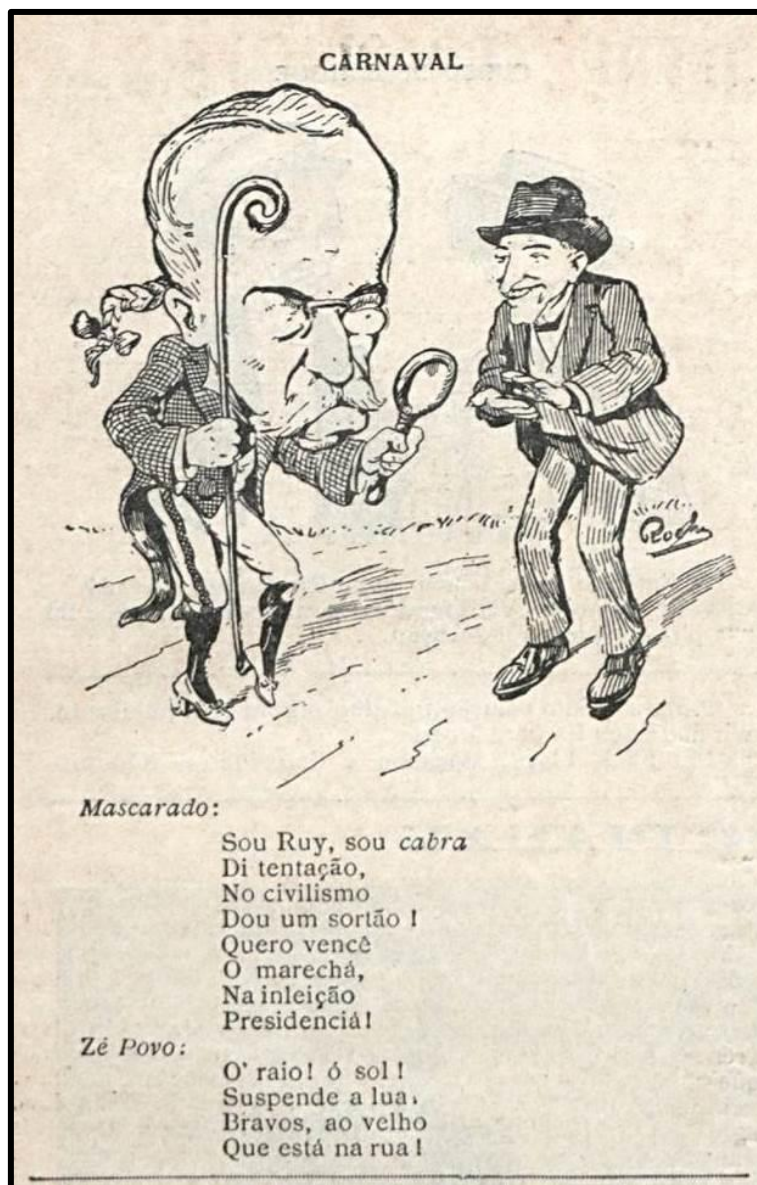


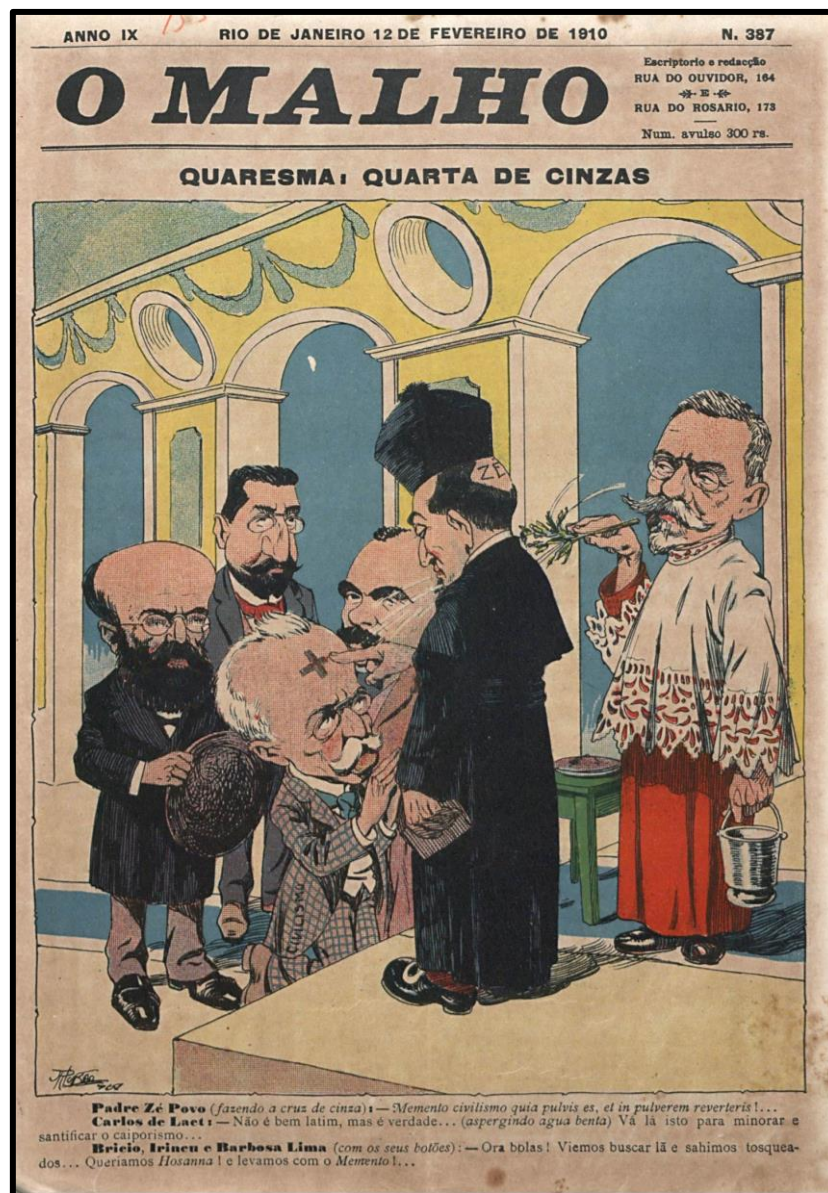
— Então, o nosso Irineu vai ao Rio Grande do Sul?
— E' verdade! Vai prendê a carneá boi. E' só que lhi
farta p'ra completá a inducação...

P-gado — Sem solução, trabalho algum será publicado,
pelo que o seu foi para a cesta.

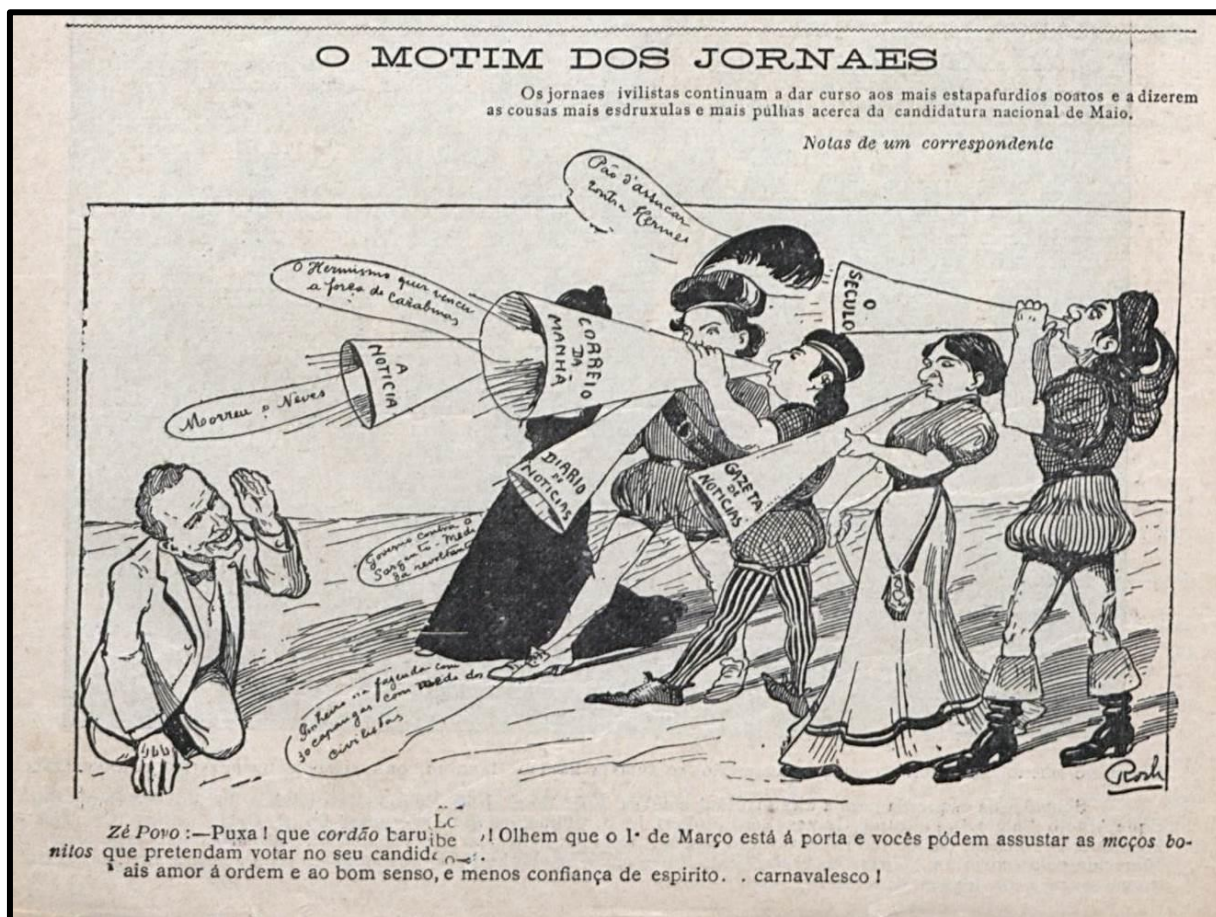
Dr. Flick Flack, Maritone e Carusinho — Não pro-

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



Sob a evocação de “Fala Brasil!”, o semanário idealizava a vitória do candidato governista nas eleições de 1º de março, aparecendo Hermes da Fonseca erguido aos ares pelo Zé Povo, ao mesmo tempo em que tal personagem derrubava a “panela” do civilismo, em apreciação negativa do que considerava como um conluio dos oposicionistas, os quais eram representados por ratos, animal que a arte caricatural transformou em verdadeiro símbolo da corrupção. A caricatura “Um como tantos”, constituía mais uma perspectiva pejorativa em relação ao civilismo, acusado de mentir à população, com a constante criação de lorotas. A falta de popularidade atribuída ao civilismo pela folha teria sido demonstrada pela reação do povo ao discurso do deputado federal civilista Carlos Peixoto de Melo Filho, que foi atingido por uma série de ovos podres. Um panorama idealizado pelo hebdomadário trazia Hermes cada vez mais próximo do Catete, a águia – em referência a Rui – perecendo ao chão, enquanto Irineu Machado assumia uma feição diabólica e o próprio civilismo era apresentado como um “amigo-urso”, imputando a falsidade e a traição como características de tal grupo político. Hermes da Fonseca aparecia também como um maestro que surgia vitorioso da urna que designava o voto popular, estando pronto para reger o Brasil. Por outro lado, frente à previsão de um jornal civilista quanto à vitória de Rui Barbosa, o semanário tratou o tema jocosamente, mostrando aqueles que seriam os integrantes do improvável novo governo, apontando elementos que não estariam à altura dos cargos, em demonstração de que os civilistas não teriam quadros competentes para a administração pública⁶³.

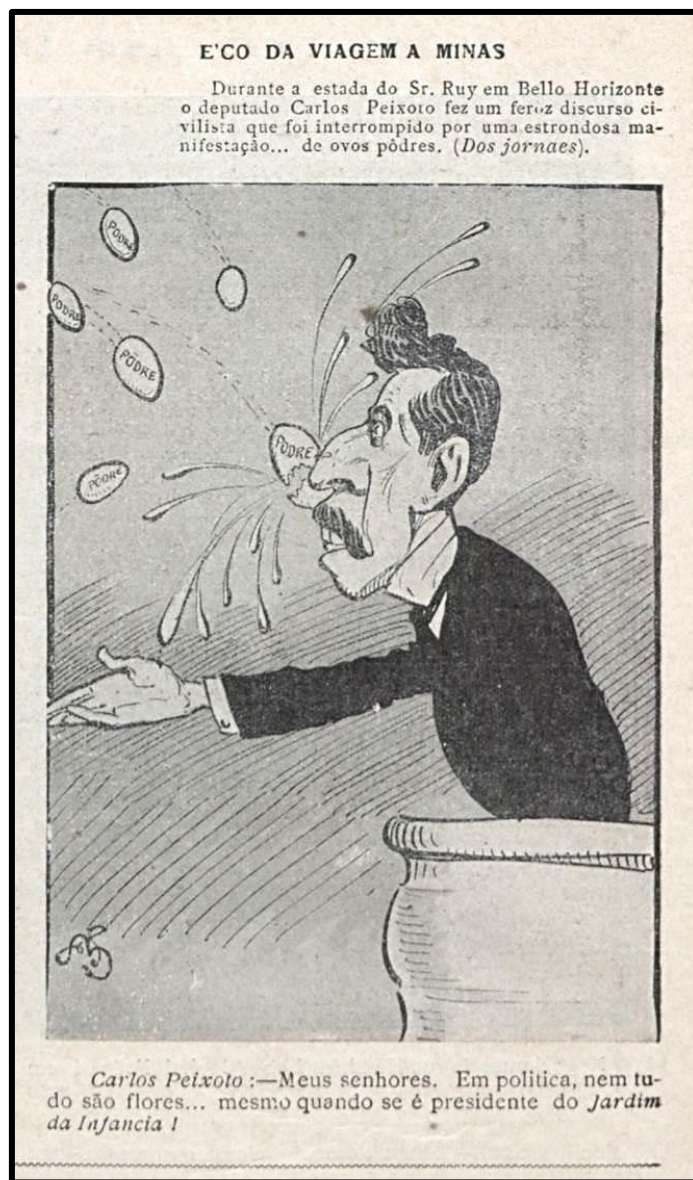
⁶³ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 fev. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

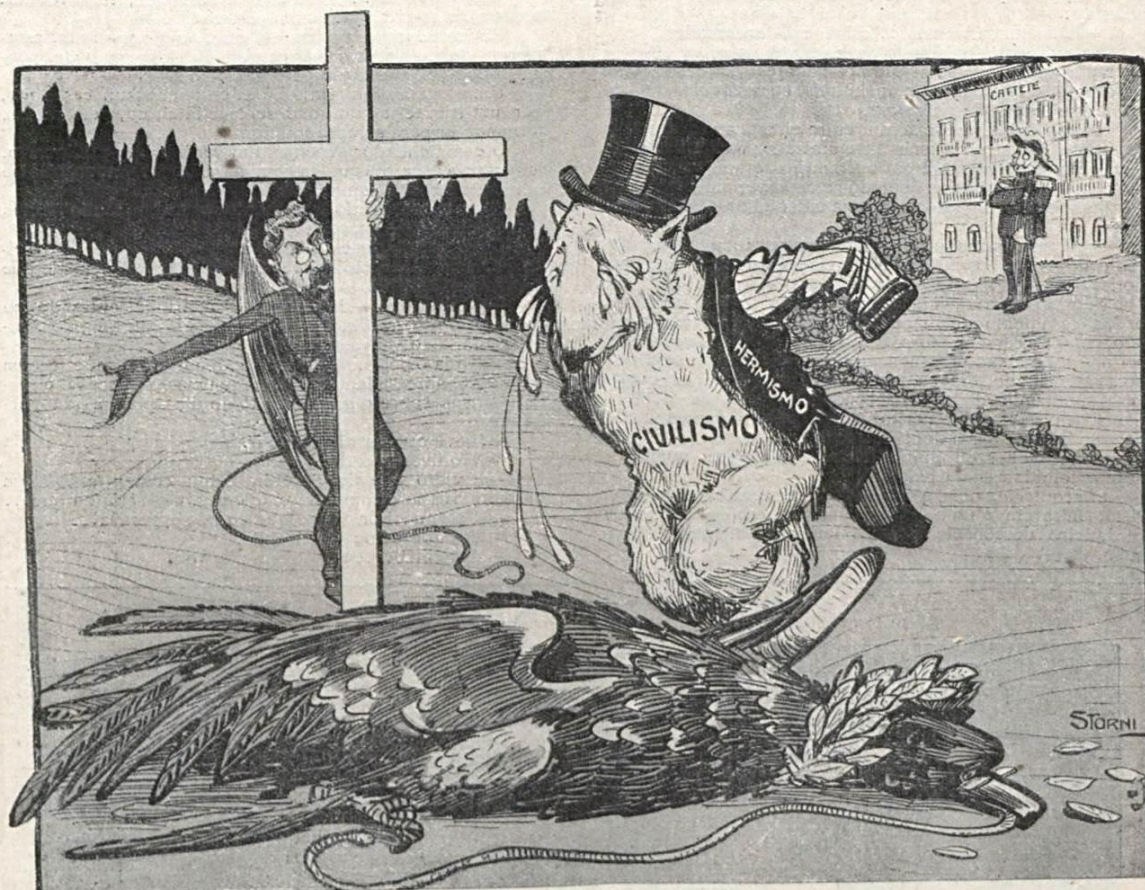




CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O MALHO
VOZ DA CONSCIENCIA

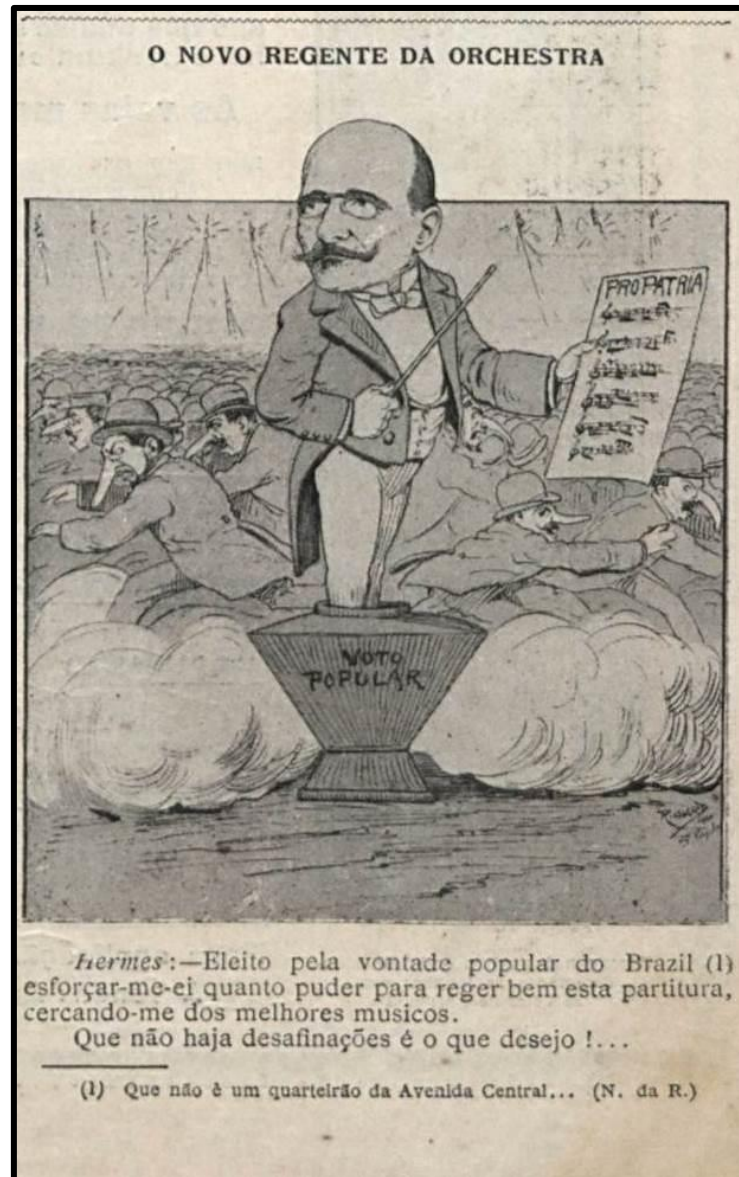


Irineu : — Assignalemos o triumpho com este symbolo piedoso !...

Urso : — Choro mas... viro a casaca !...

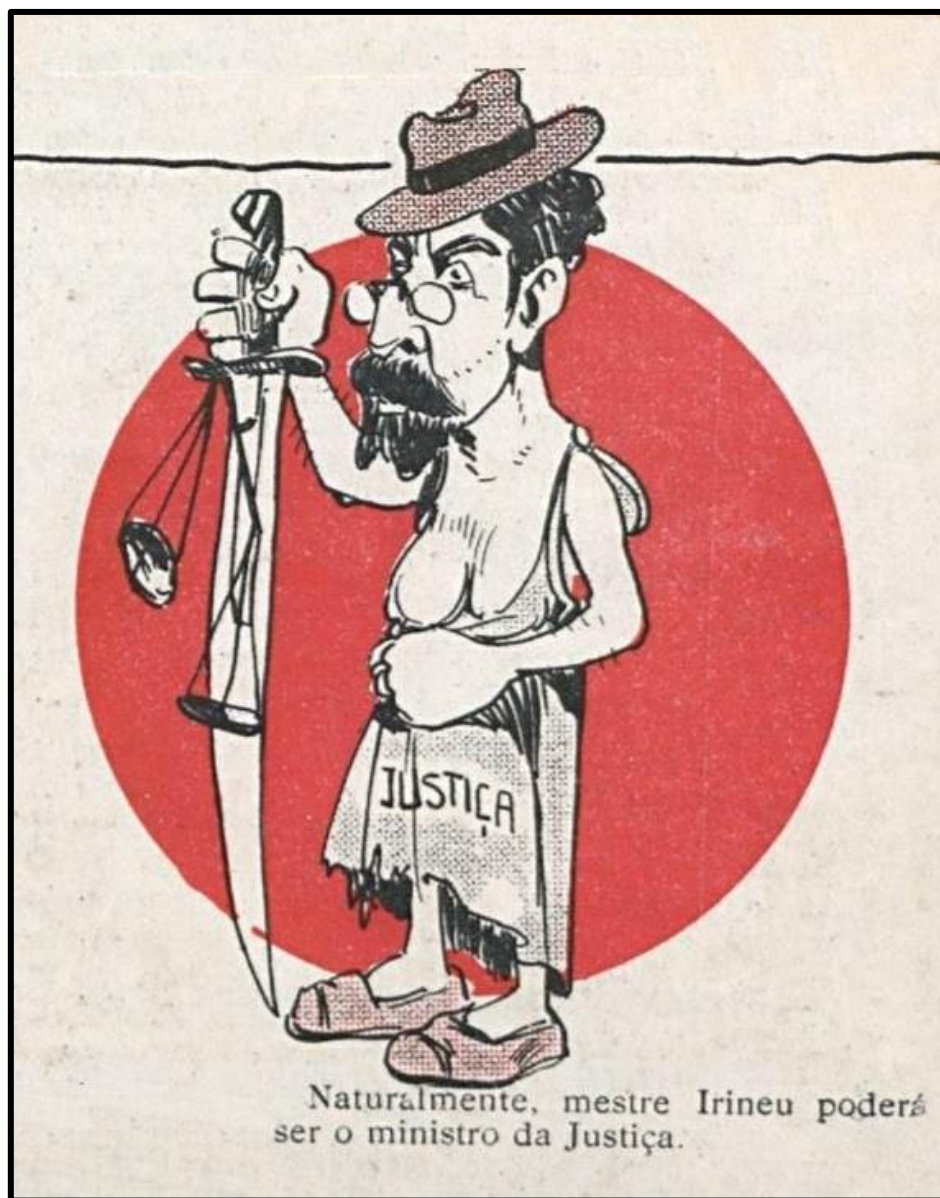
Voz do espaço : — São dignos um do outro os dous amigos ursos da aguia !...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



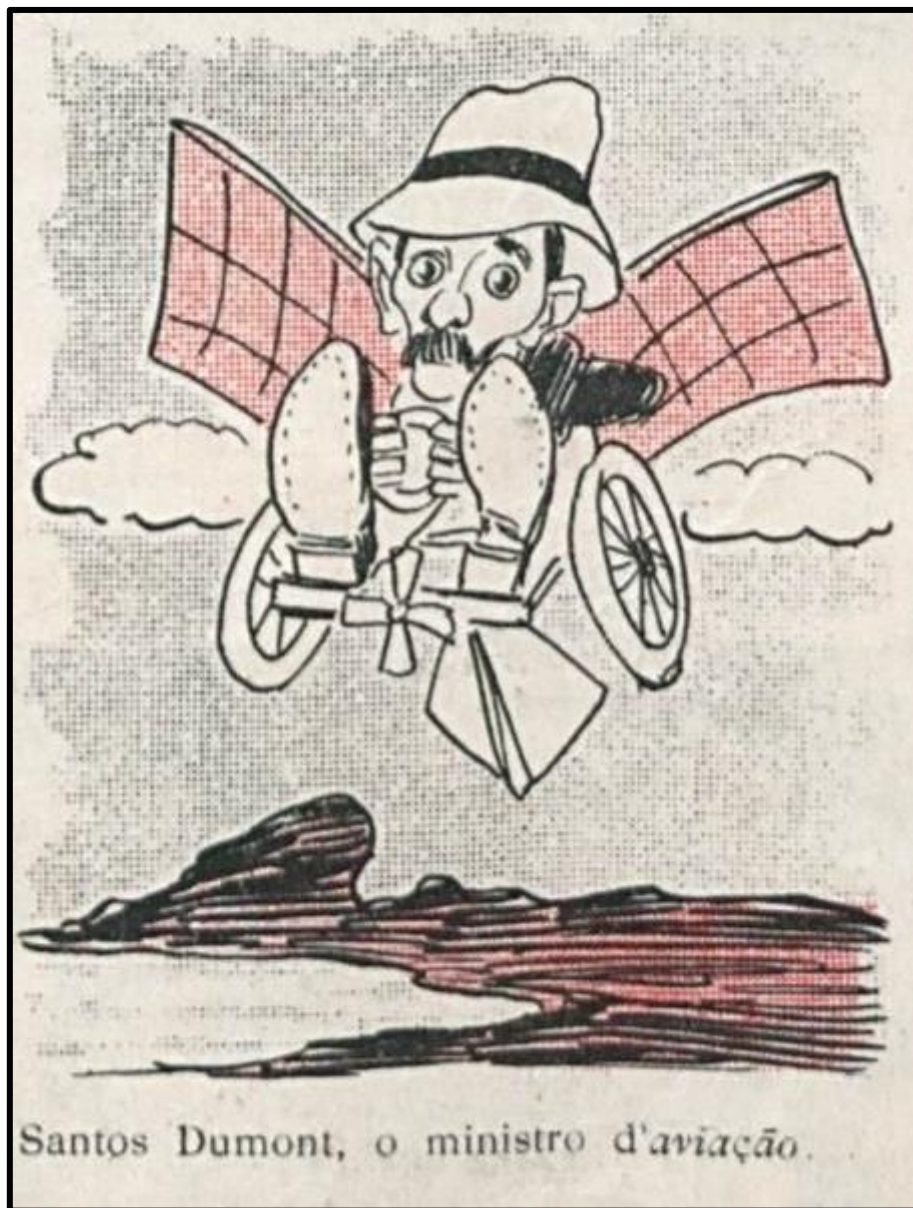


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



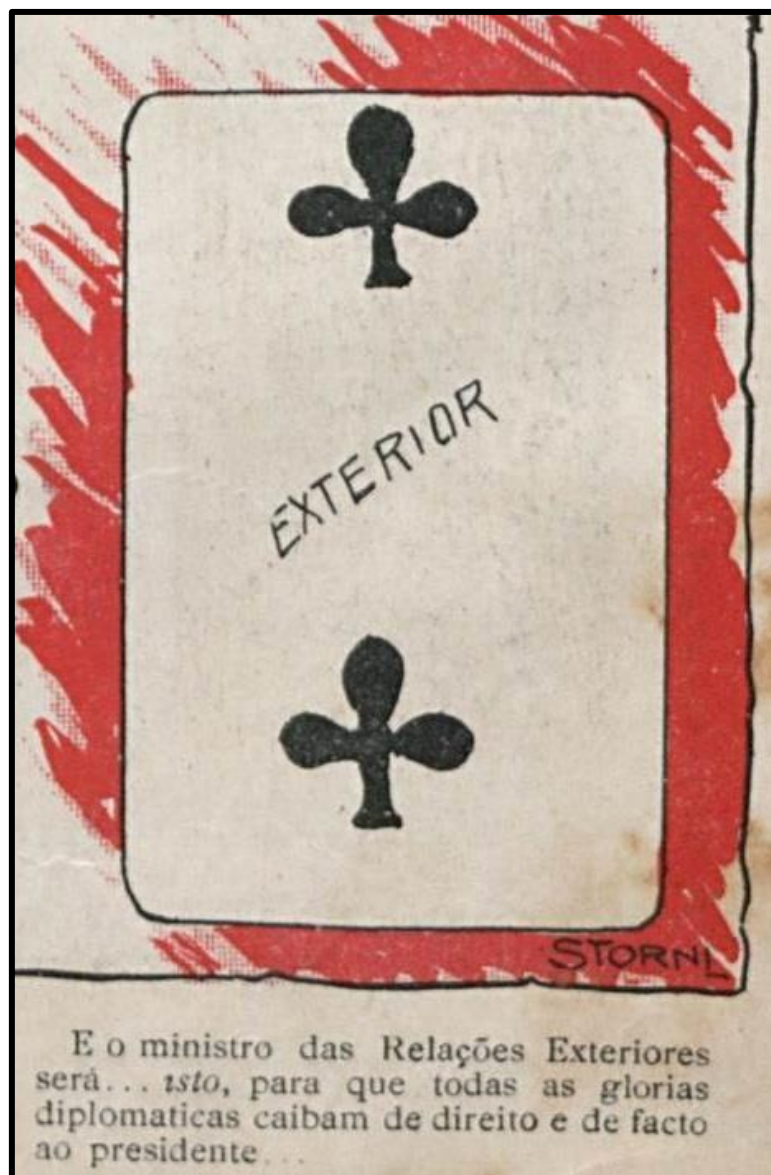


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



Mais uma vez em tom fabular, o periódico imaginava o civilismo como um carvalho que se dizia forte, mas tombaria com os fortes ventos das eleições de 1º de março, ao passo que Hermes da Fonseca, como um caniço, vergara-se diante do temporal, mas permanecera em pé e vivo. No desenho intitulado “Depois das eleições”, uma mulher cobrava de seu interlocutor a informação que lhe passara, segundo a qual “o civilismo estava na ponta”, ao que ele explicava que se tratava da “ponta de trás”. Retratado como D. Quixote, Rui era visto como em apuros, ao atacar o moinho da candidatura oficial, e vendo-se derrotado, com o seu cavalo, identificado com o “civilismo”, morto e atirado ao solo. Ao proferir um discurso, um indivíduo reforçava a ideia da falta de forças do civilismo. Mais uma vez em referência à corrupção e à malversação das verbas públicas, a folha mostrava os civilistas como ratos decepcionados com a perspectiva da derrota, de modo que eles não poderiam usufruir do queijo das verbas públicas. Na iminência da derrota oposicionista, em “Conselho prático”, um britânico recomendava um civilista a não se expor tão abertamente quanto às suas predileções políticas. Já um “calculista” conjeturava sobre a derrocada do civilismo, que não teria sucesso nas urnas e nem mesmo em qualquer pretensão rebelde, com a qual viesse a se envolver. Prevendo a vitória hermista, a publicação mostrava Hermes vencendo Rui no enfrentamento de uma “luta romana”. Ao mostrar um grupo de civilistas, o magazine acusava-os de, derrotados nas urnas, optarem pelo caminho da violência e da rebeldia. Os civilistas eram também vistos como infiéis à sua própria causa, pois, em caso de

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

necessidade, estariam prontos a virar a casaca, em referência a mudanças quanto às suas convicções ou opiniões⁶⁴.



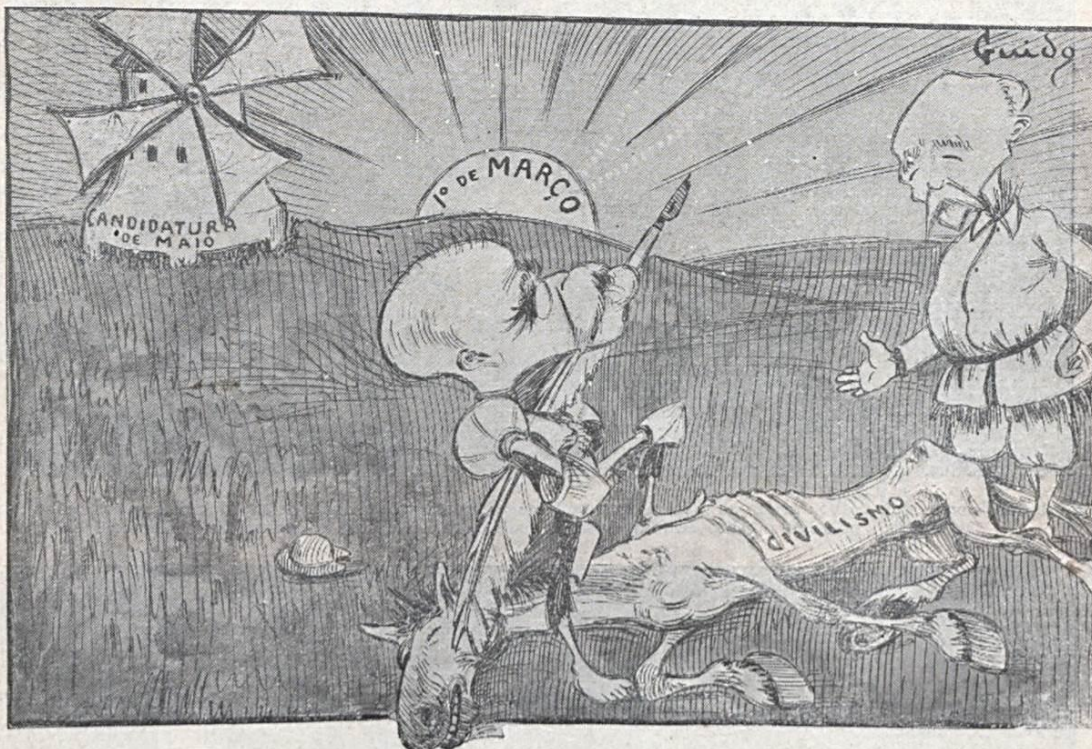
⁶⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 fev. 1910.



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

O MALHO

APUROS DE D. QUIXOTE



Albuquerque Lins (Sancho Pansa):—Ora ahí está o que acontece a quem esgrime contra moinhos de vento...

Ruy (D. Quixote):—E agora ?

Sancho:—Agora... é o caso do burro do inglez: Cevaaa ao... rabicho, a ver si elle ainda dá alguns... couces !



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

AS TREZ RATAZANAS DO CIVILISMO PAULISTA

(DESENHO ENVIADO POR UM COLLABORADOR)



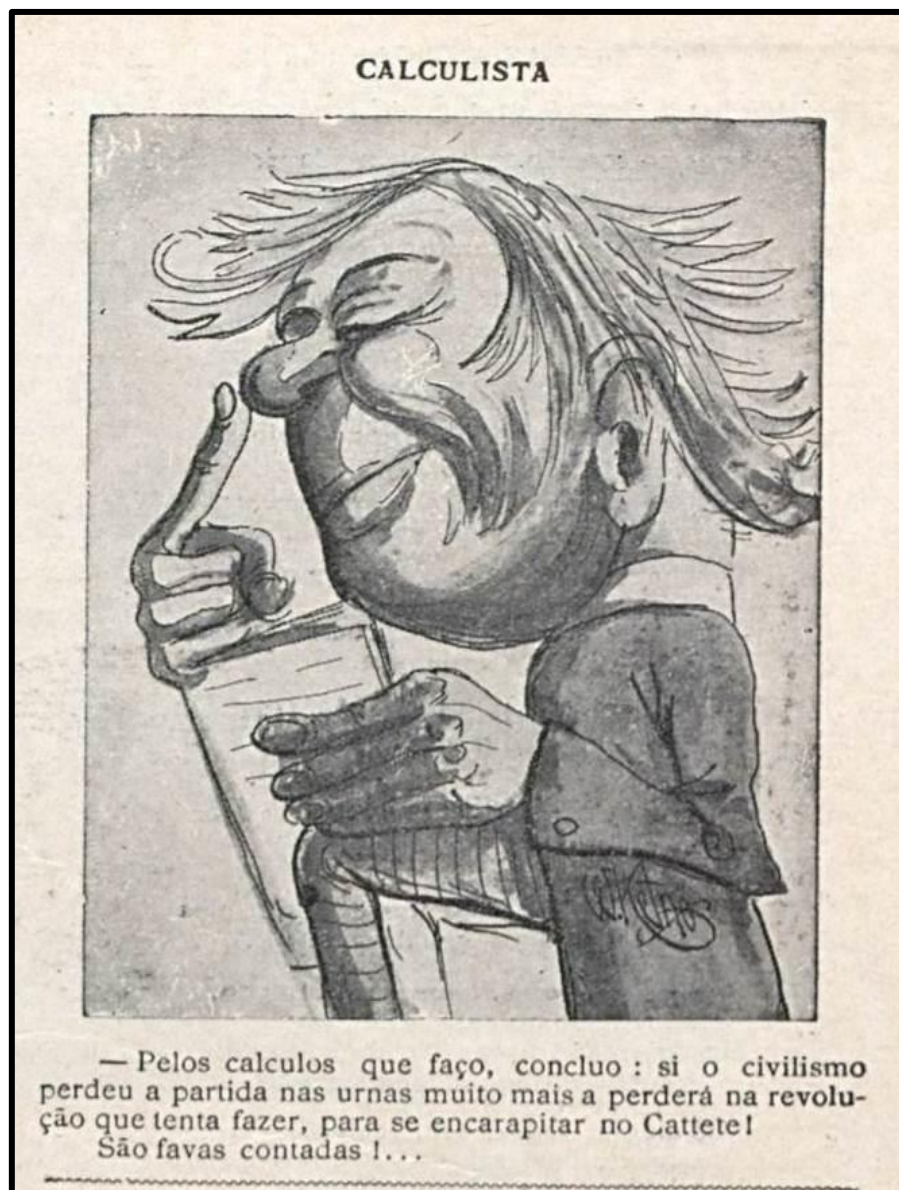
Cincinato: — E agora?... O civilismo foi derrotado nas urnas, de modo que não podemos metter o dente neste queijo de 30 mil contos...

J. Mesquita: — Qual! Ou os nossos dentes não fossem mais duros que o queijo... Temos outros recursos para fazer valer os nossos prestimos politicos, que hão de ser pagos com lingua de palmo... Queijo haja! Não te parece, *Cesario*?

Cesario: — *Qui, qui, qui!*...



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





Em encontro entre um heremita e um civilista, diante da possível derrota, este chegava a sofrer reveses em sua anatomia facial. Mais uma vez acerca da impossibilidade da vitória, um civilista via suas convicções transformarem-se em fumaça⁶⁵. Com base em sua alcunha, Rui Barbosa foi transmutado em uma águia, que levava seus discursos para Minas Gerais, sendo insuflado por Irineu Machado a continuar atacando o candidato governista, contando com a discordância do Zé Povo, o qual previa que, com a votação, a águia iria transformar-se em uma galinha. O civilista Irineu Machado propunha-se a comprar apoiadores para sua causa, não tendo maior sucesso, pois o possível eleitor estaria mais interessado nos temas carnavalescos do que nos políticos. Rui Barbosa aparecia ainda como um morcego, em alusão aos males inspirados por esse animal, que buscava corromper o exército, de acordo com seus interesses. A visita de Hermes da Fonseca era apresentada como plena em sucesso, com a calorosa recepção proporcionada por um tradicional gaúcho. Um diálogo entre militares ventilava mais uma vez os propósitos revolucionários dos civilistas, personalizados na figura de Irineu Machado. Mais uma vez imputando o caráter de falaciosos aos civilistas, o semanário mostrava os representantes de tal grupo como saltimbancos que ofereciam como atração uma improvável ameaça de assassinato de Rui Barbosa. O mesmo tema aparecia em “O boato – definição feminina”, segundo o qual o tal plano de assassinato de Rui não passara de um “monstruoso boato”⁶⁶.

⁶⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 fev. 1910.

⁶⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 fev. 1910.



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





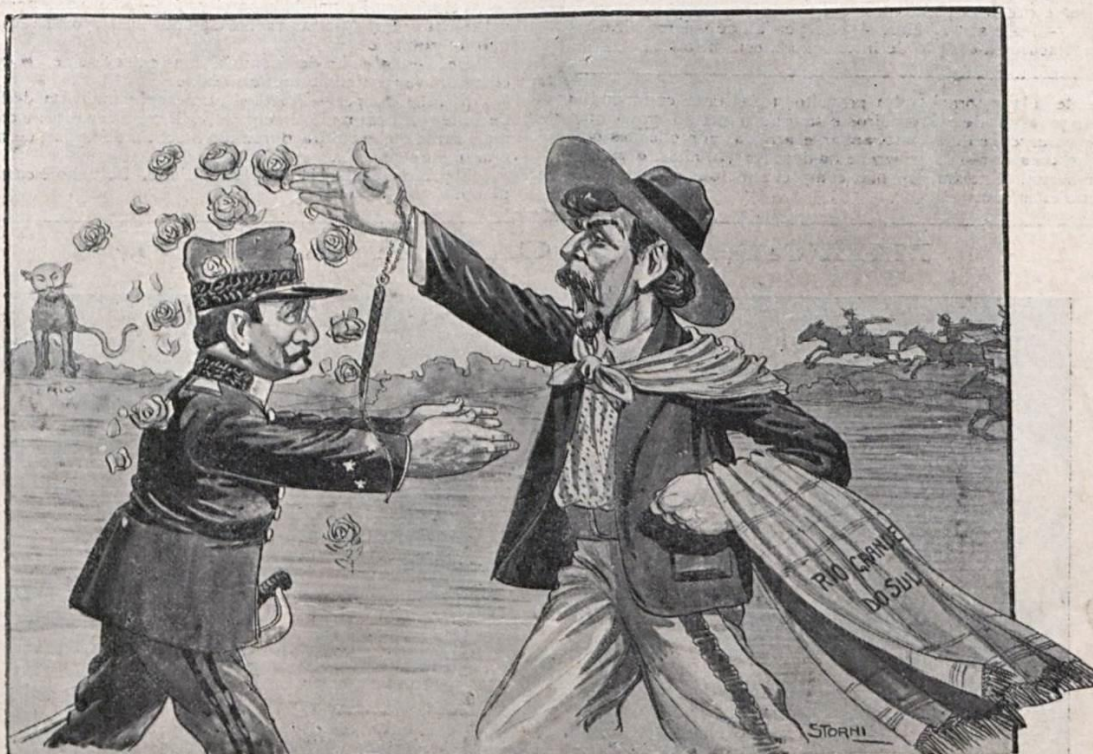




CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

AS FLORES DO GAUCHO

«O marechal Hermes da Fonseca tem sido entusiasticamente recebido no Estado do Rio Grande do Sul e delirantemente aclamado por todas as classes da sociedade, como o futuro presidente da Republica.» — (Telegrammas dos jornais)



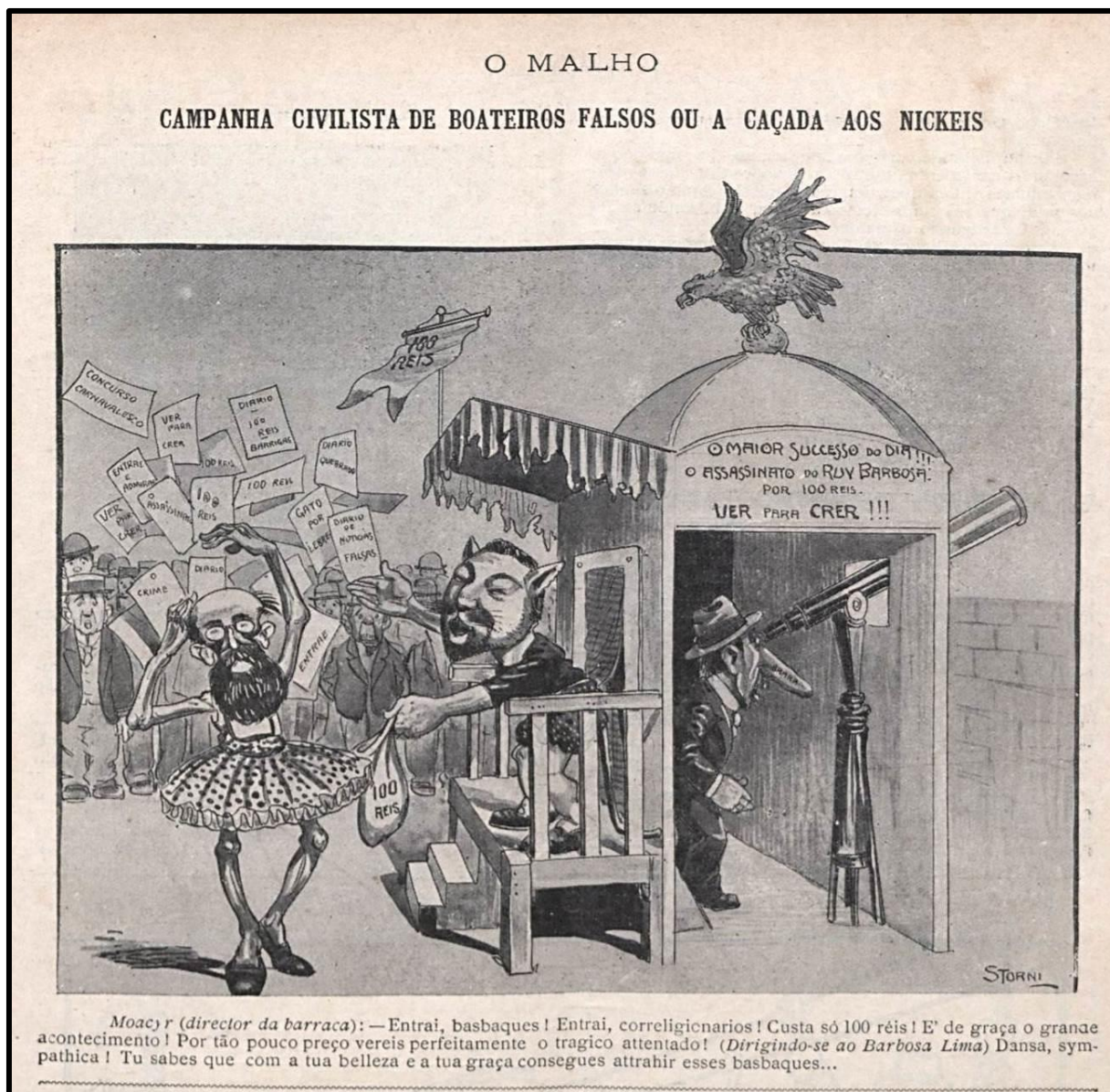
Hermes : — Eis-me aqui, intemerato gaúcho! Venho respirar o ar livre das tuas campinas e retemperar a fibra no ardor patriótico de teus filhos, que são meus irmãos!

Gaúcho : — Bemvindo sejas, digno e honrado marechal e meu querido filho! Aqui não ha a athmosphera empestuada do caricato civilismo que, para triumphar, não duvida cuspir o seu puz sobre a farda do glorioso exercito e sobre todas as consciencias limpas! Aqui terás a impressão de todo o Brazil, que te quer, que anseia pela tua investidura, como guarda de seus cofres, da sua fôrma republicana e da sua grandeza territorial

Salve, honrado marechal! Mil vezes — Salve!!



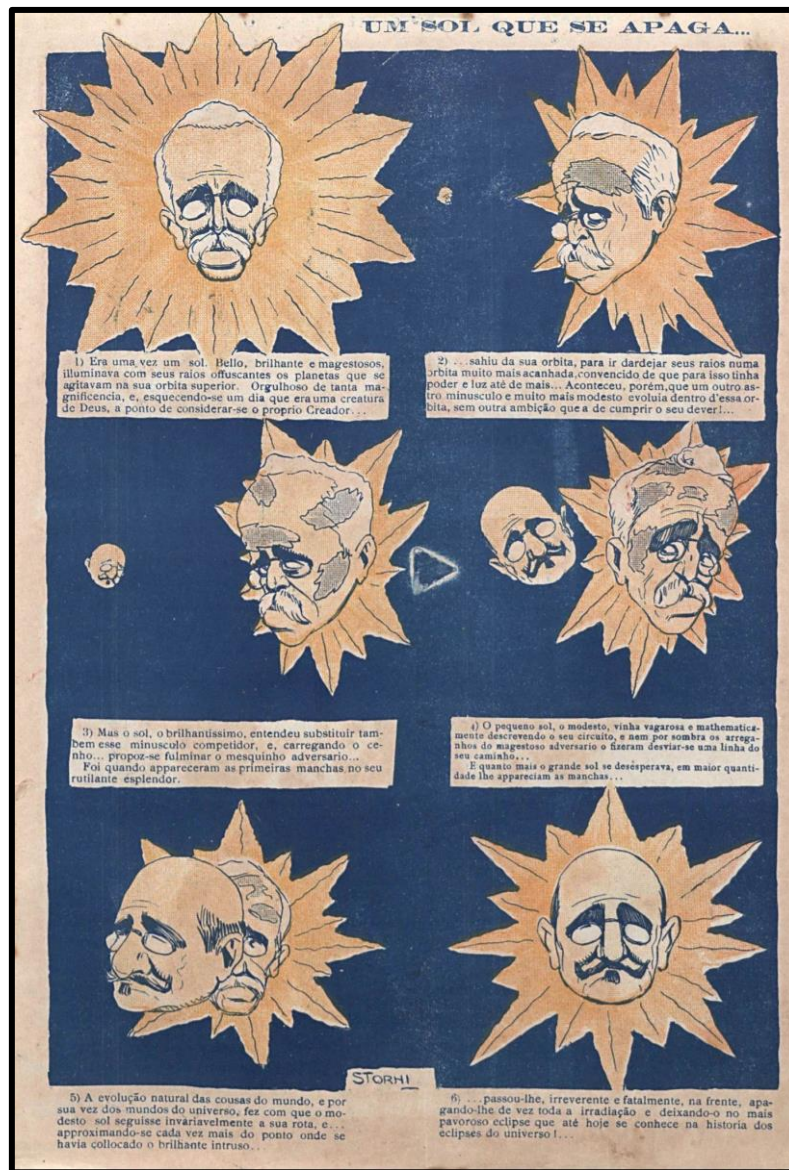
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



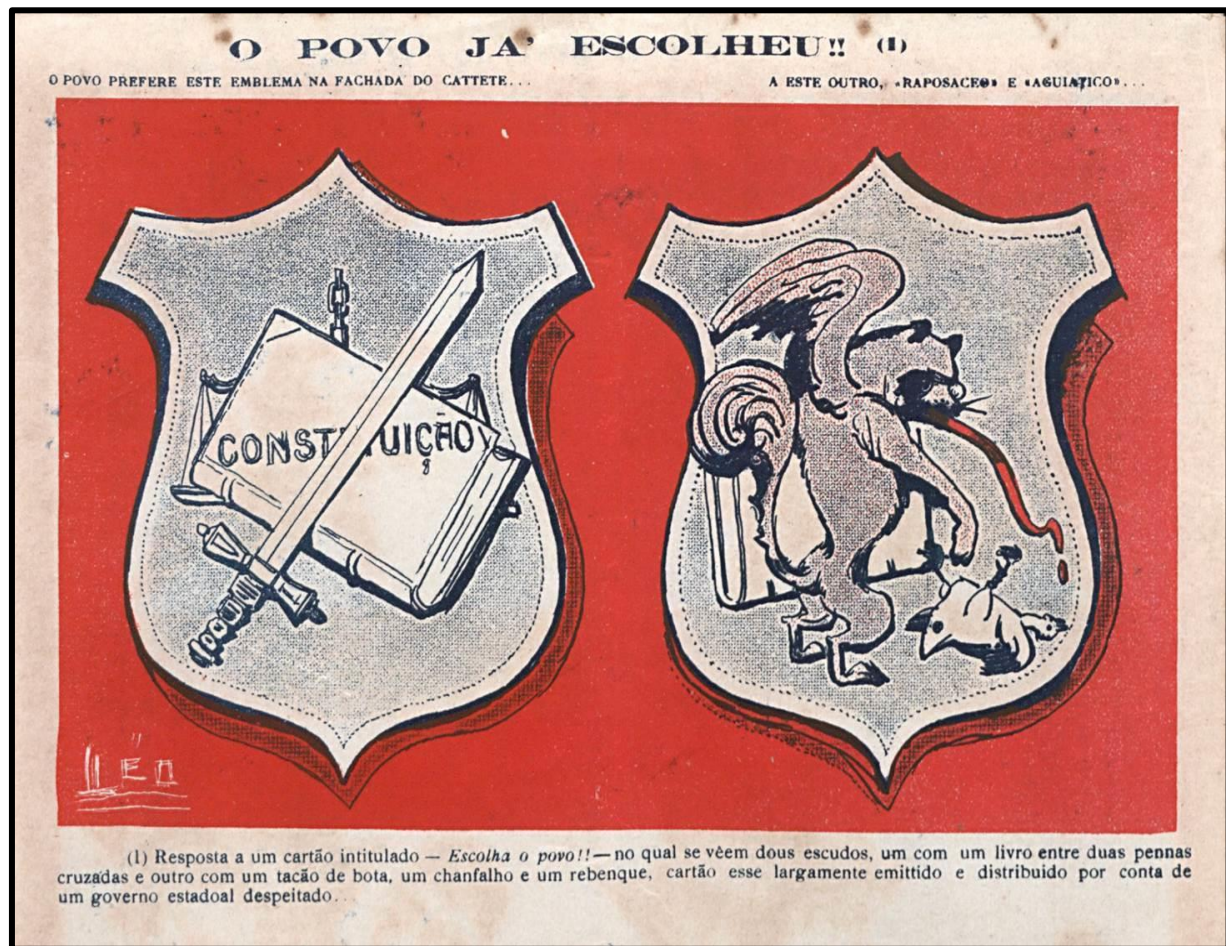


A previsão da derrota de Rui Barbosa foi apresentada pelo periódico como um “Sol que se apaga...”, em um conjunto de desenhos que trazia o candidato oposicionista em seu esplendor solar, mas que, progressivamente, via seu brilho ser ofuscado por um outro astro, Hermes da Fonseca, que viria a suplantá-lo. Em resposta a um cartão que apontava o que seria a predominância do militarismo heremista, a folha publicava um novo emblema, segundo o qual o candidato oficial representaria o poder constitucional, ao passo que o dissidente seria acompanhado por partidários qualificados como ladrões de galinhas. O *hebdomadário* trazia ainda uma “Reportagem do futuro”, na qual a disputa eleitoral era equiparada a uma prova de turfe, na qual o jóquei vencedor era Hermes, deixando Rui para trás. Já em “Teatro político – o grande ator em Minas”, Rui Barbosa era mostrado apresentando-se ao público mineiro, estando a mais uma vez proferir falas calcadas em inverdades. Ainda trazendo reminiscências dos festejos de Momo, a alegoria feminina da politicagem convocava o Zé Povo para um “outro carnaval”, ou seja, o político, frente ao qual a representação do povo brasileiro recusava-se a cair. Os eleitores civilistas eram mais uma vez apresentados como cafajestes e ignorantes, manipulados a partir dos desígnios de Irineu Machado. O rumor do assassinato de Barbosa era assunto de um novo diálogo, que se referia ao tema como típico dos “boatos forjados” dos civilistas, acusados por práticas violentas e até de possíveis morticínios⁶⁷.

⁶⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 19 fev. 1910.



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

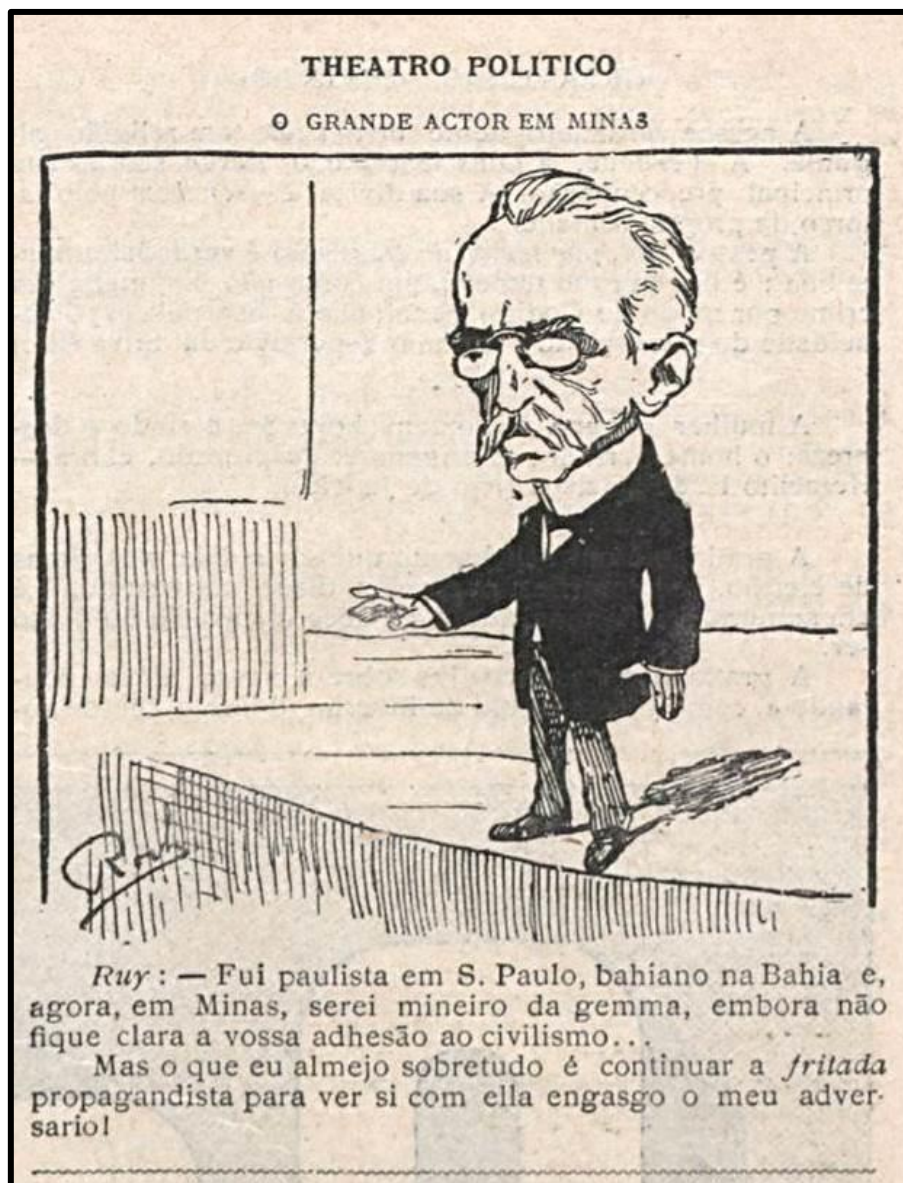


O MALHO
REPORTAGEM DO FUTURO



Aspecto optimista da corrida de 1º de Março proximo futuro.
(Nota dos entendidos: Na 2ª e ultima volta o cavallo escuro virá numa esplendida bagagem!...)

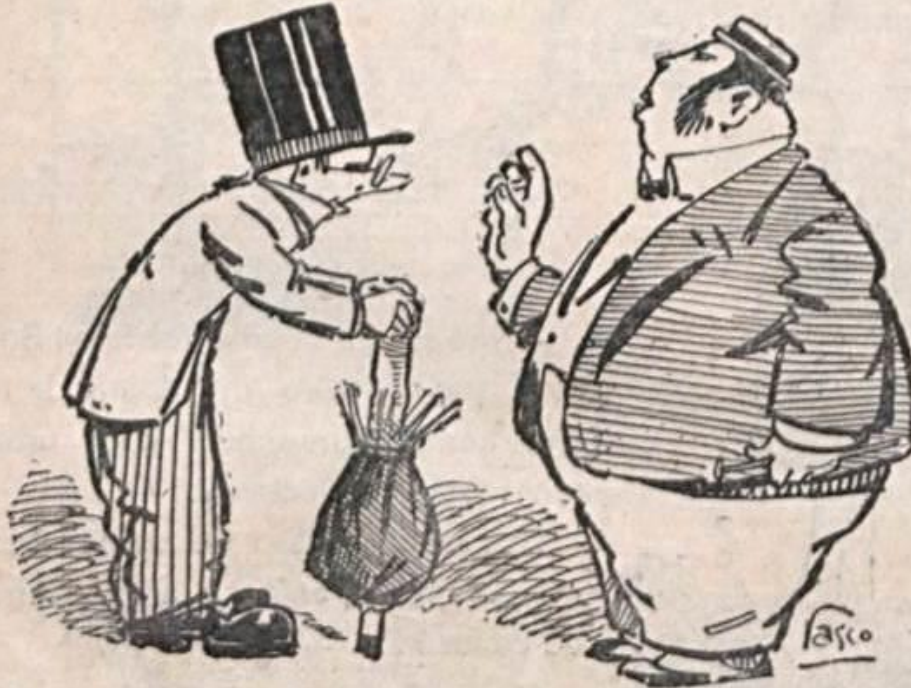
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO







CIVILISMO que mata que mata; CIVILISMO que já matou!...



—E que me diz o senhor d'essa estúpida *blague* civilista: a tal tentativa de assassinato do Ruy?

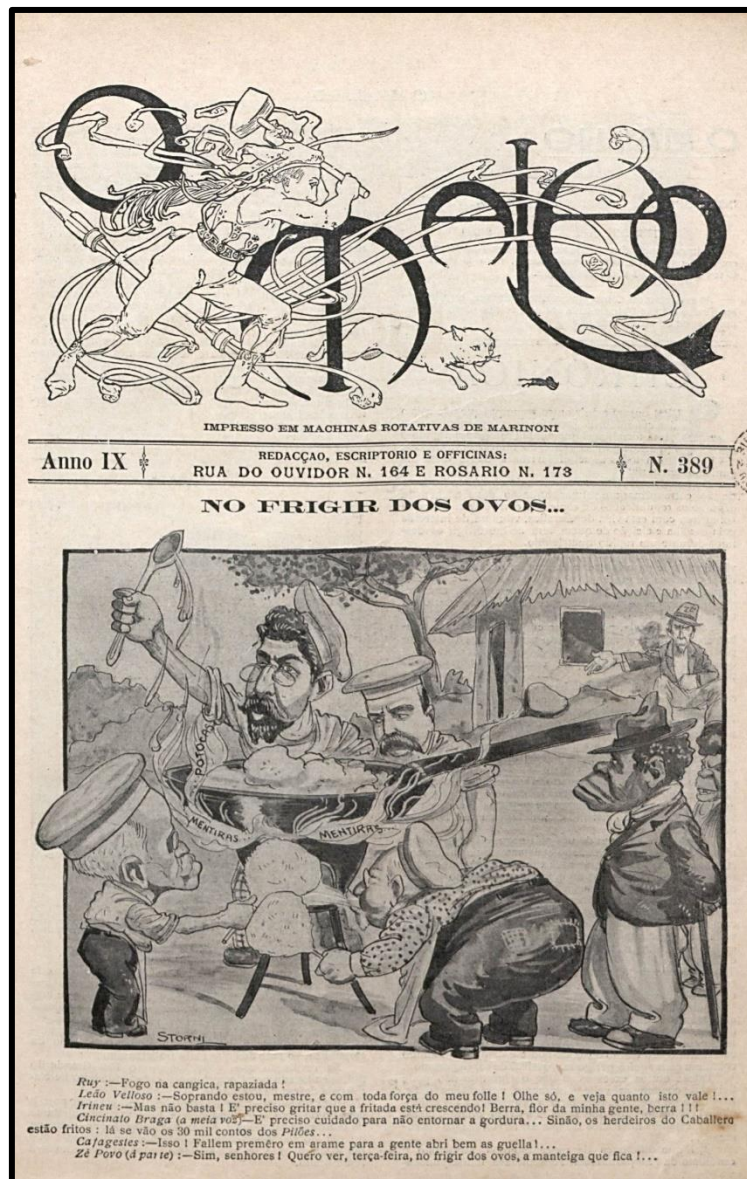
—Digo-lhe, meu amigo, que o civilismo é tão feroz, que, ou em notícias com retratos, ou em boatos forjados, vai matando todo mundo... Imagine o que elle faria si fosse governo: matava tudo, de verdade!...

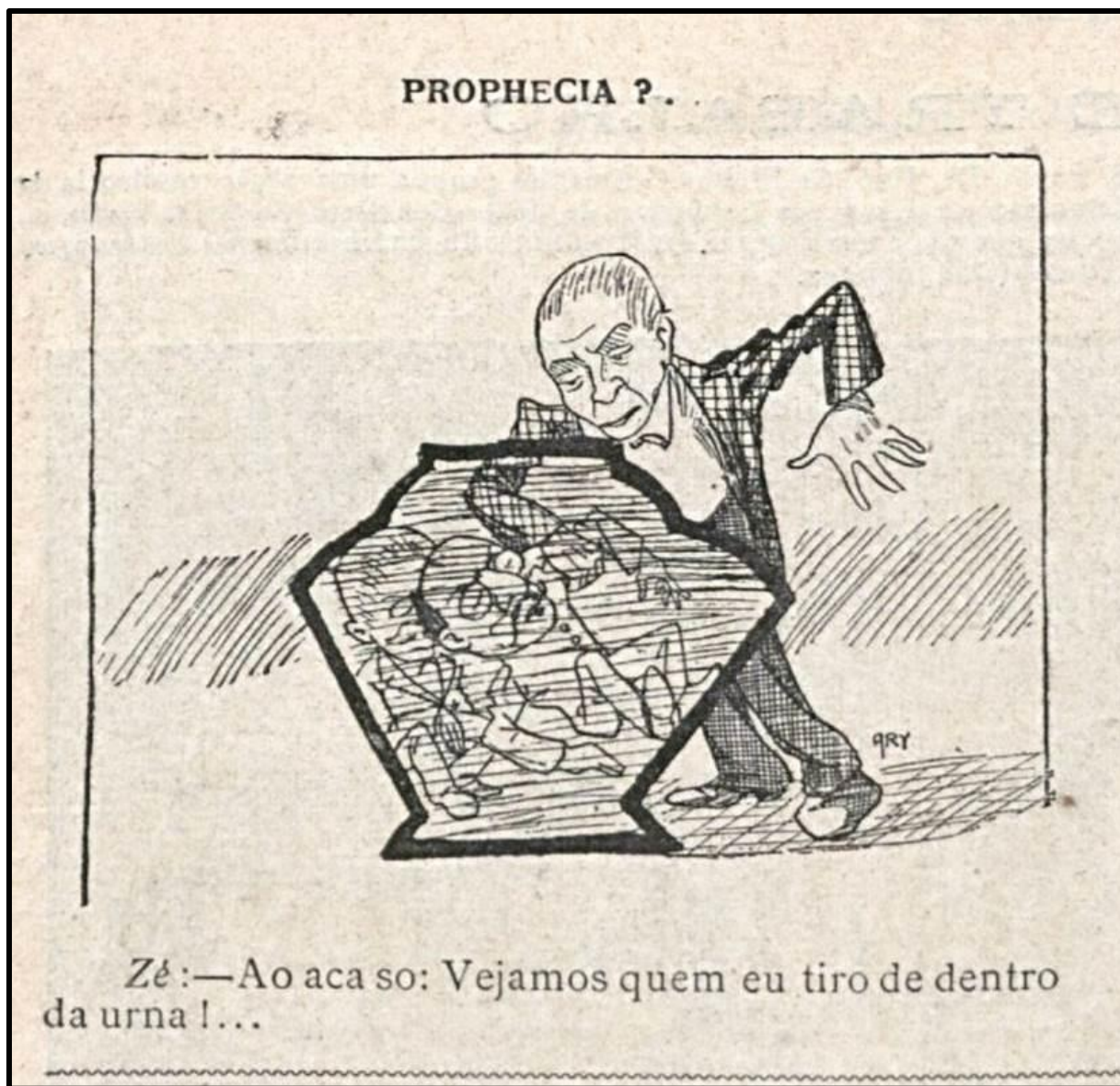
A capa do magazine retomava a temática do assassinio do candidato dissidente, mostrando uma “Morte política”, na qual o próprio Rui, por meio do despeito e da vaidade, matar o seu renome, alvejando a Águia de Haia, concluindo o Zé Povo que tal caso não se tratava de assassinato e sim de suicídio. Os civilistas eram vistos ainda como cozinheiros que preparavam uma fritada, cujos ingredientes eram mentiras, potocas, lorotas e patranhas, associando-os mais uma vez às inverdades, que, segundo o Zé Povo, seriam desmentidas por ocasião da eleição de 1º de março. Como conclusão do processo eleitoral, o periódico mostrava o Zé Povo tal qual um prestidigitador, pronto a tirar o vencedor do interior da urna. Com base na alcunha de Rui Barbosa e das aves que adornavam o Palácio do Catete, os integrantes do civilismo eram mostrados como um conjunto de águias, segundo o qual o patriotismo não teria importância alguma, pois a prioridade seria fazer qualquer coisa para vencer a eleição. Na ilustração “Civilismo e trabalho”, a folha realizava um contraponto entre os governistas, esforçando-se para elevar o “crédito do Brasil”, e os civilistas, buscando realizar ganhos financeiros indevidos. O semanário estampava um personagem de costas, que poderia ter uma aparência com o chanceler Rio Branco, o qual dizia que não poderia sê-lo, pois jamais sofrera ataques do civilismo. A publicação ilustrada apresentou ainda uma “História para crianças”, na qual o civilismo era visto como um animal pacífico, mas que, ao devorar um típico prato baiano apimentado, transformara radicalmente seu comportamento, tendo por “moralidade” o olhar negativo sobre os civilistas⁶⁸.

⁶⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.

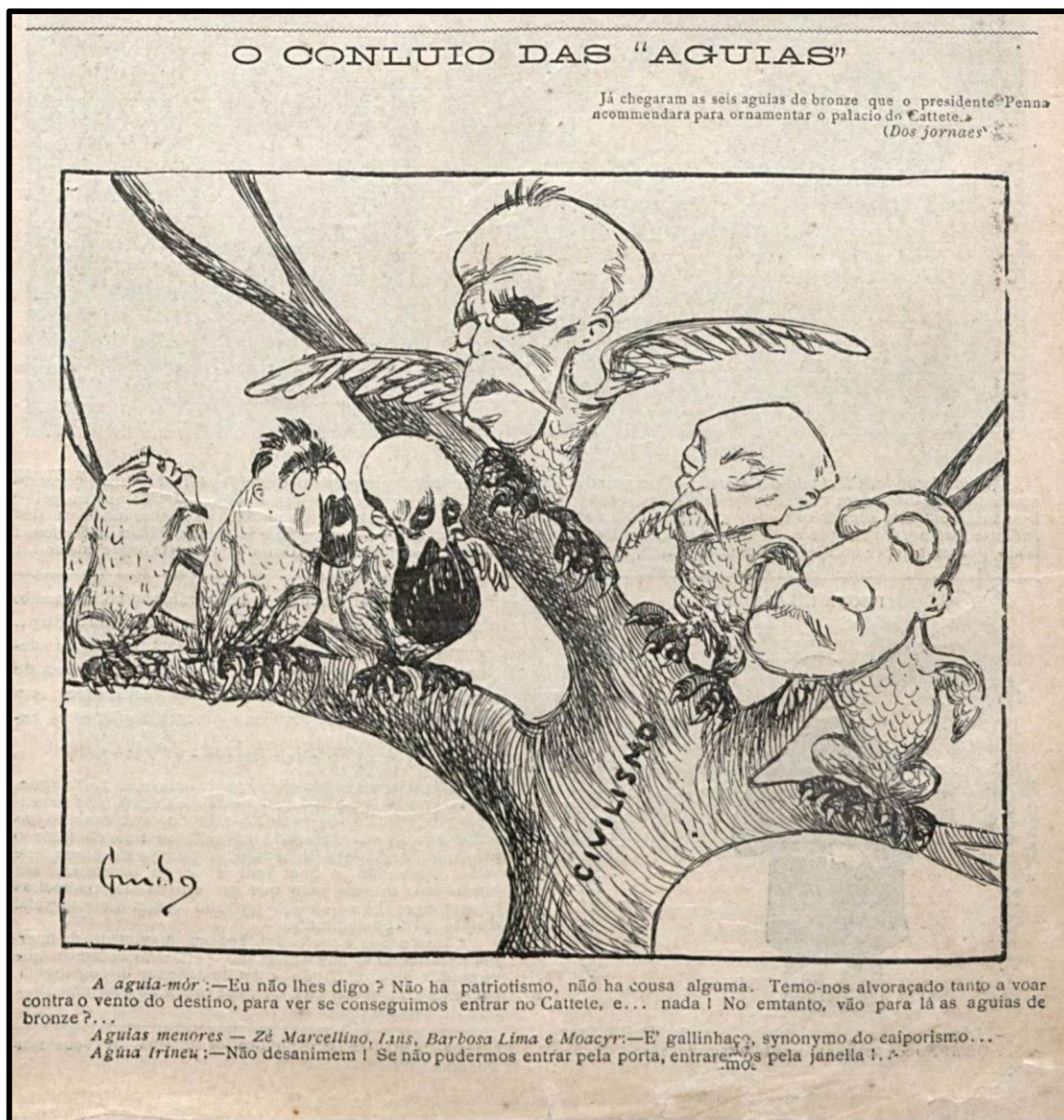


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





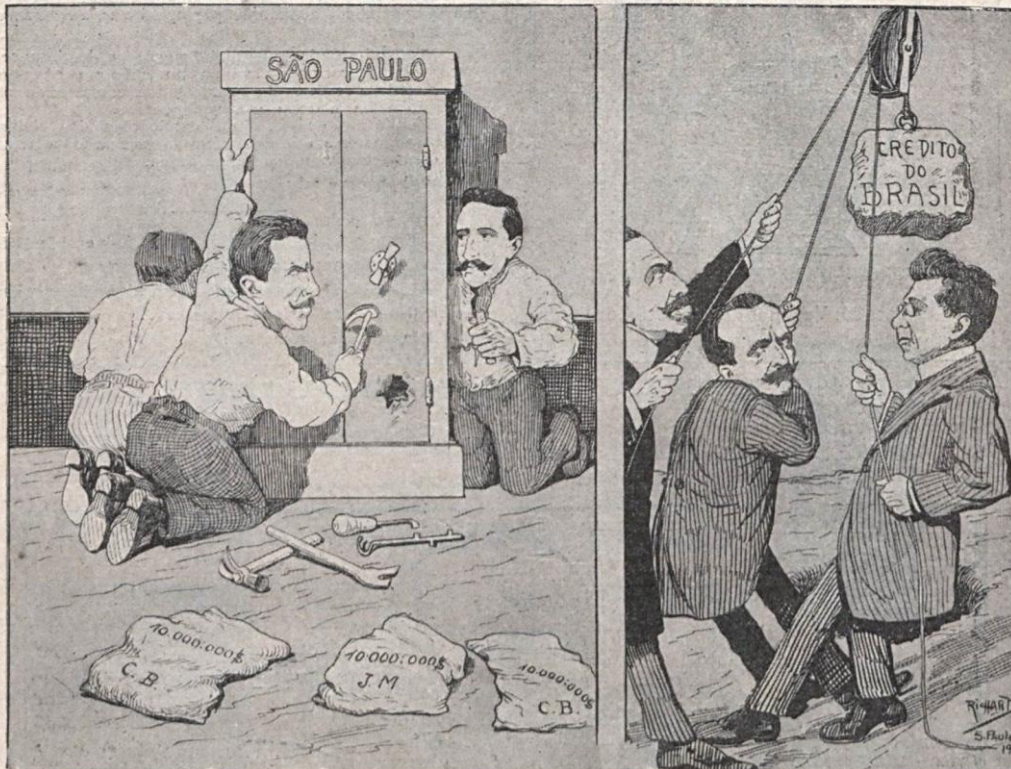
CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO



O MALHO

CIVILISMO E TRABALHO

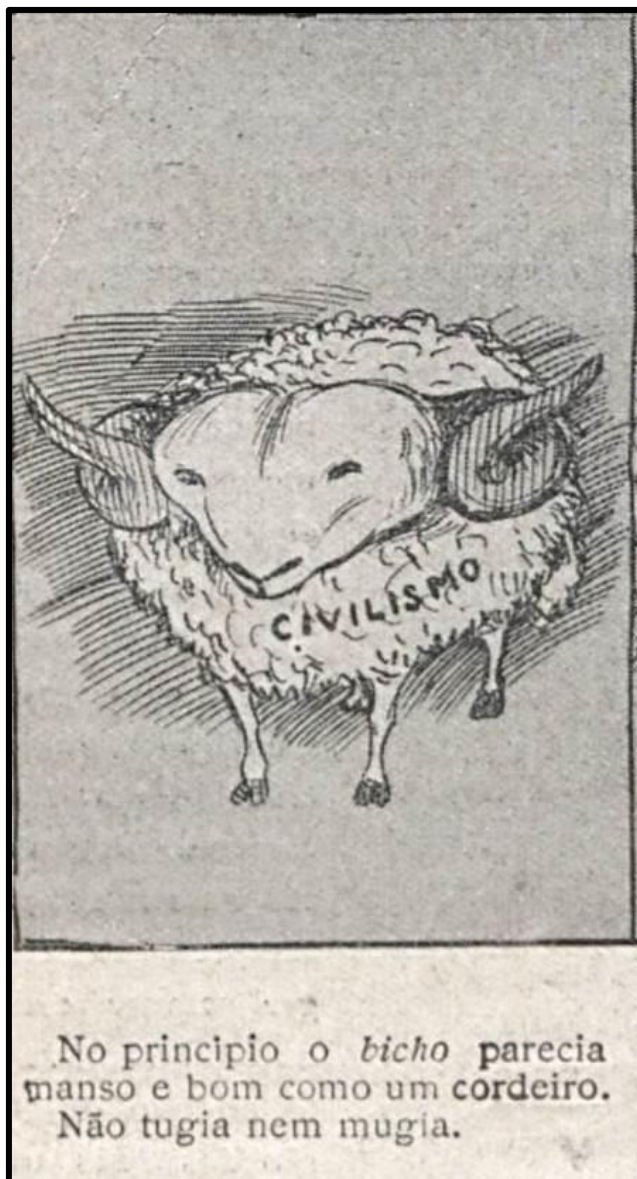
O sub-procurador geral do Estado de S. Paulo, Dr. José de Freitas Guimarães propoz uma acção rescisória da sentença que arbitrava em 30 mil contos a indemnisação a pagar aos herdeiros de João Caballero (a firma civilista, Cincinato, Mesquita & Cesario), considerando essa questão como a *mais desbragada advocacia administrativa que possa ser tratada perante os poderes publicos.* — (Dos jornaes.



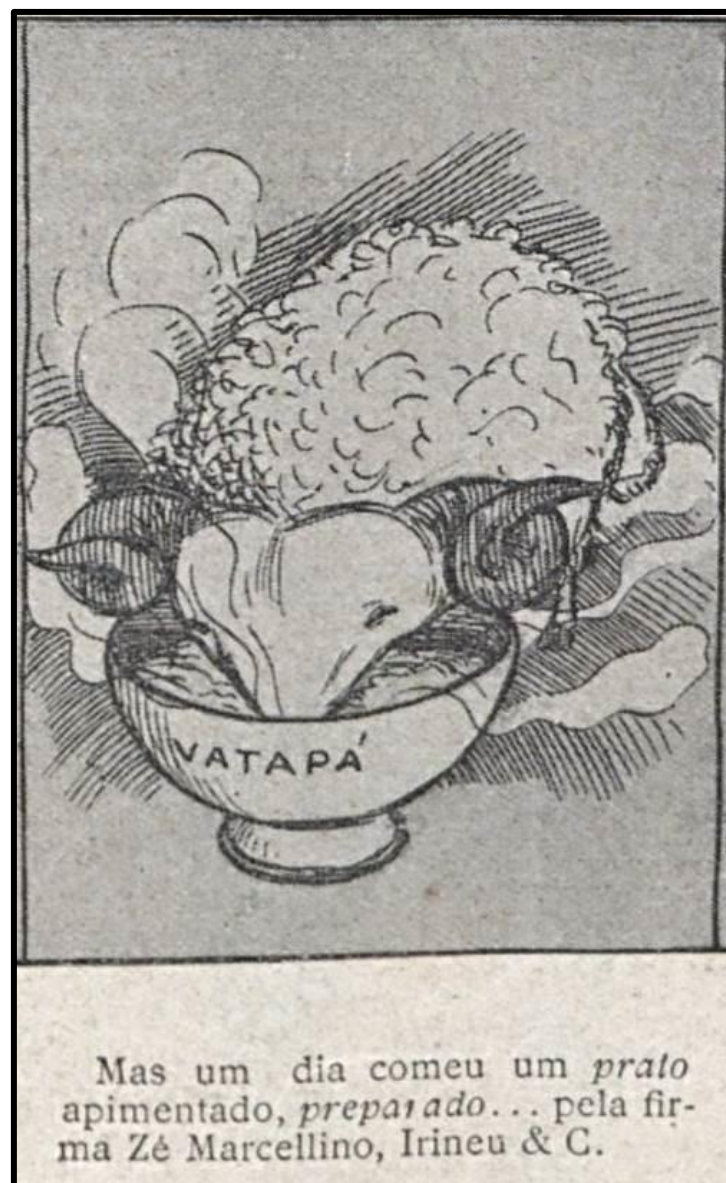
Julio Mesquita, Cincinato & Cesario :—Que grandes tolos,o Nilo,o Bulhões,o patricio Rodolpho ! Trabalhando,puxando aguentando o bloco para que elle não caia no buraco ! Toleirões !... Isto aqui é que é trabalhinho... Herdamos do pobre hespanhol um sitio sem valor quasi, mas, graças á nossa *engenharia* e ao nosso civilismo, fizemos nascer nelle os rios *Pilões e Passareuva* de que a *Cily* de Santos havia lançado mão por ordem do govern o para abastecer a cidade de Santos... D'ahi, graças sempre ao nosso valente civilismo, esta grossa dinheirama que havemos de tirar d'aqui, custe o que custar !...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





Em sua incursão a Minas Gerais, Rui Barbosa era jocosamente comparado a um Napoleão, que falara para um público reduzidíssimo, que sequer chegara à

quantidade expressa no dizer popular de meia dúzia de gatos pingados. Em cena na qual um policial reprovava a ação de uma prostituta, ela respondia que sua atuação era “inofensiva” em relação àqueles que promoviam agitações pelas ruas, referindo-se aos civilistas. Diante da urna recebendo o voto popular, a revista trazia a imagem dos dois candidatos, Hermes da Fonseca sob a égide da constituição e Rui Barbosa, cercado pelo saber jurídico, mas também pelo palavrório, a fel e a vaidade. Com um olhar debochado, um indivíduo chamava atenção para os atos agressivos e violentos do civilismo perpetrados contra “um grupo pacífico”. Sob a égide da expressão de “quem tem razão e certeza de uma coisa, não precisa de barulho”, o magazine mostrava uma cena de rua na qual, se aproveitando de estar em maioria numérica, três civilistas exigiam que um heremita repetisse suas palavras de ordem, ao que o outro negou-se, respondendo com o silêncio, frente ao que os oposicionistas retiravam-se imaginando-se derrotados. Os civilistas foram também transformados em sapos que se propunham a desafiar a rocha da candidatura governista, sem levar em conta que, a partir de tal atitude, seriam esmagados. Sob o olhar de desaprovação do Zé Povo, Rui Barbosa trocava o barrete frígio republicano pelo chapéu da revolução. Nas “Vésperas de bernarda”, o semanário previa a continuidade dos atos violentos que atribuía ao civilismo, com o próprio Rui afogando sua reputação sob a égide da revolução, ao passo que o heremita permanecia de prontidão, pronto a defender a dama republicana e a constituição⁶⁹.

⁶⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

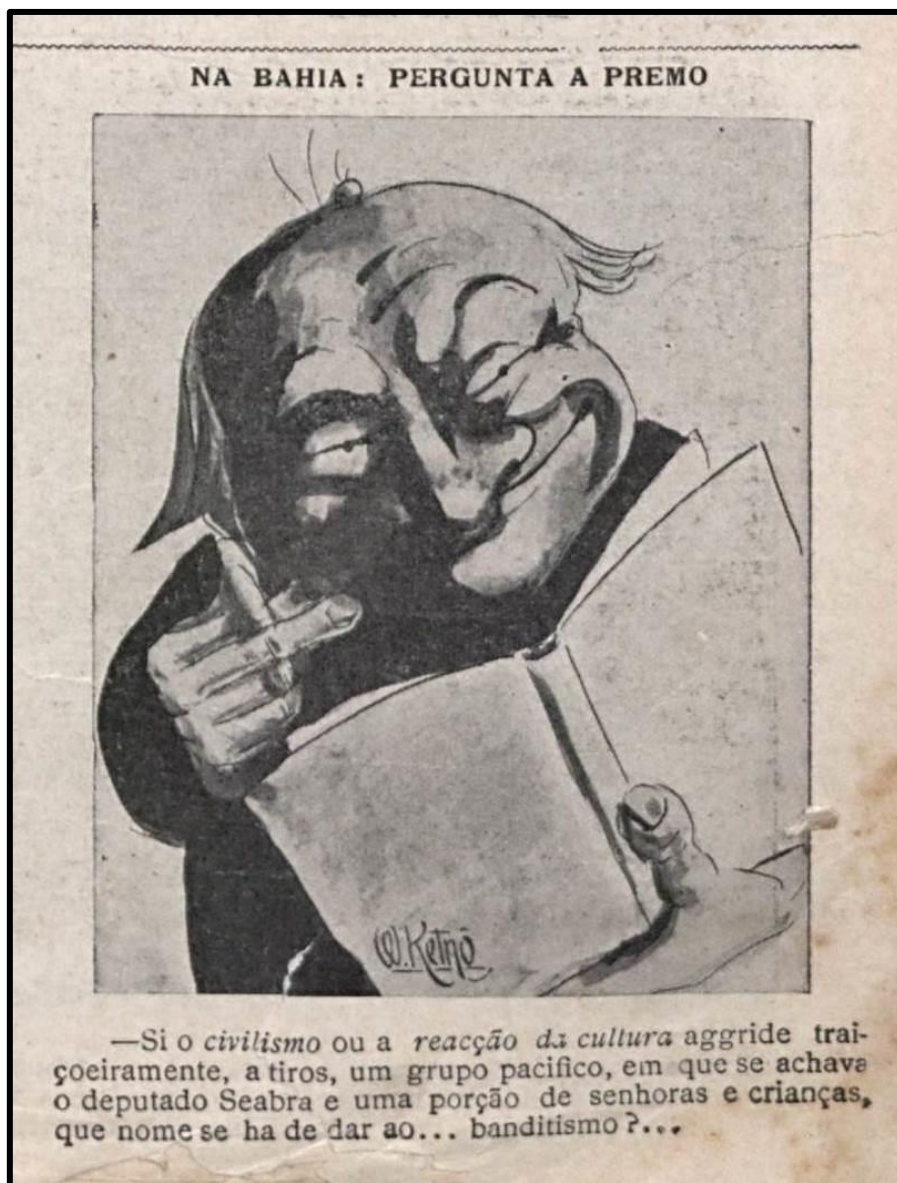


O MALHO
NO DIA 1.º DE MARÇO
OH! FERRO!



Espectativa dos dous candidatos á presidencia da Republica perante a... esphynge...
Quem será o... devorado ?

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



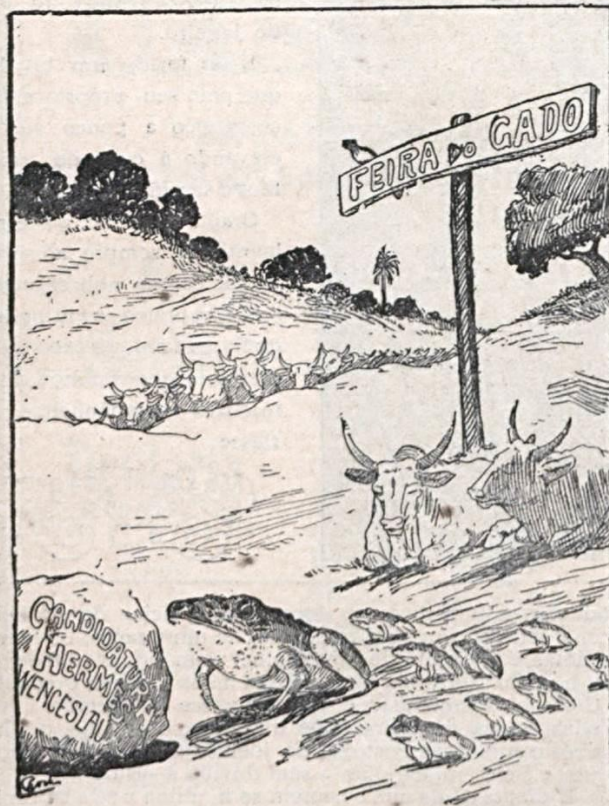


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



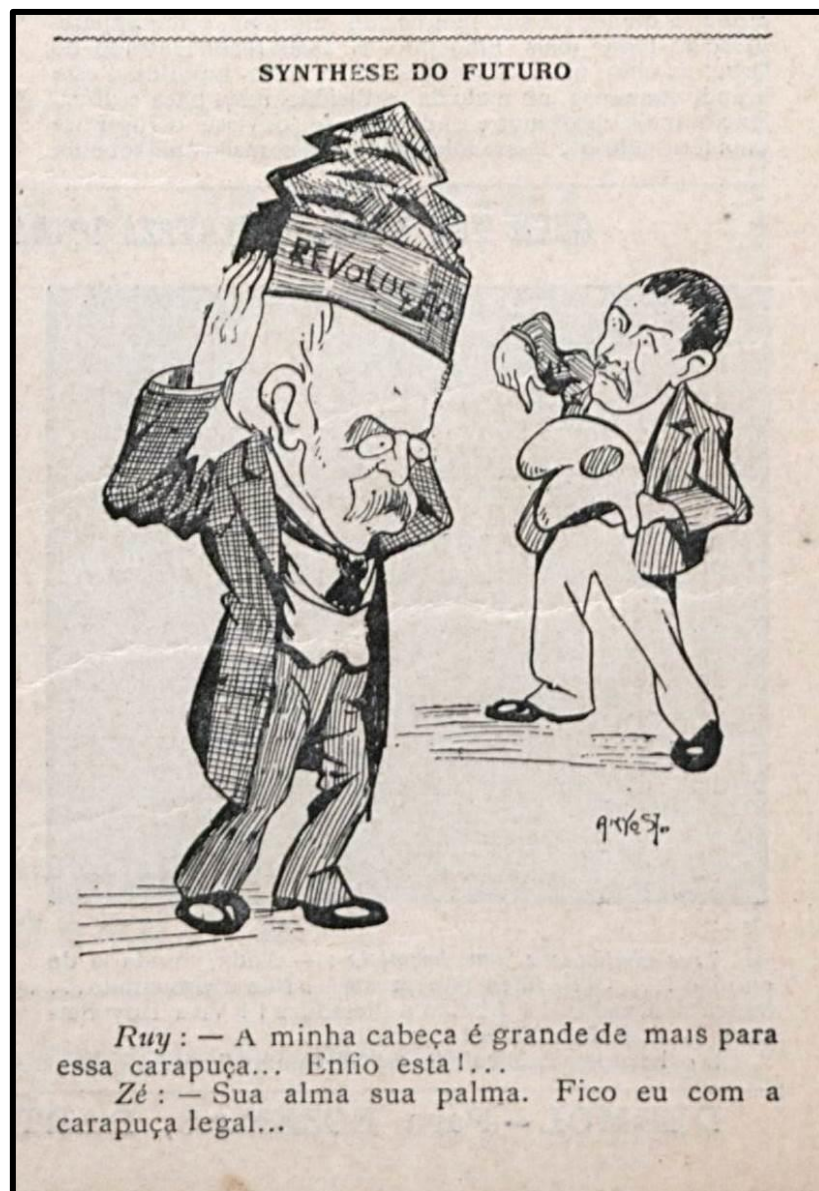
OS SAPOS E OS BOIS

Inventaram que o governo de Minas ia acabar com a feira do gado em Tres Corações, para *castigar* a adesão á candidatura Ruy. A invenção foi de um medico civilista que dispõe de vinte elaitores e com isso queria obter certos *arranjos*... (D'A Tribuna)



Um boi:—Então vão acabar com a nossa feira aqui?
Outro:—Qual! Isso é invenção d'aquelle sapo concho
que, com os seus vinte sapinhos, quer abalar a firmeza do
blóco que os ha de esmagar!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





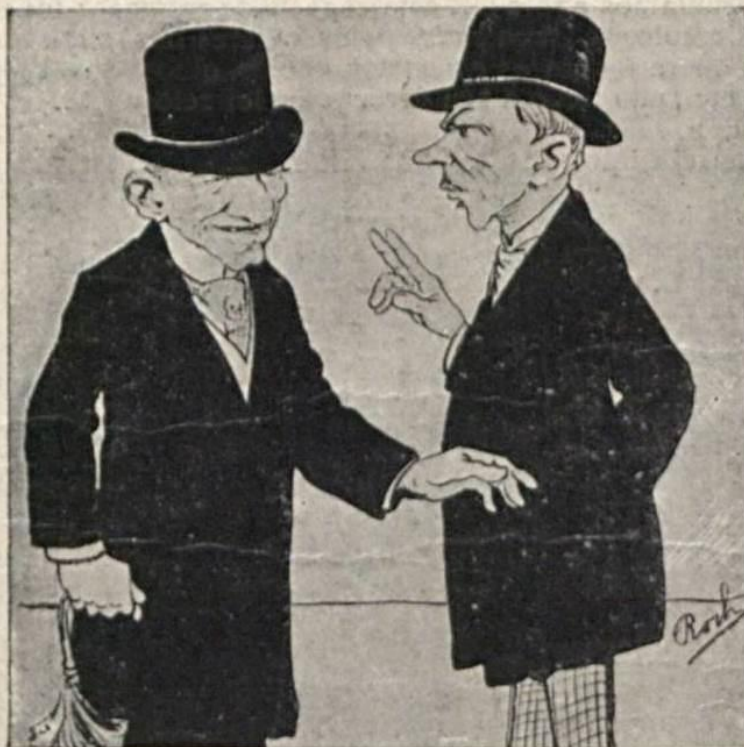
Contradizendo uma fala de Rui Barbosa em Minas Gerais, o magazine mostrou um “estouro da boiada”, no qual os animais representavam a massiva votação no candidato governista, que avançavam em direção aos civilistas, os quais se viam obrigados a fugir e proteger-se no alto de uma árvore. Um casal discutia sua relação, com ele dizendo que o sentimento entre os dois estariam perdendo as forças como no caso do civilismo, ao que ela respondia que o casamento estaria a necessitar de uma regeneração hermista. Em “Mentiras telegráficas”, era travado o diálogo cujo tema eram as supostas mentiras civilistas, fosse quanto ao número de votos em Hermes, fosse a quantidade de pessoas presentes em uma manifestação de Rui Barbosa. Outra cena trazia uma mulher a desprezar um indivíduo por seu comportamento, comparando-lhe ao assassino Jack Estripador, cujo comportamento estaria à altura do civilista Irineu Machado. Diante de novos regramentos quanto a maltrato de animais, a folha cobrava que as punições também deveriam recair sobre “os culpados de andar a nossa república de cabeça para baixo”, em evidente alusão ao civilismo. Irineu Machado mais uma vez protagonizava um caricatura, na qualidade de representante da “*finis flor* do civilismo”, estando a cultivar a violência das armas como forma de enfrentamento político. Com a instalação de coletores de papéis voltados ao recolhimento do lixo, o Zé Povo considerava a iniciativa de grande utilidade para ali colocar os manifestos oriundos dos “civilistas vermelhos”. Rui Barbosa e os civilistas foram transformados em um cometa, que, segundo o Zé Povo, trazia consigo um mau presságio⁷⁰.

⁷⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.





MENTIRAS TELEGRAPHICAS



Civilista:— Vocês andam muito satisfeitos, mas, segundo eu li num telegramma da Bahia, o Pinheiro Machado «não terá nem 200 votos para dar ao marechal Hermes»...

— Você ainda come d'essas caraminholas? Esse telegramma da Bahia foi para *vingar* outro da mesma procedencia, passado a jornal neutro, que dizia que ao bota fóra do Ruy apenas haviam comparecido cerca de 200 pessoas...

DEFINIÇÃO



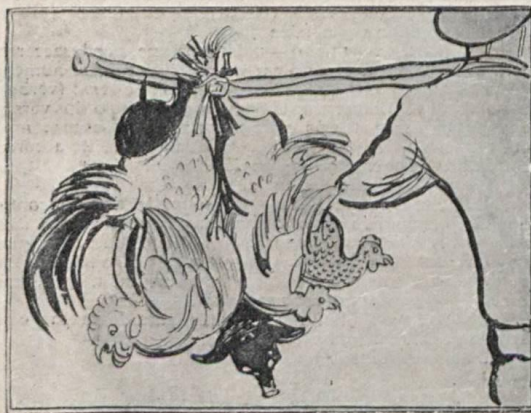
Elle : — Fique sabendo que eu sou um «preparado» !
Ella : — Antes o senhor ficasse calado... Eu escusava
de saber que o senhor era um palrador de esquina... um
typo futil... com arreganhos hystericos de papão, de
Jack-Estripador — como o Irineu e outros que taes !...

HA SEMPRE EM TUDO UM ESQUECIMENTO IMPERDOAVEL

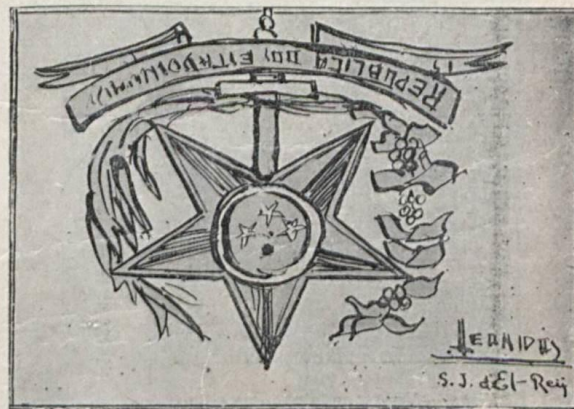


A inspectoría da guarda civil, attendendo ás reclamações da Sociedade Protectora dos Animaes, baixou ordens aos seus subordinados para que não consentissem que os animaes fossem maltratados, flagellados, chicoteados, etc. Muito bem!

Perguntamos agora: E esta especie de animaes: funcionarios tuberculosos, chicoteados pelos olhares dos chefes de secção e operarios fracos chicoteados pelos olhos dos chefes de obras, etc., não terão a seu favor uma lei zelosa? !...



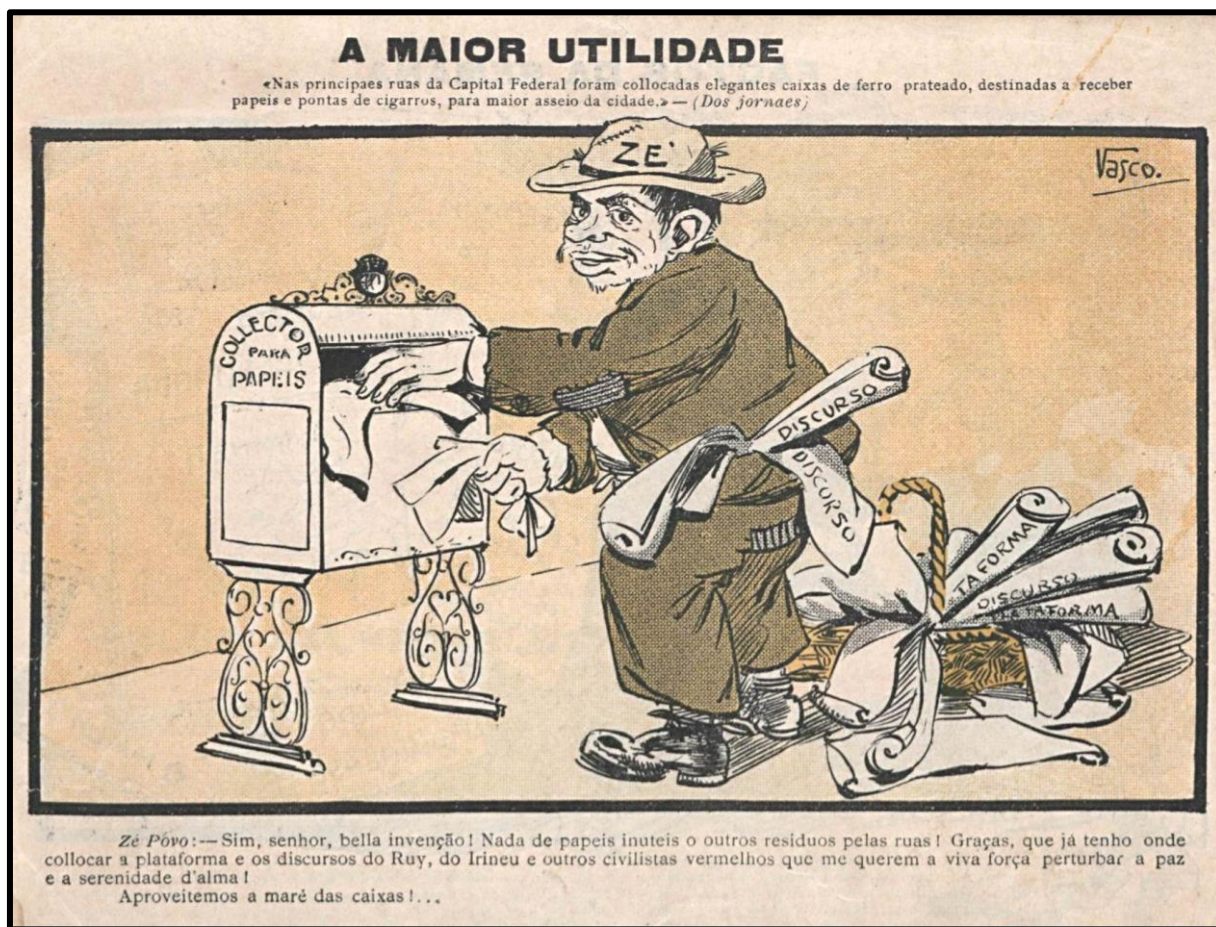
As disposições que baixaram prohibem terminante todos os flagellos taes como: o commercio de aves e outros animaes em bandos, amarrados assim, de cabeça para baixo, sob pena de multa de 30\$000. Muito bem!



E os culpados de andar a nossa republica de cabeça para baixo, não serão também multados? Oh! isso é esquecimento da lei; é injustiça! Urge, pois, fundar já e já uma SOCIEDADE PROTECTORA DE ANIMAES RACIONAES para termos quem nos zele. Nós sempre somos melhores do que... burros! . .

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO

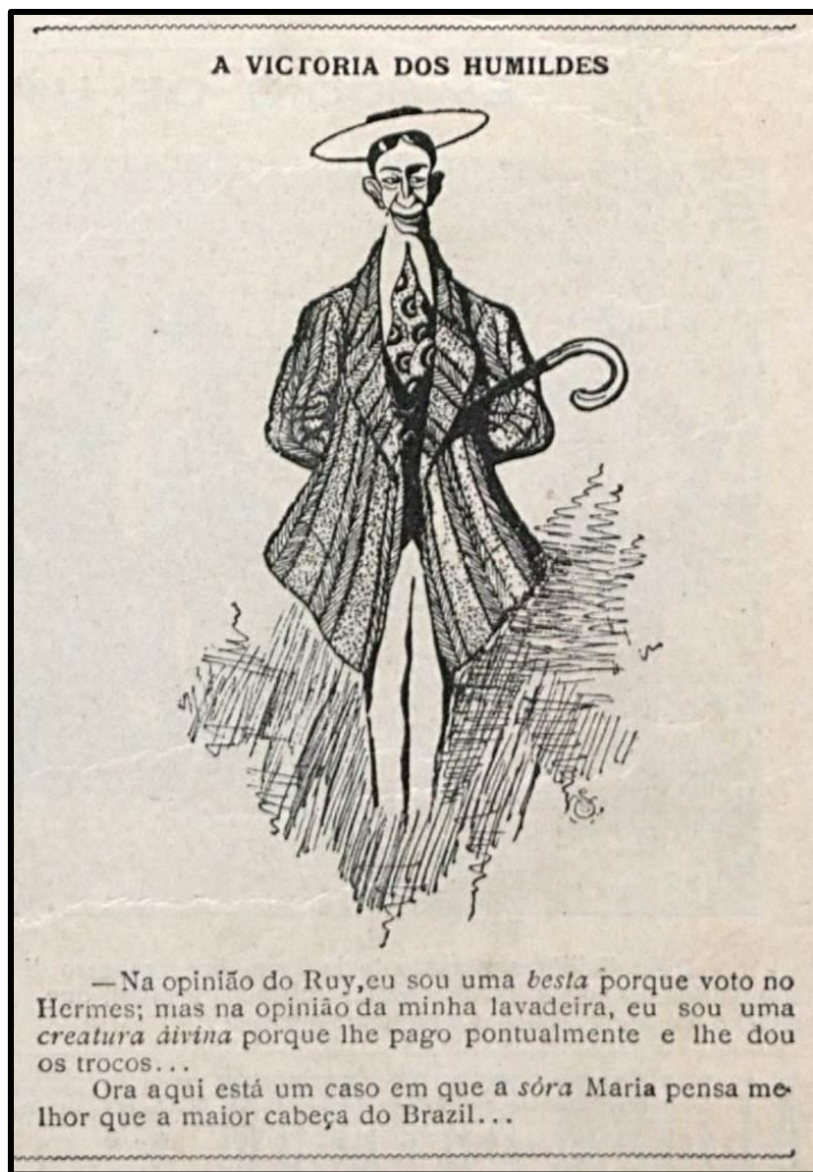


Sob o olhar do Zé Povo e do barão do Rio Branco, a caricatura trazia o desfile do “Cordão carnavalesco flor do civilismo”, em cujos estandartes apareciam estampados “princípios” como “despeito”, “ambição” e “interesses feridos”, em uma “procissão” que só serviria “para desmoralizar a República e envergonhar os seus bons cidadãos”. Visando a dar um caráter popular à candidatura governista, em “A vitória dos humildes”, o magazine trazia cidadão que preferia a opinião de sua lavadeira a de Rui Barbosa. Em “Notícias da Bahia – ecos da peregrinação Rui”, o candidato oposicionista era apresentado como a vociferar “palavras revolucionárias” em sua estada na sua terra natal. A apreciação de Rui Barbosa quanto aos eleitores de Hermes serem considerados “bestas”, ao passo que os seus seriam “criaturas divinas” era debatida no diálogo entre um indivíduo e um juiz, que preferia chamar os votantes do civilismo de tolos. Em um restaurante, Irineu Machado exigia um prato que contivesse uma “língua quente”, em referência à verborragia atribuída aos civilistas. O excessivo palavrório imputado ao civilismo era ressaltado por um clérigo em “Sapientíssima opinião”. Mais uma vez caricaturado em “Depois do regresso”, Rui Barbosa mostrava-se preocupado com a concretude dos apoios emitidos por meio de telegramas. O discurso proferido por um hermista apontava para os excessos verborrágicos do civilismo, considerando que a candidatura governista venceria “pela inépcia dos adversários”⁷¹.

⁷¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 26 fev. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



QUESTÃO DESLINDADA

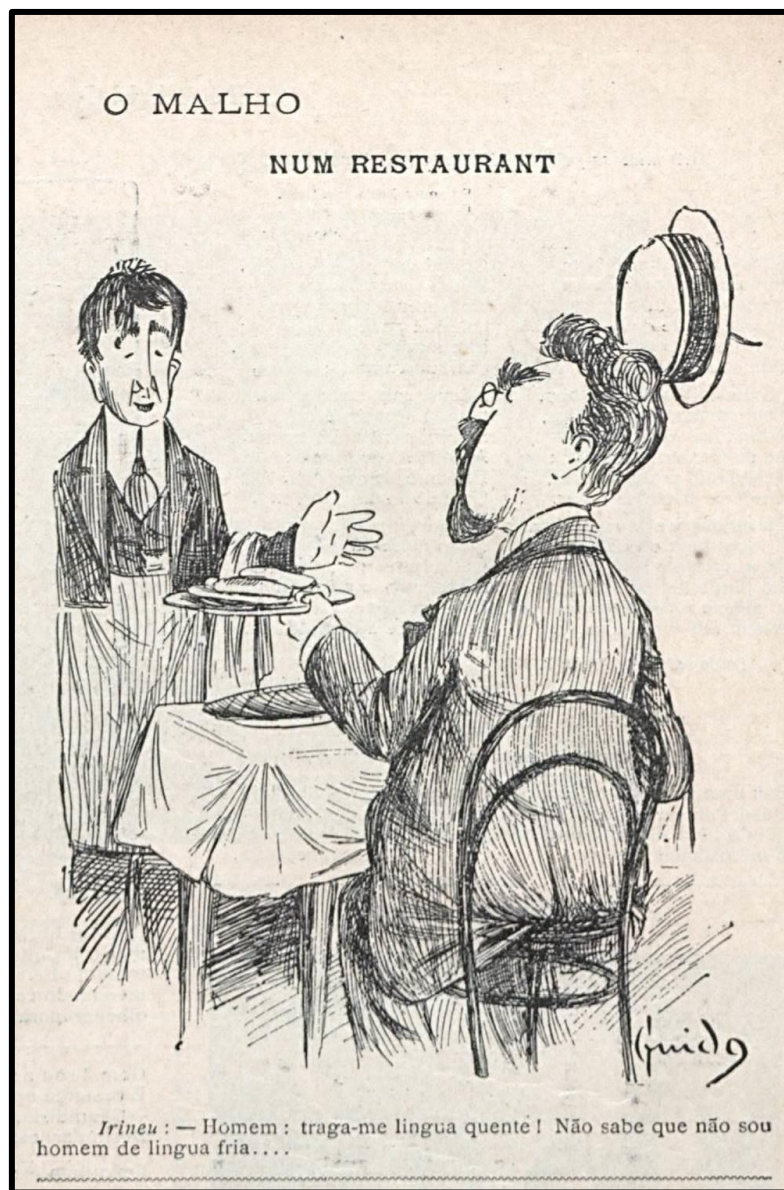


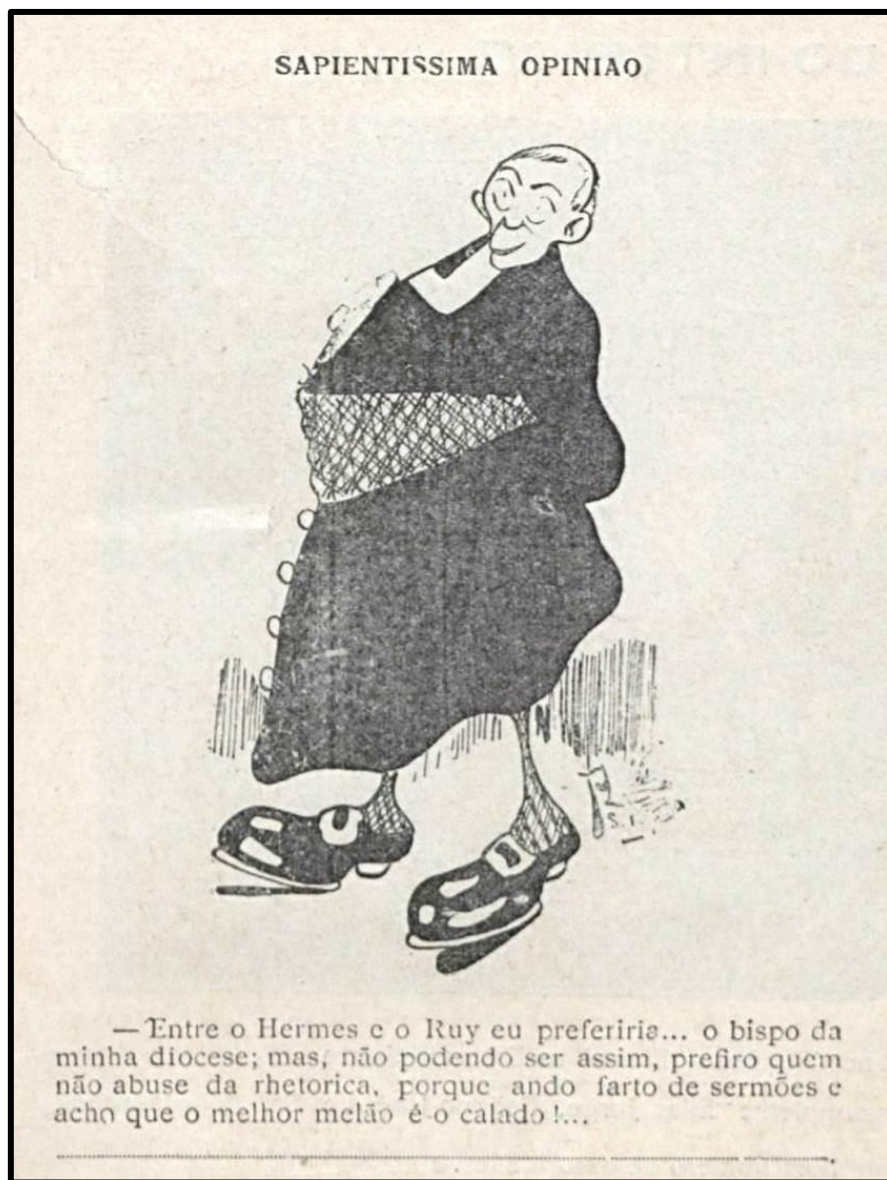
— Faço-o juiz nesta questão : O senhor acha justo que o Ruy Barbosa chame de «bestas» os que votam no Hermes e de «creaturas divinas» os que votam nelle ?

Juiz :—Lá quanto ás «bestas» tenho minhas duvidas... mas, quanto ás *creaturas divinas*, a sentença d'elle é exacta, pois já diz o cathecismo :

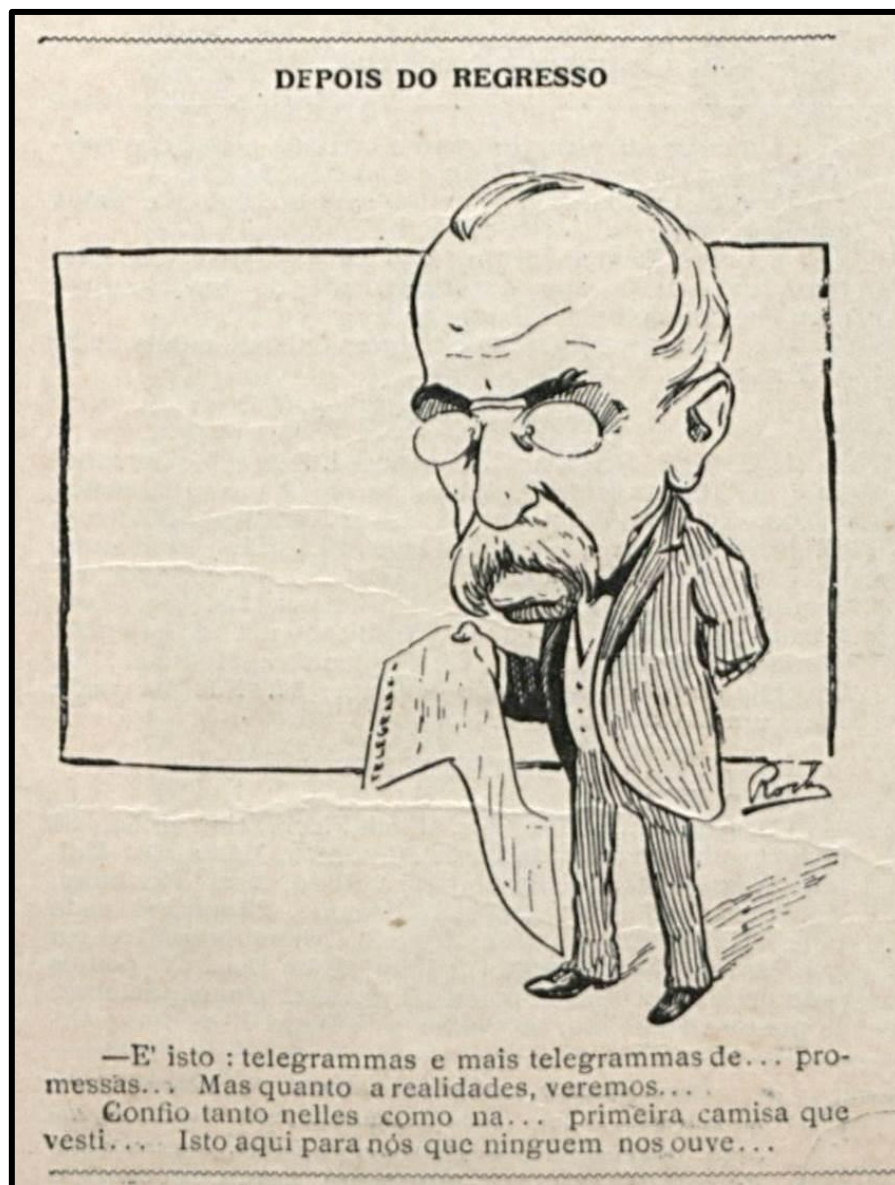
Bemaventurados os pobres de espirito (os tolos), porque d'elles é o reino dos céus !!!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



NA TRIBUNA E NAS BOCHECHAS



-- Senhores! São os que se dizem «preparados» que levam a escoucear os homens que, em politica, lhes são adversos... O proprio Ruy, que é «preparadissimo», já desceu a essa categoria esbravejante, chegando aos maiores desaforos e a insinuar num discurso na Bahia que quem fosse inimigo da sua candidatura era *besta* e quem o não fosse era *creatura divina*....

Quando um homem chega *aquillo*, nós, hermistas, devemos dar graças a Deus por termos a campanha vencida pela inepecia dos nossos adversarios....

E' o dedo da Providencia, em tudo!...

Na capa da primeira edição posterior à eleição, *O Malho* fazia mais uma vez referência à vitória de Hermes da Fonseca, a qual era mostrada como um “estouro da bomba”, com o Zé Povo dando um tiro com o canhão da eleição, lançando uma bala explosiva que fulgurava acompanhada pela inscrição “Viva o Hermes”, afugentando os civilistas, que escapavam espavoridos, junto de uma série de ratazanas, mais uma vez associadas à propalada corrupção em meio aos oposicionistas. Na página de abertura do periódico, Hermes já aparecia comodamente sentado na cadeira presidencial, despertando a ira de Rui, indignado por ter de sentar-se ao chão, enquanto o Zé Povo soltava foguetório, comemorando, e oferecendo ironicamente um título honorífico ao perdedor, como um lenitivo à derrota. A folha também fazia chacota com um possível apoio de pessoas empregadas em serviços domésticos à candidatura civilista. Em uma gangorra, sob a vista do Zé Povo, os esforços de Barbosa, só serviam para elevar ainda mais a candidatura hermistista. Em “Ambição de ‘chuva’”, um bêbado mostrava-se aliviado por terem passado as eleições, podendo ele, a partir de então, a poder cuidar de si mesmo. Os interesses pessoais sobre os nacionais ficavam expressos em caricatura na qual um civilista renegava sua filiação política, passando, desde a derrota, a buscar obter uma colocação no serviço público. Frente a um possível espocar rebelde por parte dos civilistas, um indivíduo dizia que eles já tinham feito a “revolução” na cabeça das pessoas, “com as suas terríveis mentiras”⁷².

⁷² O MALHO. Rio de Janeiro, 5 mar. 1910.



CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



NA VESPERA DA ELEIÇÃO

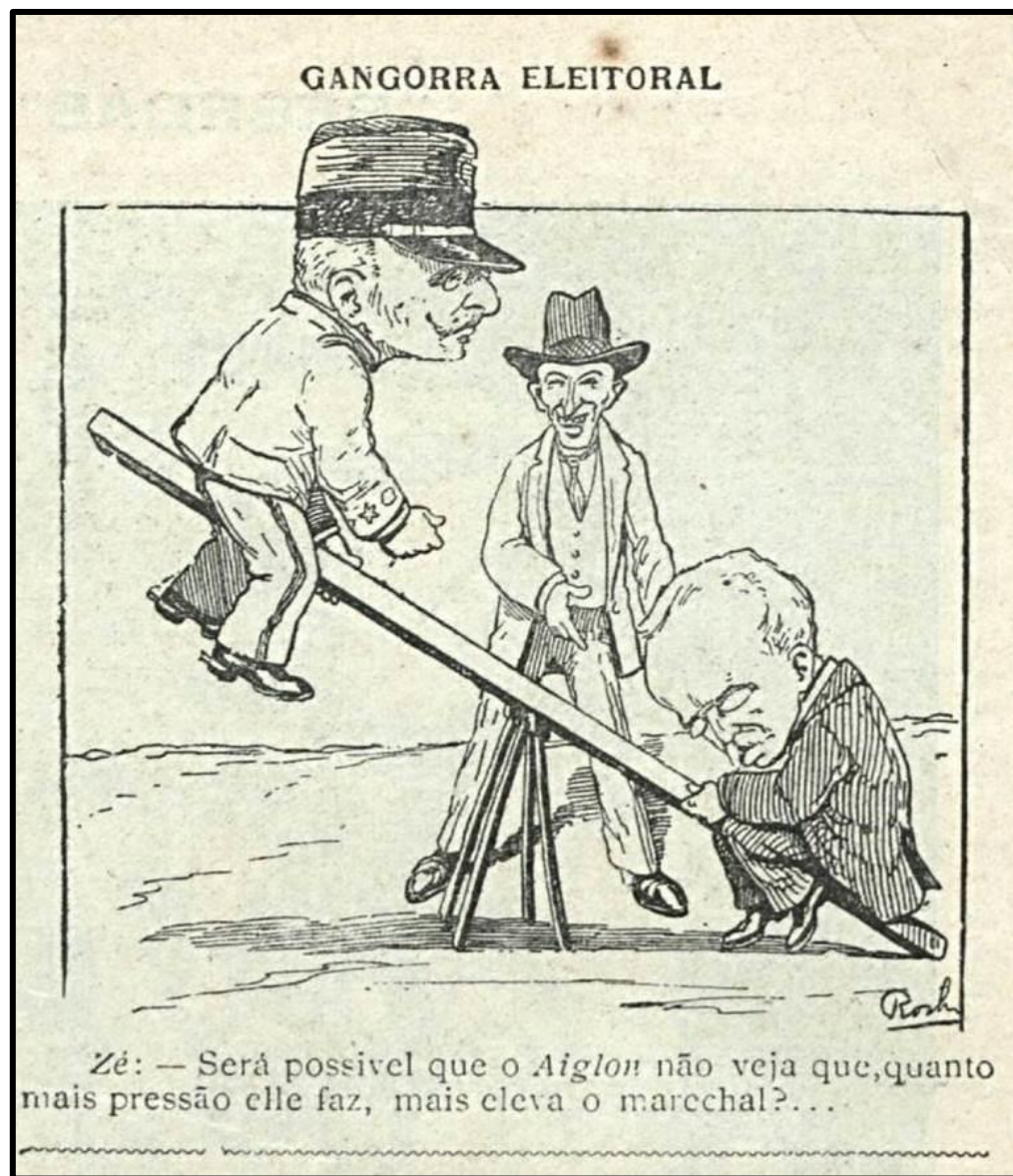
«O senador Ruy Barbosa recebeu uma manifestação de cerca de 100 pessoas de ambos os sexos, empregadas no serviço doméstico, sendo orador oficial o Sr. Irineu Machado.»—(Dos jornais).

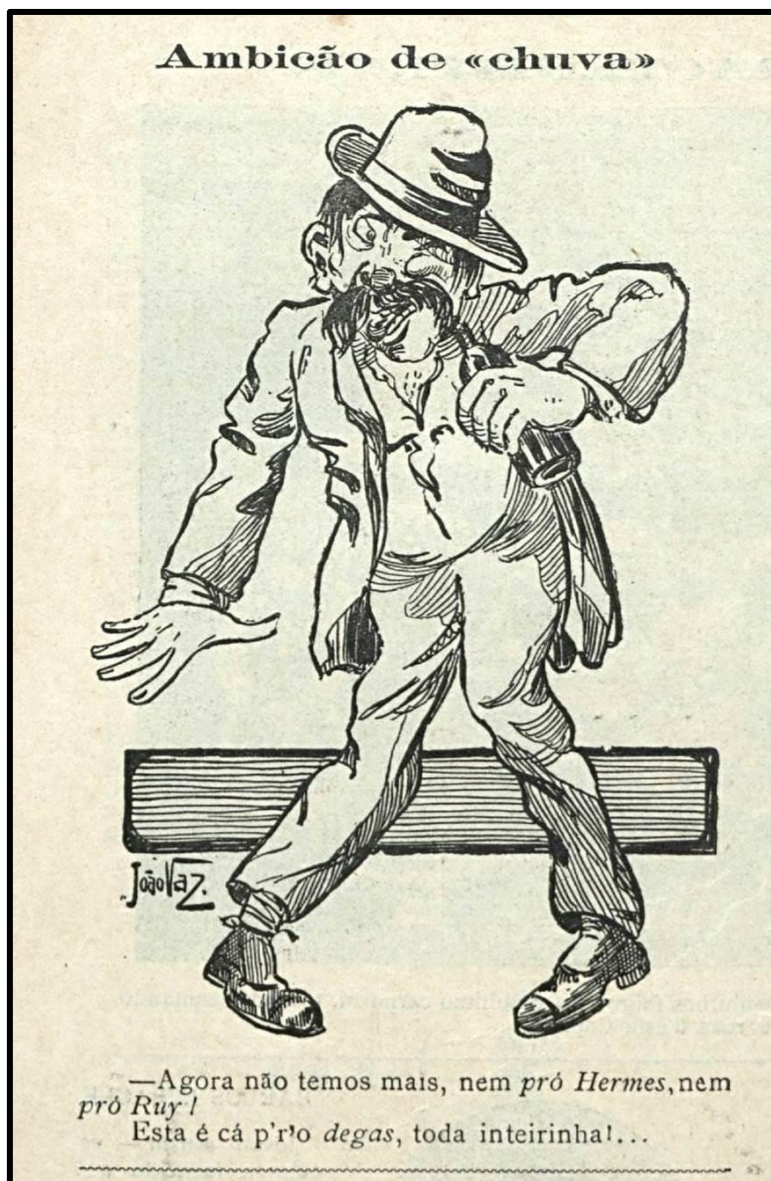


Irineu (solemne): — Eis aqui, genial mestre, mais uma prova da nossa força incommensuravel, da força do civilismo! São as vassouras e as panelas, são os fogões e as taboas de esfregar, que se revoltam contra a espada! Não ha mais que hesitar! Tremam os adversarios!

Uma lavadeira entusiasmada: — Fogo nelles! Si houve quarquê, desastre eu me acommetto a lavá de graça as peça que mais soffrê c'o'susto!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





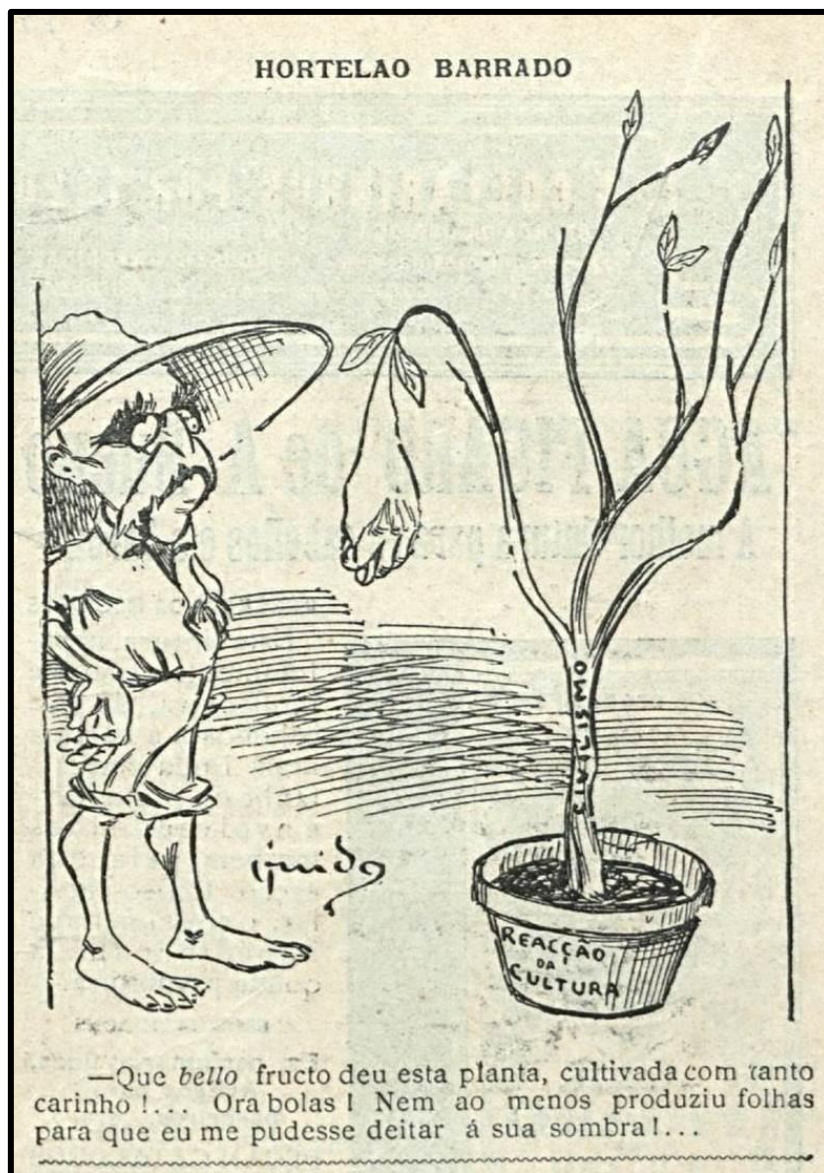




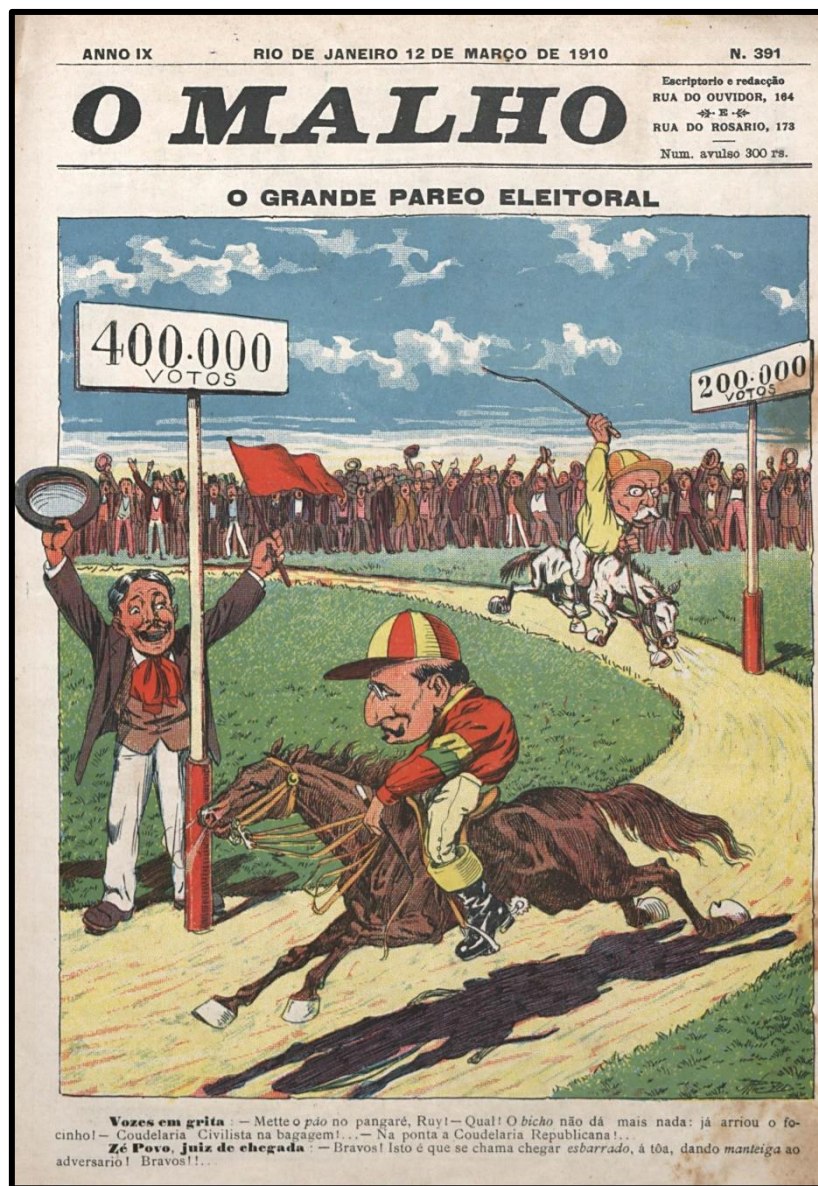
Rui aparecia também como um jardineiro que pretendia descansar à sombra da planta que cultivara, embora a mesma representasse o civilismo e encontrava-se murcha, pronta para perecer⁷³. O resultado das eleições foi representado por meio do “grande páreo eleitoral”, no qual o jóquei Hermes, com seus 400.000 votos, chegava muito à frente de Rui, com 200.000 votos, aparecendo o Zé Povo como “juiz de chegada”, comemorando esfuziantemente a vitória do candidato governista. A malversação do dinheiro público por parte dos civilistas, para sustentar os seus representantes na imprensa e a promoção da agitação, continuava sendo denunciada pela publicação carioca. Segundo o periódico, os civilistas paulistas estariam se vendo em maus lençóis após a derrota, situação que ficaria ainda mais complexa com as supostas manifestações em favor do viés revolucionário. A caminhada em direção a uma vitória que não se confirmou era representada por uma carroça que levava Rui, estando desgovernada e puxada por uma mula desembestada. O enfrentamento eleitoral foi mostrado ainda como um “Futebol político”, na qual Irineu Machado reconhecia a derrota e, caído, não conseguia defender o chute de um eleitor de Hermes da Fonseca. Na caricatura “Entre civilistas”, dois militantes do civilismo permaneciam maquinando possibilidades para promover desvios de verbas públicas. A folha também vislumbrava um “mundo às avessas”, observado pelo olhar de um civilista que invertia o número do resultado eleitoral que confeririam a vitória a Rui, valendo a inversão de sua visão para o conjunto do mundo que lhe cercava⁷⁴.

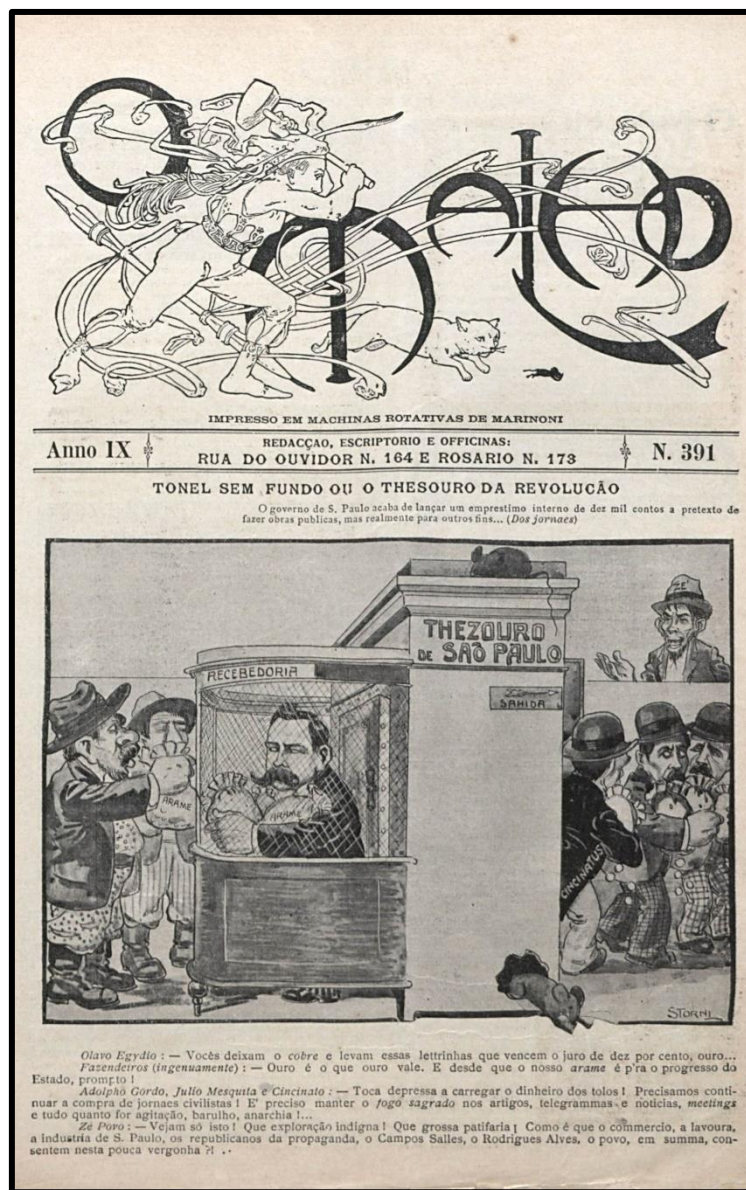
⁷³ O MALHO. Rio de Janeiro, 5 mar. 1910.

⁷⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.

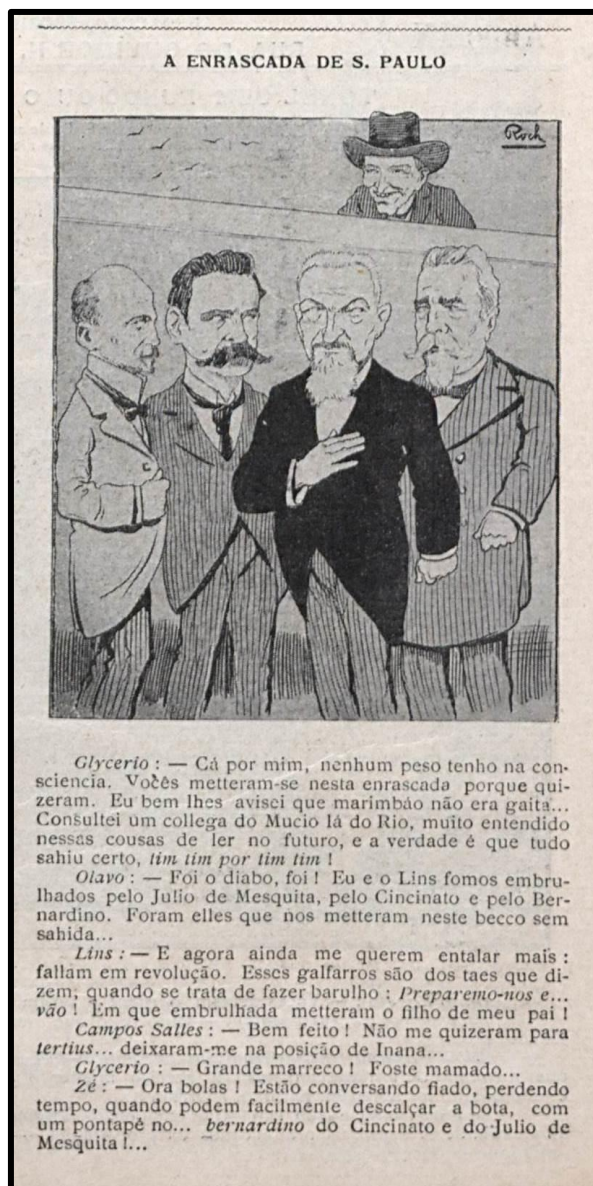


CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



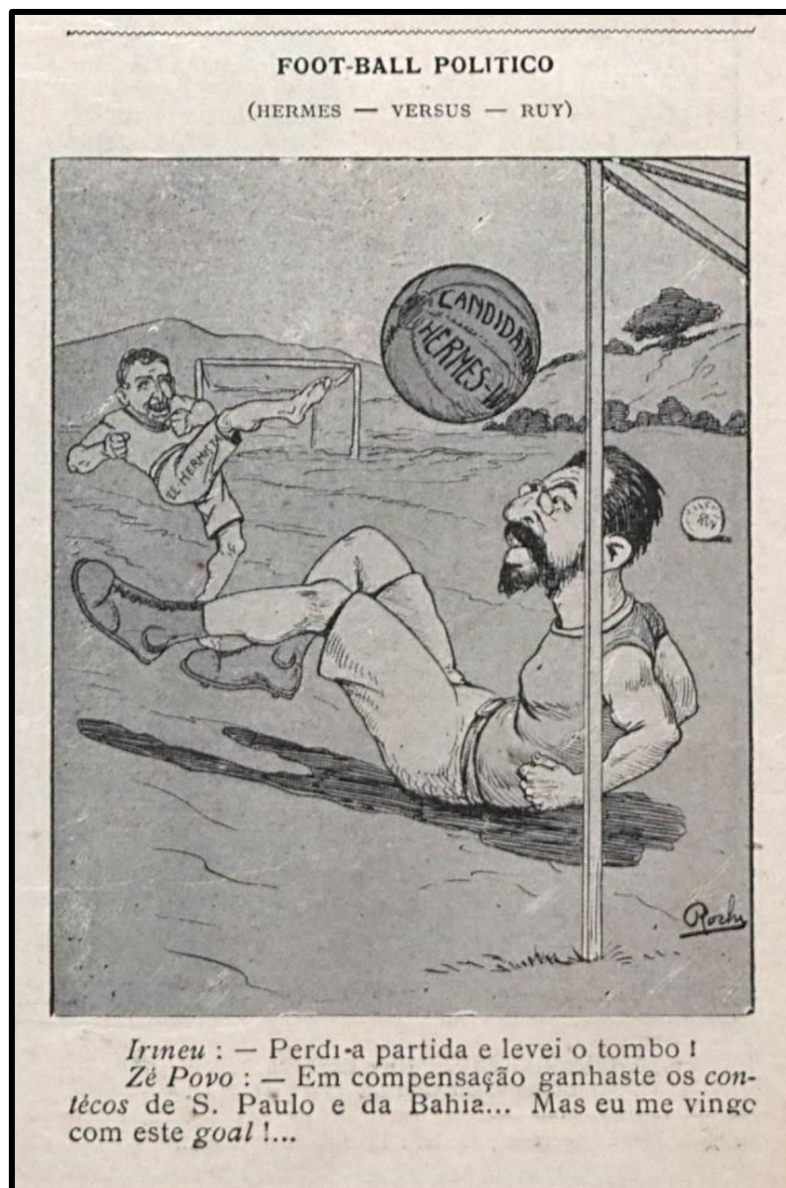
TRIUMPHO ÀS AVESSAS (1)



A «victoria» do Sr. Ruy Barbosa...
Deu com os burros n'agua!!...

(1) Também se pode ler : *Trunfo às avessas...*

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



ENTRE CIVILISTAS

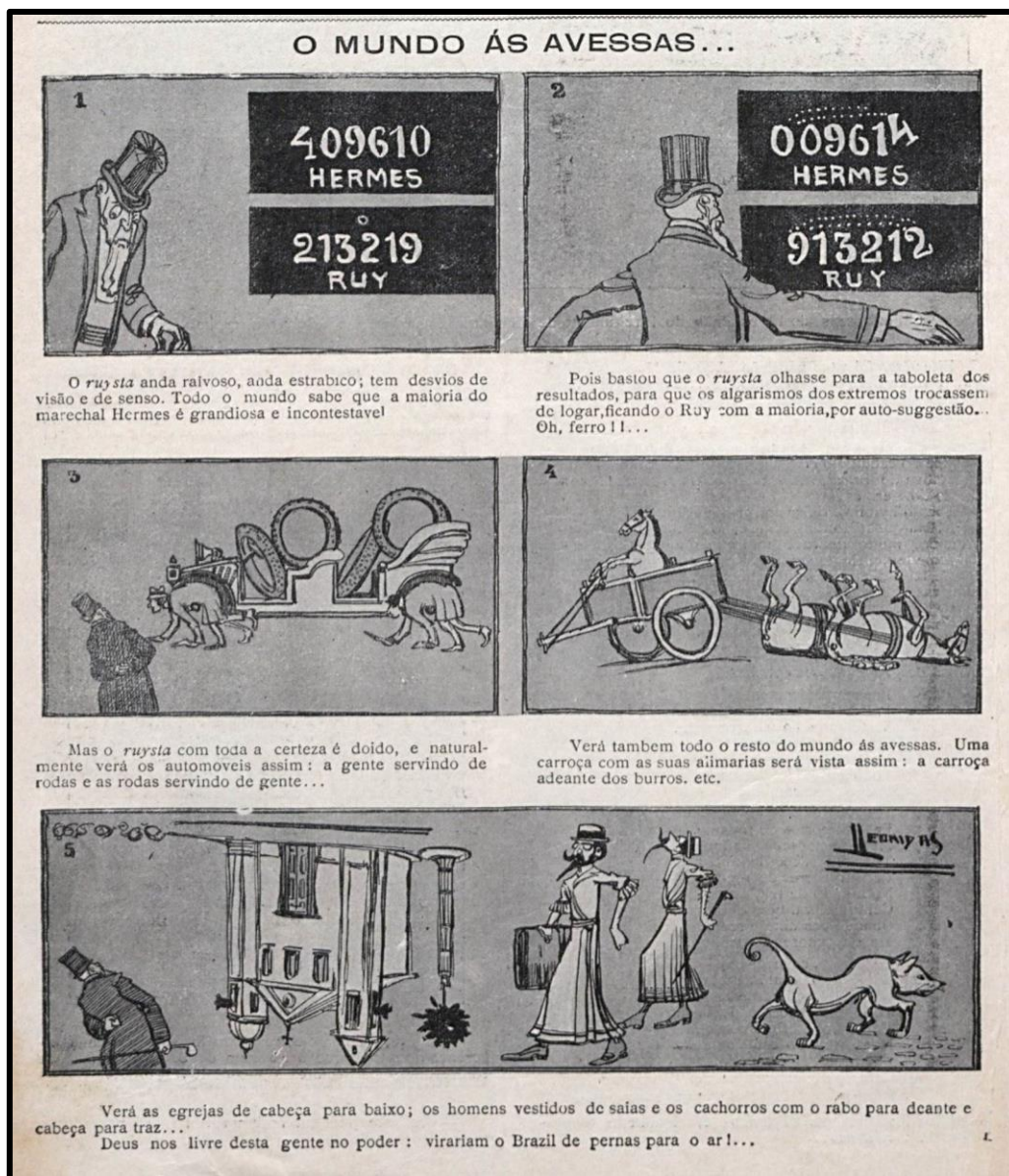


— Agora, meu caro correligionario, só nos resta a esperança do *arame* que o governo de S. Paulo tomar de emprestimo a particulares a juro de 10 % ouro...

— Mas... que é que nós vamos fazer com esse dinheiro... si vier?

— Ora, essa! Mettel-o no bolso... Haverá, porventura, melhor applicação?.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA REVISTA O MALHO



O sarcasmo e a pilhéria para com a derrota de Rui manifestavam-se em “O bocejo do dia”, na qual mostrava um “civilista entusiasmado”, cuja veemência arrefecia e era vencida pelo sono. O Zé Povo era visto como alguém generoso, fazendo uma homenagem fúnebre ao civilismo que, apesar de não ter deixado saudades, seria preciso manter o respeito pelos mortos. A tristeza dos oposicionistas era detectado a partir da “psicologia dos narizes”, que mostrava os civilistas cabisbaixos e meditabundos após saberem o resultado das eleições. Diante dos rumores promovidos a partir da “infernial gritaria dos civilistas”, *O Malho* se propôs a enviar um repórter para entrevistar um profeta, o qual chegou veio a prever que Rui receberia um número incabível de votos, de modo que tão “terrível profecia”, o periódico imaginava jocosamente a retomada do clima de agitação política. A publicação imaginava também uma cena na qual o Zé Povo apresentava uma cantiga na qual enaltecia chistosamente a “derrota vergonhosa” do civilismo. A “candidatura civil” foi simbolizada ainda como uma mulher que, após agonizar na cama com um tratamento ineficaz das “pílulas de Rui Barbosa”, morrera, levando os civilistas à choradeira desenfreada. Os vieses políticos então em pauta foram representados por bandeiras de diferentes cores, no caso, a vermelha, designando a guerra revolucionária, defendida por Irineu Machado; a amarela, defendida a partir raiva de Rui Barbosa e a branca, associada à paz e a Hermes da Fonseca, a qual já contava com o amplo apoio do capital internacional⁷⁵.

⁷⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO

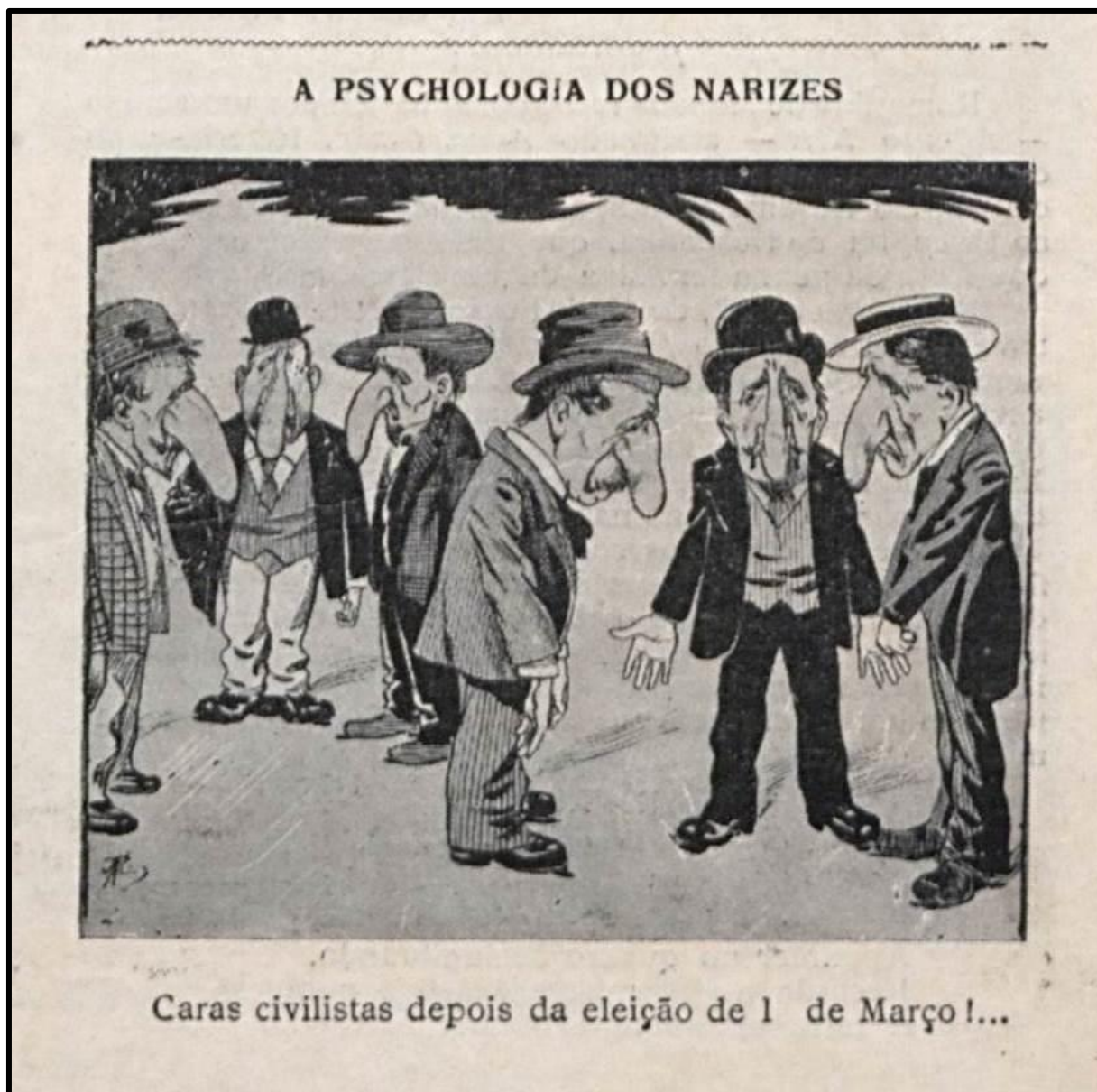


A GENFROSIDADE DO ZE'



— Embora não tenha deixado saudades, é dever humano respeitar os mortos!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



TRAÇOS E TROÇAS

AS PROPHECIAS



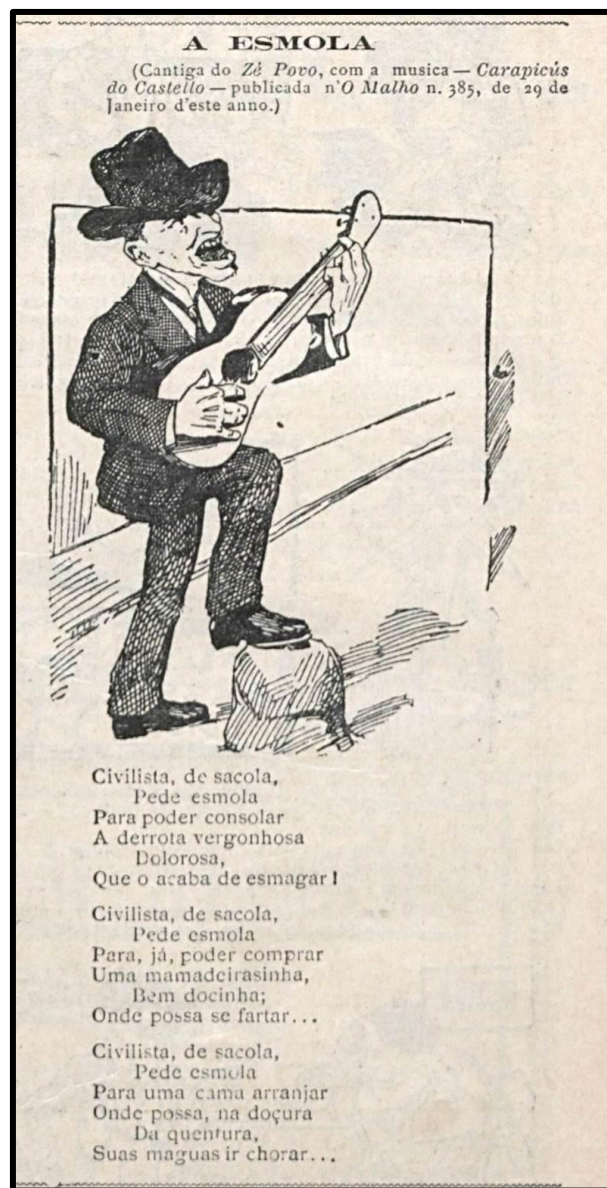
Com esses rumores, com toda essa infernal gritaria dos civilistas, *O Malho* resolveu mandar um *reporter* colher informações seguras. E como os profetas estão em voga, o nosso homem foi procurar o ilustrado Dr. José Pomada, que, em cousas de prophecias, sem palmeiras e sem versos, leva vantagem ao Mucio. Não usa trapalhadas *kabolísticas*. É elegante e moderado.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





**Coitadinha,
morreu!**

Irineu Machado: —
Pobre megera! Ainda tão nova! Enche mol-a de pilulas de ruy barbo, suppondo que produzissem revoluções intestinaes; entretanto, cila com os intestinos estourados!...

Moacyr: — Faltou-lhe a força do churasco...

Medeiros: — E o leite de Minas..

Barbosa Lima: —
E o mei de engenho, de Pernambuco...

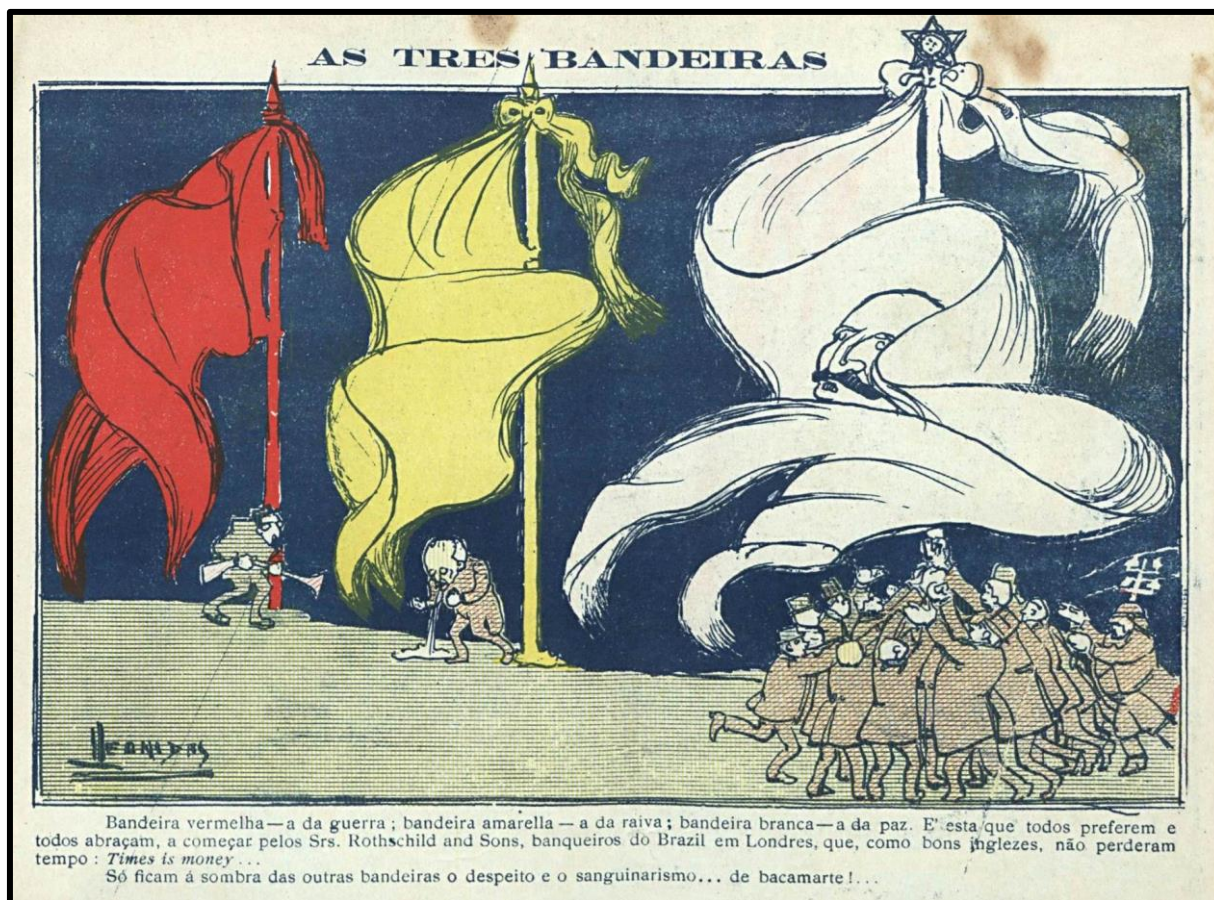
2.º Marcelino: —
Eu só lhe pude dar o meu, do Xangô...

Cincinato Braga, Julio de Mesquita e Gil Vidal: — Coitadinha d'ella!... Tinha tantos protectores ricos, mas, afinal, só nós é que aproveitamos isso..



O MALHO

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



Em "*Chantecler* político", cuja legenda foi publicada em página à parte, vários personagens políticos da época, na sua maioria civilistas, era simbolizados por aves e outros animais, prevalecendo em meio à conversa travada em meio dos animais, o tema da derrota do civilismo. Após a derrota,

Rui Barbosa e o civilismo eram representadas por uma águia decaída que buscava sustentar o voo sobre o “mar das ilusões”, estando condenada ao “ostracismo político”. A folha insistia na perspectiva de que os civilistas não eram apegados a convicções políticas, abandonando-as rapidamente e tornando-se adeptos do ideário vencedor, como aparecia no diálogo entre um civil e um militar em “Um dia depois de outro...”. Irineu Machado voltava a aparecer, furioso com o resultado das eleições, e prometendo manter as agitações para evitar a posse de Hermes da Fonseca. Em uma conversa, quatro civilistas debatiam os rumos do movimento após a vitória de Hermes, chegando a cogitar a perspectiva revolucionária, sem contarem com qualquer crédito de parte do quinto personagem que compunha a cena, o Zé Povo. Sob o olhar triste de Rui Barbosa, uma grande quantidade de civilistas frequentava uma alfaiataria original e moderna para virarem suas casacas, ou seja, mudar suas convicções e opiniões, abandonando rapidamente a causa que até então haviam defendido. Na mesma linha também aparecia um “ex-civilista”, que virava a casaca, apesar de todos os xingamentos que havia direcionado contra Hermes. O caráter volúvel dos civilistas foi também mostrado em conversa entre uma sogra e um genro, na qual este, que sustentara a medalha de Rui durante a campanha, propunha-se a mudar por uma com o retrato de Hermes, após a vitória deste. Apresentando uma “Tourada política”, o semanário trazia o hermismo como um toureiro que submetia o touro do civilismo⁷⁶.

⁷⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



CHANTECLER POLITICO

(LEGENDA DA PAGINA COLORIDA)

Pinheiro Machado (*Gallo de esporas, altivo, rei do terreiro*): — Pobre aguia de Haya! Onde já se viu *garnizê* ter a pretensão de fazer nascer o sol com o seu canto? *Cocoricooooo!*...

Politica (*Faizã, dulçurosa, meiga, etc.*): — Tu, sim, fazes nascer o sol, a cujo brilho mais resplandece a tua bella plumagem!

Ruy (*Aguia, jururú*): — Tive a vertigem das alturas... Com azas de cera ninguém deve approximar-se do sol...

Albuquerque Lins (*Perua*): — Não foi por falta de milho! Todos estão com os papos empanturrados, mas... minha alma é triste!

Carlos Peixoto (*Gallinha*): — Decididamente, quem nasceu para gallinha nunca chega nem a pinto... Quem me dêra ser gallo, ao menos um dia!...

Barbosa Lima (*Mochó*)—Cruzes! Dizem que sou ave agoureira, mas foi esse melro que botou a perder todo o gallinheiro. Admira sómente que ainda não tenha havido sangue...

Irineu (*Melro de bico amarello*)—Aguia sublime! Super-homem! Divina creatura! Não esmoreças! Corta os ares, alça o teu vôo, nega que o sol brilha e vencerás!...

Ruy (*Aguia*)—Tarde piaste, meu melro! Foste tu que me metteste nesta embrulhada! Como é triste cahir!

Moacyr (*Gato*)—Bonito! Fiquei lambendo os vidros por fora!

Gil Vidal (*Rata choca*)—Já lambi o que podia. Agora podem ir todos lamber sabão. Eu adhiro, quando chegar a hora...

Julio Mesquita (*Ratazana*)—Como é bom morar dentro do queijo! Dou cabo de todos os ovos, enquanto o gallinheiro estiver revoltado!

Monteiro Lopes (*Gallinha d'Angola*)—Que pena não ser gallinha branca! O raio do gallo está todo derretido...

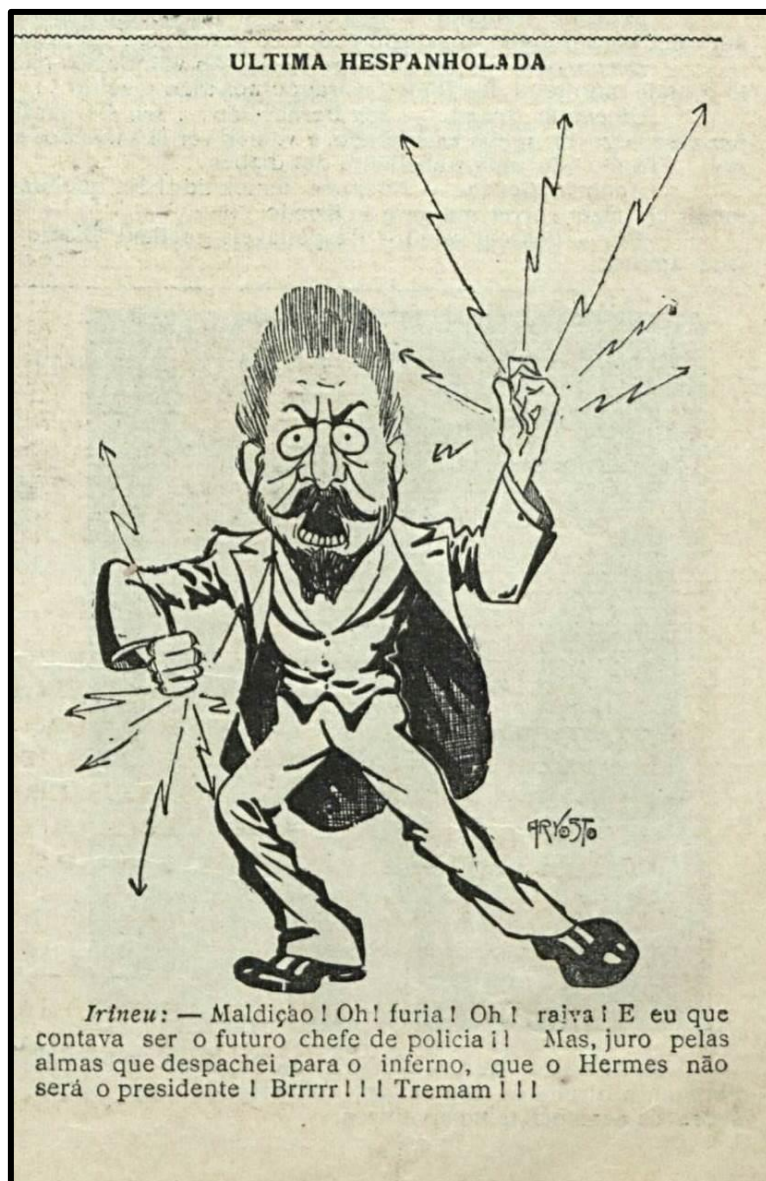
Galeão Carvalhal (*Sapo*)—Justo castigo! Eu estava nas aguas hermistas... Quem diabo me mandou metter-me com estas *aves*?!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO



O MALHO
QUE AGUIAS!



Julio de Mesquita : — Seu chefe, si amollecemos perdemos a cartada ! Agora temos de ir para a revolução, para a separação, para o diabo, mas não podemos recuar... Aqui, como na roleta, somente um golpe de audacia nos pode salvar !

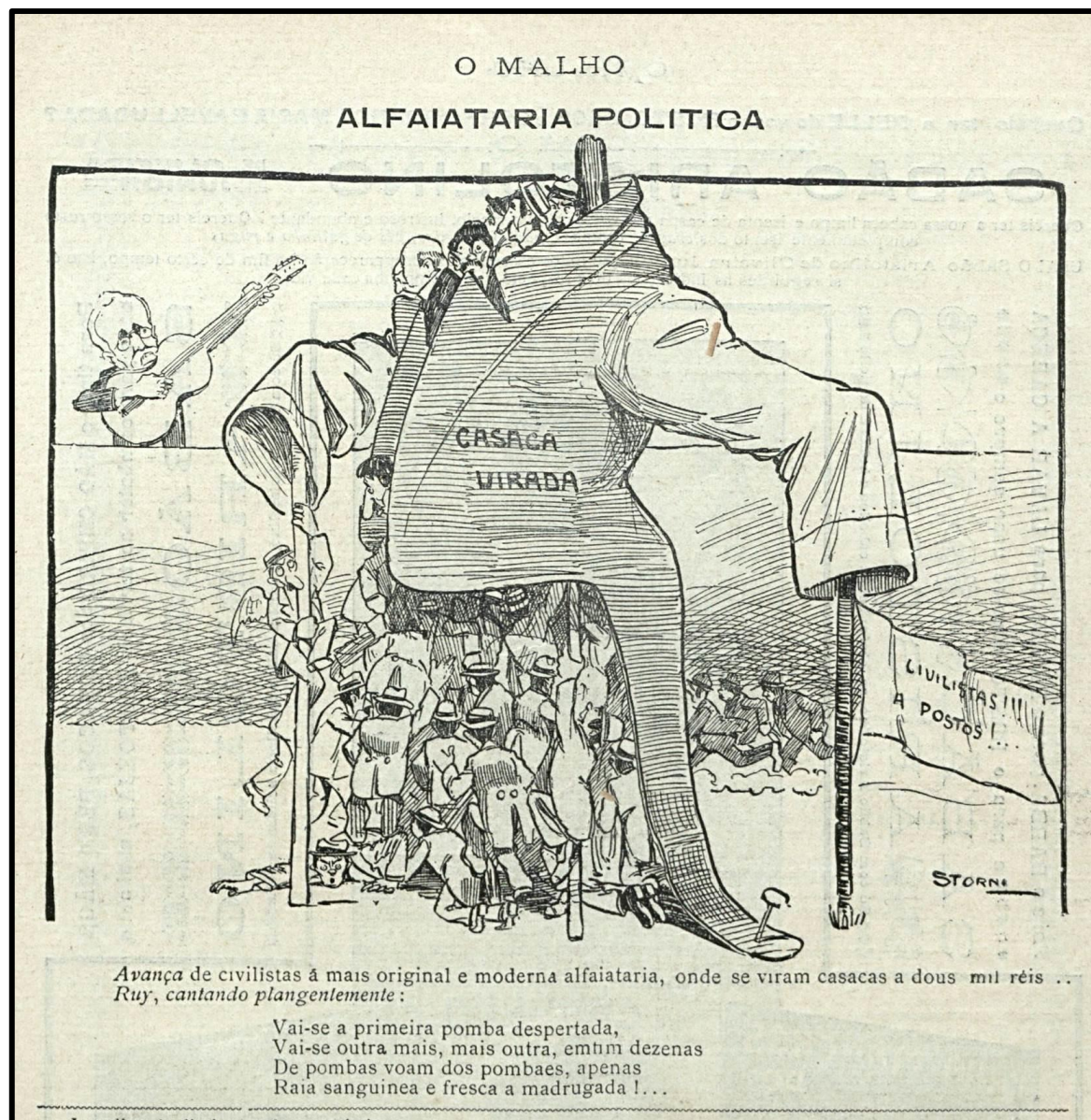
Bernardino : — Só um cego é que não vê que nós não estamos em bons lençóis ! Você, principalmente, com aquela grande maroteira dos Pilões, estragou-nos todo o caldo...

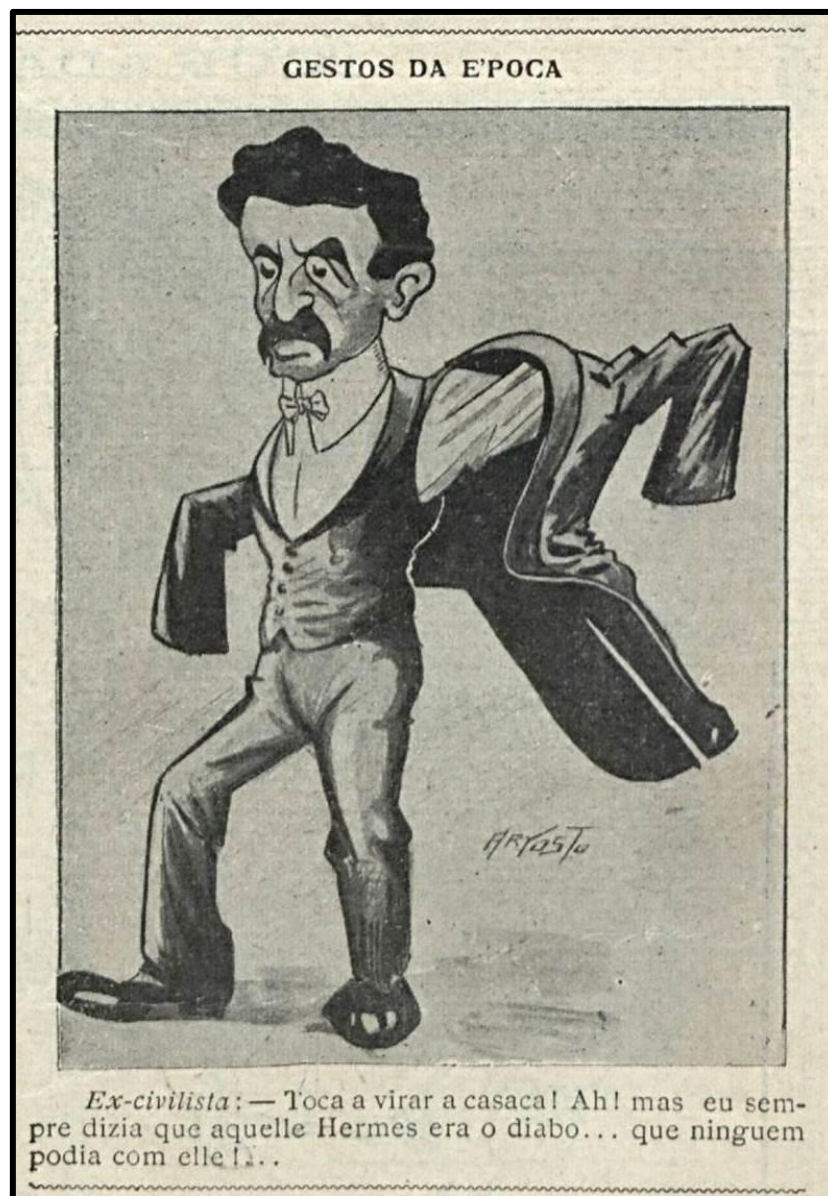
Cincinato Braga : — Seu Bernardino... seu Bernardino !... Em casa de enforcado não se falla em corda ! Deixe em paz esse negocio que já está furado, e vamos ver si salvamos alguma cousa mais, si a campanha ainda rende mais uns póses... Tenho tido uma trabalhadeira dos diabos...

Adolpho Gordo : — Nós, nós temos tido ! Na qualidade de pagadores das tropas civilistas não temos tido mãos a medir em fazer correr o arame do Estado...

Zé : — Pessoal sarado ! Respeitaveis guellas ! D'esse arame que tem corrido, quanta borra não terá ficado?... Que aguias!...

CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





QUOD ABUNDAT... PRPIDICA

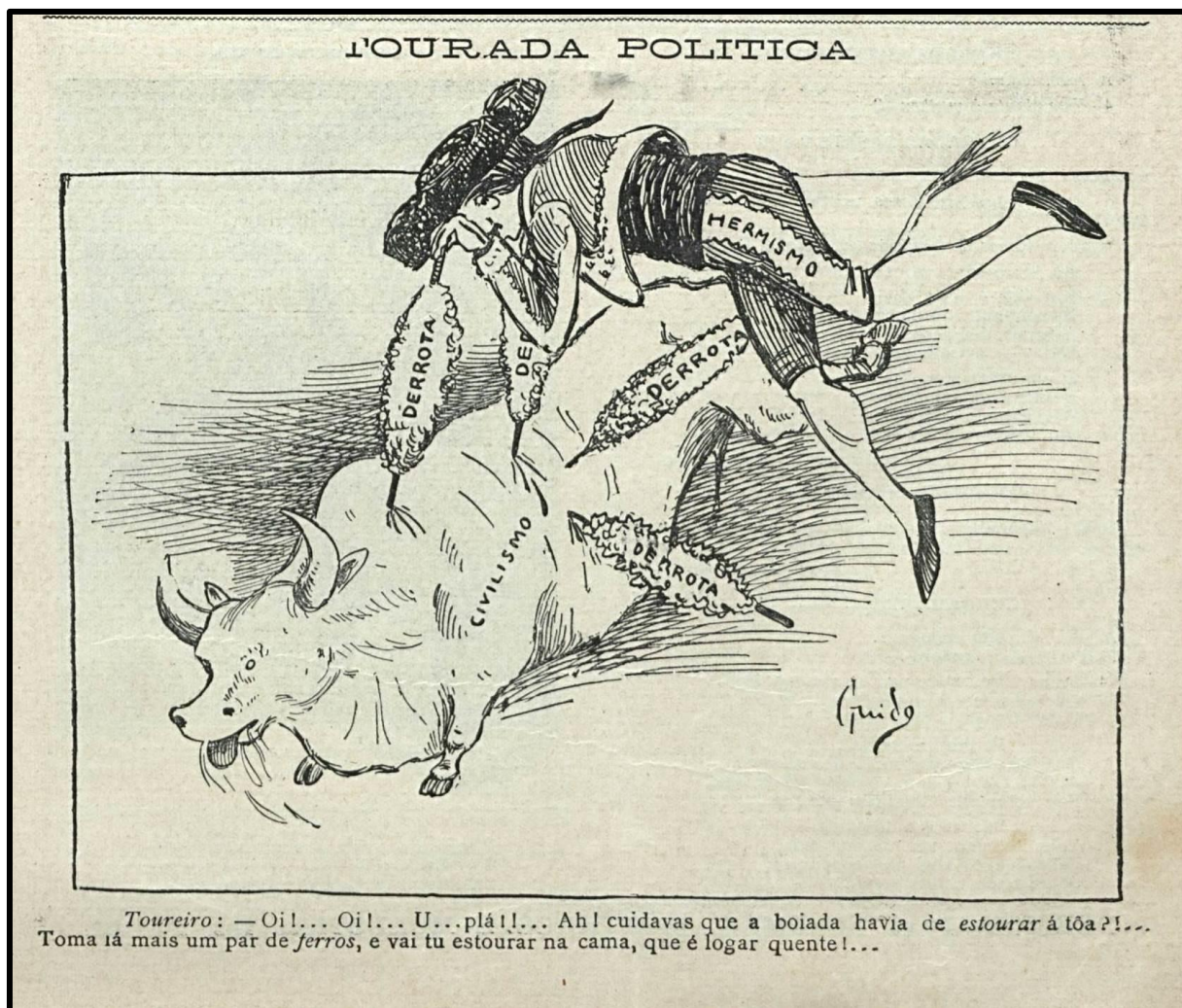


A sogra: — O senhor é um malvado, um bandido! Fez-me andar com a medalha do Ruy Barbosa ao peito, mas afinal, quem foi eleito foi o Hermes! Isso não se faz, ouviu?

O genro: — Oh! senhora, não precisa se zangar!

Eu já tenho 20 medalhas com o retrato do Hermes e vou lhe dar dez...

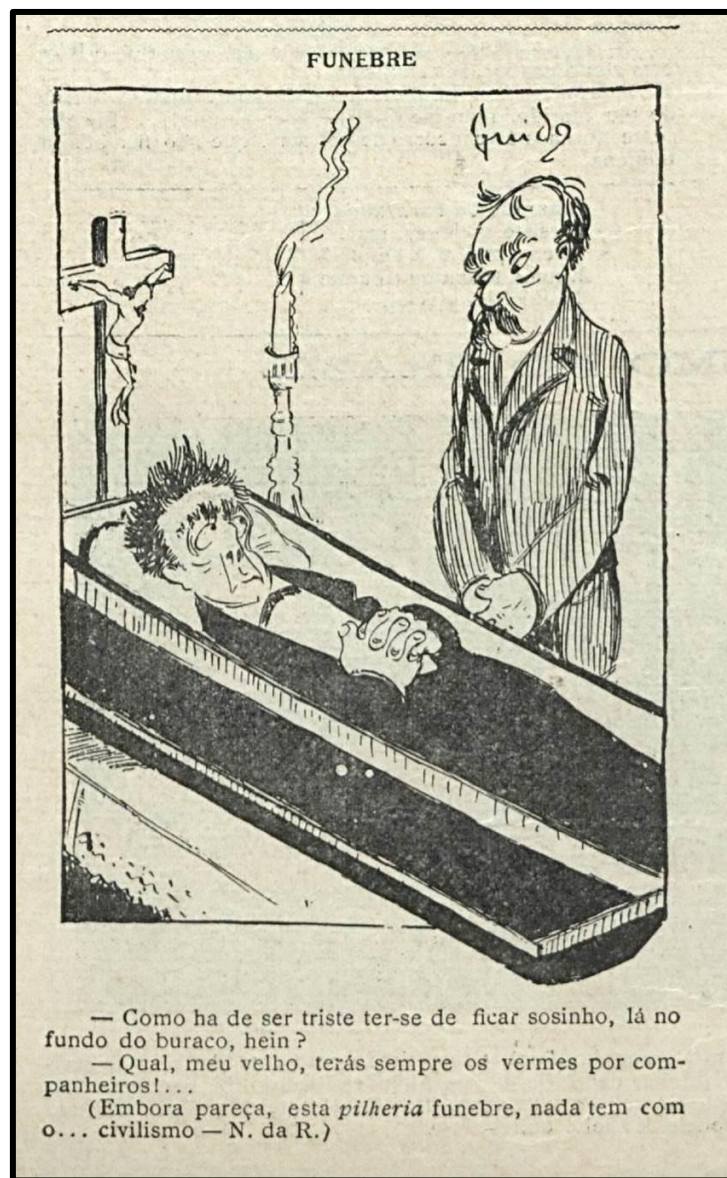
A sogra: — Tantas... para quê?! Ou o senhor pensa que eu sou mostrador de photographia?!...

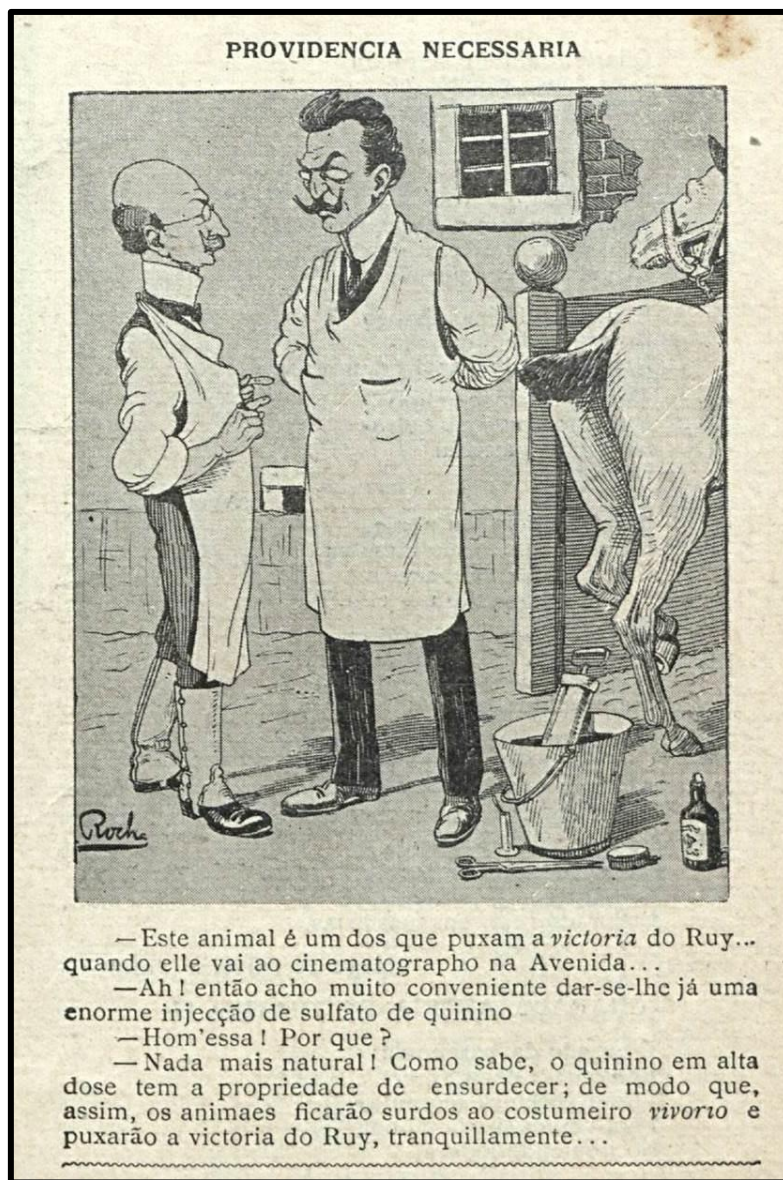


Em uma improvável conversa entre o defunto em seu velório e um convidado do enterro, surgiam comentários acerca das tristezas da solidão que

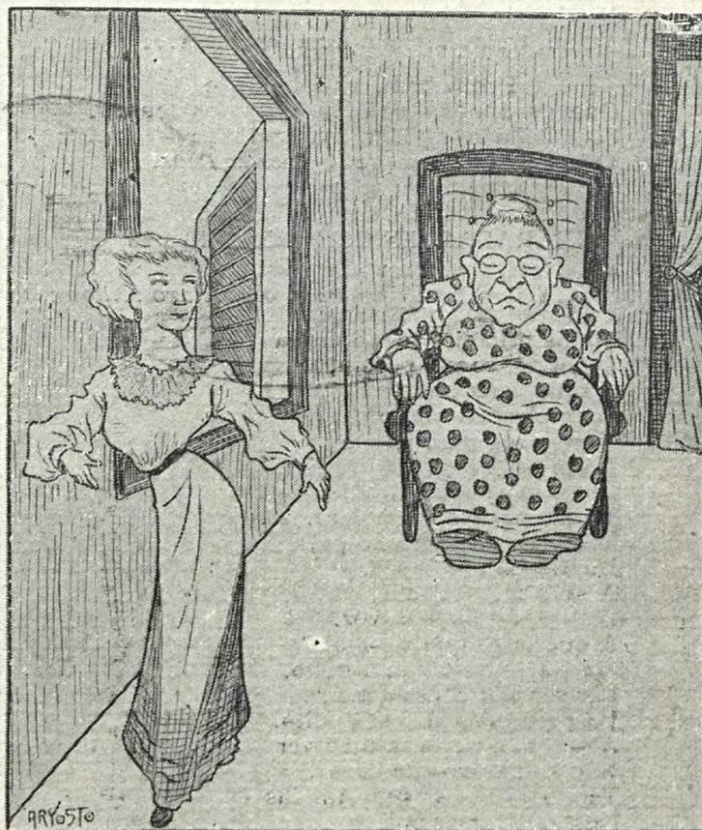
acompanharia a finitude da vida, sem que deixasse de ser publicada uma “nota da redação”, a qual explicava jocosamente que, “embora pareça, esta *pilhéria* fúnebre nada tem com o... civilismo”. O humor também predominava no tratamento medicamentoso indicado para um cavalo que conduziria Rui Barbosa e sua suposta propensão ao palavrório. Demonstrando a voz da experiência, a folha apresentava uma senhora conversando com a filha acerca dos erros políticos do marido desta, por apoiar o civilismo e por acreditar na imprensa civilista, que estaria a garantir a vitória eleitoral de Rui Barbosa. A publicação chegou a mostrar um civilista, que, “como muitos”, traía a causa, votando no adversário, no sentido de satisfazer seus interesses pessoais. A respeito da propalada agitação que os civilistas promoveriam no dia da eleição, o periódico destacava um homem “previdente”, que alugara uma casa na qual o risco de ter os vidros quebrados era menor. A campanha eleitoral civilista no dia da eleição, segundo o semanário promovida por meio da violência e da coerção, era designada a partir de um cabo eleitoral que se utilizava, para o convencimento dos eleitores, de um revólver e de um punhal, para espanto do zé Povo que acompanhava a cena. A última visita de Hermes da Fonseca em sua campanha política, empreendida ao Rio Grande do Sul, era lembrada pelo magazine associando o candidato a um objeto tipicamente utilizado pelos gaúchos, ou seja, a cuia e a bomba que serviam para o consumo do chimarrão, havendo ainda a fumaça do “entusiasmo”, para demonstrar a suposta popularidade que o marechal teria contado nas terras sulinas⁷⁷.

⁷⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 12 mar. 1910.





SABER D'EXPERIENCIA FEITO

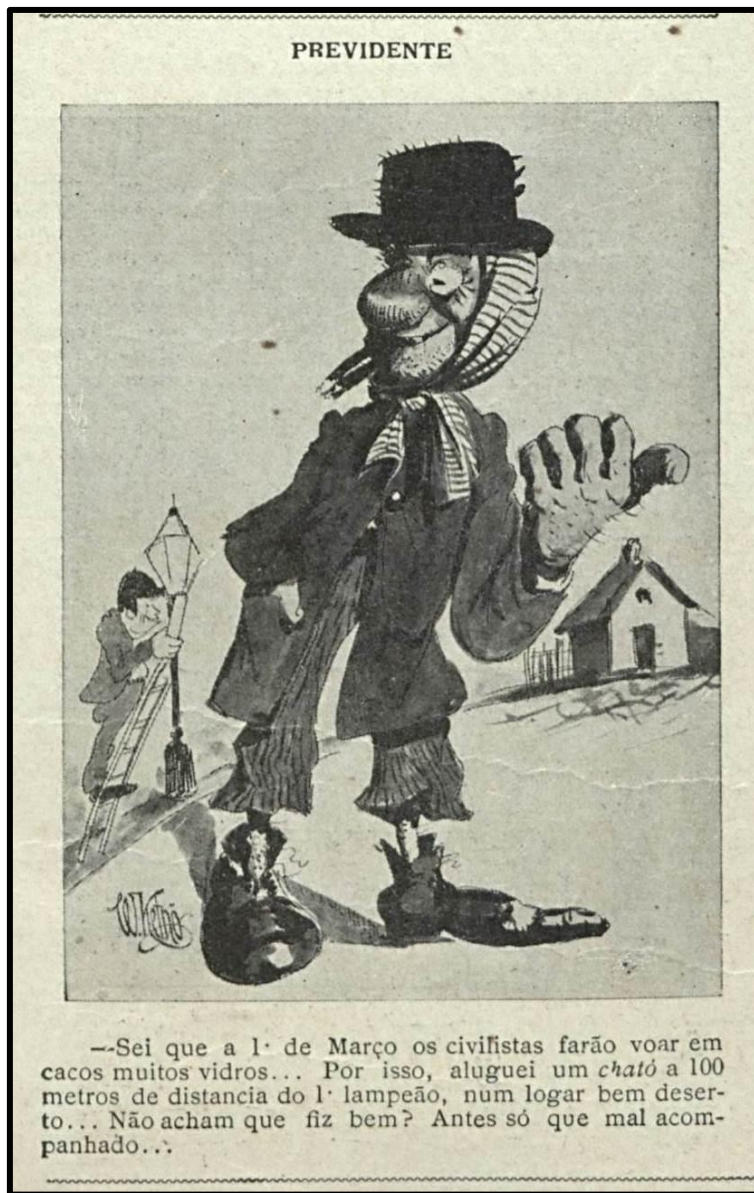


A velha: — Eu não dizia que teu marido era um idiota? Enterrou-se na política até os cabellos, e, agora, eleito o Hermes, ficou com o nariz de palmo e meio...

A moça — Mamã diz isso porque não sabe que o Ruy está eleito nos jornaes civilistas...

A velha: — Ora, minha filha: não acompanhes as tólices do teu marido, nem me queiras fazer de tola!... Eleição nesses jornaes é «concurso de beleza», que não fica bem a homens...





CIVILISMO X MILITARISMO: A SUCESSÃO PRESIDENCIAL DE 1910 NA CONCEPÇÃO DA
REVISTA O MALHO





Dessa maneira, *O Malho* utilizou em grande profusão a estratégia caricatural para fazer a propaganda de Hermes da Fonseca e, mais ainda para atacar Rui Barbosa e os civilistas. Por meio de um enfoque joco-sério, a revista ilustrada trazia suas ilustrações como o resultado de uma batalha entre os sentimentos e os pensamentos, em um enfrentamento que servia para reforçar o conflito⁷⁸. Ficava então estabelecida uma perspectiva de contradição caracterizada pela abertura e o desenvolvimento de uma situação de argumentação dialógica, surgindo espaço para o desenvolvimento das figuras de oposição⁷⁹. Em tal domínio político, a construção de imagens passava a ter uma razão de ser ao estar voltada ao público, uma vez que elas devem funcionar como suporte de identificação, via valores comuns desejados. Nesse quadro, o éthos político deveria mergulhar nos imaginários populares mais amplamente partilhados, de forma a atingir o maior número, em nome de uma espécie de contrato de reconhecimento implícito⁸⁰. O antagonismo do semanário para com as propostas dissidentes se tornaria comum nas manifestações da folha, com uma recorrente postura de busca pela manutenção do status quo durante processos eleitorais. Assim, conforme dizia o próprio semanário, ele estaria indo ao encontro das “classes conservadoras” e da “regularidade da vida da nação”, mantendo-a afastada dos “abalos e sobressaltos”, que seriam “fatalmente

⁷⁸ SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. In: *Revista História* (São Paulo), n.176, 2017, p. 9.

⁷⁹ CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 129.

⁸⁰ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 87.

causados pelas inovações teóricas”, oriundas de “individualidades apaixonadas”, que tendiam a turvar “perigosamente o senso comum” e mesmo a atirar “as nações no vórtice das aventuras”. De acordo com tal perspectiva, o magazine carioca, ao longo de dois meses e meio, divulgou uma quantidade massiva de caricaturas que serviram muito a contento para sustentar o confronto que a publicação se propôs a manter no sentido de obter a derrota do civilismo.

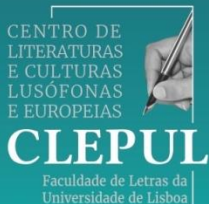


A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

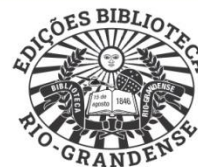


Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



edicoesbibliotecariograndense.com



9 786589 277040

ISBN: 978-65-89277-04-0